

CHIANG SING



MISTÉRIOS E
MAGIAS DO TIBETE

MISTÉRIOS E MAGIA DO TIBETE

CHIANG SING

APRESENTAÇÃO

Tempos atrás, quando publicamos no "Diário de Notícias" e nos "Diários Associados" do Rio, vários artigos sobre nossa viagem ao Tibete, muitos leitores nos escreveram para a direção do jornal, querendo saber como é a vida entre os Lamas, como são seus Templos, seus deuses e suas crenças. (1) Neste livro procuramos satisfazer esta benévola curiosidade. Fomos ao Oriente buscando os donos da sabedoria milenar e seus ensinamentos secretos. Durante esta busca que durou três anos, viajamos pela China, Índia, Nepal e Tibete, entrevistando diversos místicos e magos destes longínquos países. Todavia, nesta obra focalizamos apenas a parte referente ao Tibete - o País das Neves - como é considerado por muitos, que dizem ser o Tibete a pátria do mistério e do impossível.

Como introdução, citaremos alguns dados gerais, por certo já conhecidos pela maioria dos leitores, mas cuja repetição é sempre interessante.

Tibete é o nome de uma terra montanhosa na Ásia Central. O nome dado ao Tibete pelos seus primeiros habitantes é "P'O" ou "BOD", que significa o "País das Neves". Tem cerca de 1.255.000 quilômetros quadrados, onde vivem três milhões de habitantes de origens étnicas as mais diferentes. Chineses, turcos, mongóis, misturam-se com os habitantes "mon" aborígenes de outras regiões e os remanescentes da invasão indo-ariana, que ocorreu na Índia milhares de anos atrás.

A população entrega-se à agricultura nos vales e à criação de cabras chamadas "Dzo" de cavalos de várias raças e de um tipo de jumento muito forte, o "Kyang", que é o grande veículo de transporte nos estreitos caminhos das montanhas.

Sabe-se que até o século VII da nossa era, o Tibete vivia isolado dos seus vizinhos. A única religião era uma espécie de panteísmo mágico com sacrifícios oferecidos aos deuses que vagamente representam as forças da Natureza, e seres encantados. Estes seres encantados ou elementais, têm grande semelhança com a crença e os ritos umbandistas do Brasil, onde os verdadeiros "orixás" são sempre seres encantados que nunca encarnaram e os "exús" vêm a ser muito parecidos com os "Tísas" - demônios ou semideuses tibetanos, que se alimentam do sangue dos animais sacrificados em sua homenagem.

No século VII, reinava no Tibete, Sang Tsen-Gampo, e este rei, no decorrer de suas guerras de conquistas, acabou casando com duas princesas: uma chinesa e outra nepalesa. Ambas eram budistas fervorosas, e conseguiram fazer com que o rei deixasse seus ritos sanguinários e se convertesse ao Budismo. Song Tsen Gampa resolveu então enviar um emissário especial à Índia, a fim de trazer livros e objetos sagrados. Este emissário teve um papel de destaque na história cultural do Tibete, pois além dos livros, trouxe consigo a gramática e o alfabeto. Mas foi um outro rei que trouxe para a Tibete o célebre sábio budista Padma Sambhava, da Universidade de Nalanda, na Índia. No ano 747 veio ele para o Tibete com suas duas esposas. Foi ele o grande instrutor da religião tibetana e tornou-se conhecido como o Guru Rimpoche. Tinha grandes poderes místicos e conseguiu dominar os feiticeiros "Bon". Sendo uma religião de total tolerância, admite o Budismo no seu panteão as mais diversas divindades tibetanas, disso resultando um sincretismo religioso, que constitui a escola Vajra-Yana, isto é, o Lamaísmo. Esta religião caracteriza-se pela mistura de ritos mágicos e cerimônias que produzem verdadeiros milagres. Um terço da população masculina do Tibete pertence ao sacerdócio. (2) O Dalai Lama é o seu chefe simbólico e corresponde ao Papa. Diz a tradição que até bem pouco tempo viviam no Tibete os "Senhores do Conhecimento Secreto", os misteriosos sábios que possuem em seus arquivos a verdadeira história dos lendários continentes desaparecidos: Lemúria e Atlântida - bem como a história da humanidade futura, da qual eles tiveram uma bela visão intuitiva. Diz outra tradição oriental, que estes sábios viveriam no Tibete enquanto os estrangeiros não invadissem o seu país. Sem dúvida, este deve ser o verdadeiro motivo pelo qual o Tibete foi uma terra inacessível para os estrangeiros durante séculos.

Com a invasão do Tibete em maio de 1950, provavelmente estes sábios misteriosos deixaram o Teto do Mundo, pois sabiam que isto seria o sinal de que ciclo da evolução tinha mudado para o Ocidente. Esta invasão do Tibete foi prevista pelos "tsipas" ou 'astrólogos tibetanos no ano de 1850 e escrita num documento intitulado "Fatos que ocorrerão no ano do Dragão e da

Madeira." Em 1904, o documento foi visto pelo Coronel Younghusband - chefe das tropas britânicas que regiam o Tibete. E neste curioso documento - diz Sir Charles Bell - encontra-se prevista a 1ª. e a 2ª. Grande Guerra; a morte do 13º Dalai no ano de 1924, o ocaso do misticismo tibetano e finalmente a invasão de Tibete pelos "Filhos da Fênix Vermelha" (comunistas) em 1950. Diz ainda que "a luz da sabedoria" voltará a brilhar no Ocidente, e em especial na terra de "O Fu Sang" (América da Sul).

Como sabemos, o Tibete foi invadido pelas tropas comunistas chinesas em 1950, tendo o 14º Dalai Lama, que reinava na ocasião, fugido para a Índia onde se encontra até hoje. E como a primeira parte da profecia já se realizou, é lícito esperar que a segunda também venha a tornar-se realidade. Isto é, que a grande luz espiritual passe a resplandecer na América do Sul. Durante minhas andanças pelo Tibete fui testemunha de acontecimentos raros, entrei em contato com um povo estranho e misterioso e tive a felicidade de encontrar meu Guru, o Lama Dawa Kazi, que me iniciou no segredo das Chamas Cósmicas.

Muitas são as pessoas incrédulas que ainda hoje me perguntam:

- "Mas... você viu mesmo tudo a que diz neste livro?"

Minha resposta é sempre a mesma:

- É claro que vi! Somente não posso afirmar se foi com meus olhos físicos eu meus olhos espirituais.

Ouso dizer ainda, para refrescar a memória dos amados leitores que tal como diz o velho "Shan Hai King" ou Livro das Terras e Mares:

"As coisas que o homem conhece verdadeiramente, não podem ser comparadas em número com as que lhes são desconhecidas..."

Chiang Sing

Refúgio Tranquilo. 18º dia da 5º mês da 2ª Lua dos Primeiros Frios. Ano do Dragão. Vigília das Cinco Estrelas.

Notas:

(1) Naquela época ainda não tinham sido publicados os livros de Lobsang Rampa, e pouco se conhecia no Brasil sobre o Tibete.

(2) Isto era assim antes da invasão chinesa em 1950.

(*) Edição de 1978, cedida e distribuída gratuitamente pela autora Chiang Sing.

Prelúdio de Uma Longa Experiência

O trem atravessou as planícies de Bengala, aos pés dos montes Himalaia, e penetrou em solo nepalês. Uma chuva fina e persistente começava a cair cobrindo a paisagem brumosa. As árvores, ao longe, eram quase invisíveis naquela feia tarde de inverno. Era o 25º dia do 3º mês do ano do Búfalo. Siligur, nossa última etapa indiana, já estava a mais de duas horas de distância. No vagão do trem em que viajávamos, transitavam pessoas dos mais estranhos aspectos, ora um camponês com um vasto cesto de cereais, ora um grupo de moças e rapazes indianos, que iam gozar os esportes de inverno no clima gelado de Gangtok. Um garçom indiano de pele bronzeada, túnica branca e turbante vermelho, servia chá aos viajantes. Bebemos a infusão leve e dourada, enquanto olhávamos as curiosas paisagens que se sucediam pela janela do trem.

Havia quase dois anos que eu deixara meu cargo jornalístico na Embaixada da China no Brasil e, graças a uma bolsa de estudos, seguira para Los Angeles, como correspondente internacional do Diário de Notícias no Rio, seguindo depois para Hong Kong, Shangai e Pequim, onde ingressaria numa Universidade para especializar-me em Sinologia. Mas, com o início da guerra civil na China saí às pressas de Pequim e fui para a Índia. Lá, encontrei o Dr. Ananda Vessantára e sua esposa Mahima, a quem fora recomendada pelo Ministro Koo, ex-Embaixador da China no Brasil.

Com o casal Vessantára viajei através da Índia, ficando algum tempo nas grandes cidades: Bombaim, Ellora Ajanta, Calcutá, Khajurao, Jaipur, Agra, Nova Delhi, Srinagar e Ladak em Cachemira. Visitamos a colorida Peshawar com seus palácios de mármore perdidos na selva, verdadeiras maravilhas das Mil e Uma Noites.

Nestes lugares procurei entrevistar Marajás e Emires, magos e ascetas. Vagarosamente e gradualmente, minha mente foi sendo preparada para a mais fascinante jornada que alguém pode fazer em pleno século vinte, a única viagem que pode levar um viajante a um mundo diferente e maravilhoso.

E foi assim, que naquela feia tarde de inverno, encontrei-me num trem saindo de Siligur, importante cidade de Bengala, passando por Katmandu e chegando à Gangtok, no Nepal, aos pés dos Himalaias.

Acompanhava-me a Dr. Ananda Vessantára, sua esposa Mahima e o arqueólogo francês Pierre Julien Lafoil. Todos estávamos interessadíssimos em conhecer a misteriosa terra dos Lamas, porém jamais poderíamos prever as consequências extraordinárias daquela viagem.

Chovia forte quando chegamos à estação de Gangtok, capital do Estado de Sikkim - ante-sala do Tibete. Um risonho carregador de face larga e bem mongólica, veio ajudar-nos na descida das malas. Um representante do Governo do Nepal esperava, para, de automóvel, nos conduzir ao palácio do Rajá Dorge, onde ficaríamos hospedados. Um vento frio entrava pelas frestas das vidraças do carro, obrigando-nos a aconchegar ao rosto a gola de

nosso casaco de peles. Atravessamos o mercado de Kalimpong, cruzando aquele curioso mundo de faces mongólicas, cuja semelhança com os índios brasileiros é impressionante. Isto nos fez pensar na conhecida teoria científica de que nossos índios pertencem ao mesmo tronco da raça mongólica, cujos ramos se espalharam uns pelas Américas e outros pelo sul dos montes Himalaia.

Saltamos em frente da enorme escadaria de mármore branco do palácio do Rajá Dorge, Embaixador da Índia no Nepal. Fomos recebidos por dois senhores indianos que nos deram as boas vindas e nos conduziram ao interior do palácio.

Entramos e tudo nos pareceu um sonho, tão exótica era sua mobília e tão rico o colorido da sua esplêndida decoração oriental. Lindos tapetes tecidos a fio de ouro ornavam as paredes. Em mesinhas de ébano, finamente entalhadas, viam-se antigas esculturas de bronze, representando deuses indianos. Tapetes grossos, e brilhantes forravam o chão. Espalhados sobre os tapetes vimos almofadões de seda bordada com flores raras. No fundo do salão, vimos uma lareira forrada com lâminas de cobre, em frente a uma formosa pele de tigre.

O Rajá entrou, usando uma grossa túnica de lã verde oliva, sobre calças brancas ajustadas nos tornozelos. Era um homem alto e delgado, de uns cinquenta anos presumíveis. Sua pele era bem morena, queimada de sol, olhos escuros sobranceiras espessas, nariz fino, boca cheia e um pouco protuberante. Seu turbante de seda branca brilhava, ornado com uma estranha joia cintilante. Atrás dele vieram suas três esposas, esguias, morenas e formosas, vestindo "saris" deslumbrantes. Deram-nos as boas vindas com um claro sorriso.

Após uma breve conversa, levaram-nos aos nossos aposentos, para um merecido descanso. Horas mais tarde, refeita por um banho perfumado com rosas brancas, vesti uma túnica de seda azul bordada de dragões e fui ao encontro de nossos anfitriões. Durante o jantar, à moda indiana, serviram-nos diversos pratos deliciosos.

Após o jantar, fomos para o salão de música e o Rajá muito animadamente, contou-nos algo sobre sua vida. Soubemos que conhecia toda Europa, América do Norte e Oriente Médio. Relatou-nos pitorescas aventuras na China e no Nepal, e o que é mais estranho, sua vida num misterioso mosteiro budista em Ladak, onde na mocidade tinha passado um longo período de recolhimento espiritual.

Em breve falávamos sobre assuntos mais amplos encarando a antiga sabedoria hermética do Oriente.

E o Rajá falou:

- Alguns ensinamentos de nossos antigos sábios chegaram ao Ocidente de maneira um pouco deturpada pelas traduções. Daí os exageros que se cometem no Ocidente, em nome da ciência oriental.

Íamos retrucar quando fomos interrompidos pela voz suave da "Rani" (princesa primeira esposa), que acompanhando-se ao alaúde indiano

chamado "Vina", cantou no doce idioma bengali. Eram canções poéticas, que me foram traduzidas para o inglês, pela senhora Vessantára.

Quando a "Rani" terminou, perguntei-lhe de quem eram aquelas canções.

Foi o Rajá quem respondeu:

- Então a jovem senhora não conhece estes textos dos nossos Upanishads? Confessei minha ignorância que começava por não saber sequer o que significava a palavra Upanishads.

- Upanishad - continuou o Rajá - é uma palavra sânscrita. Significa a conquista da inteligência dominando a ignorância. São escrituras santas que fazem parte das antigas tradições védicas. Segundo alguns estudiosos estas escrituras são ao todo 150. Segundo outros seu número é de 112. Nelas encontramos a explicação mística do Universo, da Natureza e do Criador. Eis aqui a tradução de um texto que acaba de ser cantado pela "Rani":

"Assim como uma aranha produz e recolhe a sua teia, assim como procedem os cabelos da cabeça e do corpo de um homem vivo, Do imperecível proveio tudo que aqui está.

Assim como de uma fogueira procedem as fagulhas de natureza semelhante, apesar de serem de número incontável, Da mesma forma, ó meu caro, do imperecível procedem as várias espécies de seres, que novamente a ele voltarão".

"Os rios do leste e do oeste originam-se no oceano e a ele retornam, embora não saibam que assim procedem. Da mesma forma, são todas essas pessoas que provêm do Grande Ser, embora não saibam que do Ser provêm".

"Aquilo que constitui a essência sutil, aquilo que em tudo o que existe tem a sua própria essência, é o Verdadeiro Ser. E tu és esse Ser".

No Tat Tvan Asi - Tu és aquilo - está resumido todo o ensinamento dos Upanishads.

Eu ouvia atentamente aquelas palavras. Elas enchiam meu coração como a fumaça do incenso enche o altar de um templo. Mas, súbito, o Rajá calou-se. Pouco a pouco tinha elevado a voz, impelido pelo entusiasmo de suas palavras. Todos esperavam que ele continuasse e ficamos em muda expectativa.

Foi então que o arqueólogo Pierre Julien perguntou:

- E a lenda dos sete cisnes do lago Manasarowar? Tem relação com os Upanishads?

O Rajá pareceu sair de dentro dos seus pensamentos.

- Sim... dizem remotas tradições que foi às margens deste lago sagrado que os Sete Senhores Sublimes - primeiros instrutores da raça ariana - falaram sobre os ensinamentos secretos dos Upanishads. Desde então, dizem que todos os anos, na manhã do primeiro dia da primavera na Índia, sete cisnes brancos sobrevoam o lago e depois desaparecem rumo ao monte Meru. Só retomam no ano seguinte, no mesmo dia e na mesma hora. Consta que estes cisnes são os Sete Senhores Sublimes que disfarçados de cisnes velam continuamente, pela humanidade e aguardam trinta mil anos para

renascer. Surgem em forma de cisnes, porque, segundo a Mitologia hindu, esta ave personifica a sabedoria universal. É o símbolo de Brahma - o Criador - que também é chamado "Hansa Vahara", isto é, "o que usa o cisne como veículo".

Ante o relato do Rajá, o tempo parecia ter sido aniquilado. Entretanto, na realidade, a noite avançava rapidamente. Era preciso repousar. Ainda nos restavam algumas semanas no Nepal, antes de partirmos para o Tibete. Ainda tínhamos muito que aprender com o Rajá Dorge.

Primeiro Contato com a Terra e o Povo de Sikkim

Na manhã seguinte, bem cedo ainda, saímos para visitar Gangtok. Dispensamos o automóvel e preferimos montar nos bonitos cavalos nepaleses do Rajá. Foi colocado à nossa disposição um simpático nepalês chamado Tsarong, secretário particular do Rajá que nos serviu de cicerone.

Gangtok é uma bela cidade, com uma aglomeração de casas de pedra branca que lembram muito as construções dos antigos incas. Não é tão formosa como Katmandu, a capital do Nepal, porém tem seus encantos. É uma cidade em estilo muito mais tibetana do que nepalesa. As amplas ruas, pavimentadas de pedras roliças, são sombreadas por velhos pinheiros. A altitude de Gangtok é de cerca de 1.830 metros.

A diferença entre a fresca temperatura do vale dos Himalaias e o cálido clima de Calcutá, de onde viéramos, causou-nos um certo choque. Contudo, tínhamos que ir nos acostumando, pois nos próximos meses iríamos viver numa altitude nunca inferior a 3.350 metros. Sobre as montanhas mais próximas erguiam-se as encostas nevadas dos grandes picos.

A vida em Gangtok está envolta na serena beleza do vale do rio Tista, que o povo chama de "Buraco dos Ventos", pois é uma estreita garganta abrindo-se para o céu. Pequenos campos de arroz pendem dos flancos das montanhas e Gangtok parece suspensa no ar, entre o invisível fundo dos vales e as neves eternas dos montes Kinchijunga. Pelo caminho, encontramos alguns bazares interessantes, exibindo belos trabalhos de artesanato em cobre e marfim. Vimos também inúmeras casas senhoriais, lares prósperos, suntuosos jardins cheios de rosas, apesar do inverno, e as mais belas orquídeas que já vimos. Aliás, dizem que Sikkim é o paraíso das orquídeas e das borboletas, cuja variedade de formas e de cores é maravilhosa.

O povo de Gangtok, chamado "xerpa", é trabalhador, generoso e hospitaleiro. Tem a pele avermelhada, olhos amendoados e um ar alegre. Em geral, tanto os homens como as mulheres usam longas túnicas tibetanas de cores vivas e por cima um manto de seda ou algodão, cor de vinho. Na cabeça, pontudos chapéus de feltro vermelho, que lembram muito o chapéu das bruxas ocidentais da Idade Média. Observamos também, que alguns "xerpas" têm um jeito furtivo lembrando os índios da Bolívia, do Peru, do

México e do Brasil, bem como os peles-vermelhas da América do Norte. Comentamos isto com Tsarong - nosso cicerone - que também é "xerpa".

- Dizem nossas tradições - respondeu ele, num inglês perfeito - que nós somos descendentes da raça ameríndia, cuja história é tão milenar que se perdeu na noite dos tempos.

- Mas... não foi do Oriente que surgiram as raças mais antigas do mundo? - indaguei perplexa.

Tsarong teve um breve sorriso e retrucou:

- Nossos livros santos dizem que as Américas surgiram das águas do oceano, muito antes do Oriente. A nossa história parece antiga, mas, na verdade, é tão nova que ainda pode ser lembrada...

- Sim, é verdade - falou o Dr. Vessantára -, foi das Américas que há muitos milênios, saíram os primeiros sábios que se fixaram em outros pontos da terra, levando consigo grandes conhecimentos que serviram de base para fundarem muitas civilizações.

- Nossas lendas - continuou Tsarong - afirmam que uma enorme catástrofe destruiu nosso país de origem, uma grande ilha no oceano, habitada por um povo próspero e notável, do qual alguns grupos puderam alcançar o Egito, a Índia e as Américas, escapando assim do desastre. Contudo, alguns desses grupos, por motivos que ignoro, regrediram espiritualmente e tornaram-se selvagens, com exceção dos astecas, dos incas e dos maias. Daí a semelhança que existe entre estes indígenas e os asiáticos.

Embora bastante admirada, lembrei que a existência de um grande continente ligando a Ásia, a Europa e as Américas e o seu calamitoso desaparecimento são fatos admitidos por muitos cientistas do Ocidente. Súbito, nossos pensamentos foram interrompidos por uma parada que fizemos numa "gompa", isto é, capela de dois andares, em estilo tibetano, contendo em cima, uma biblioteca e, embaixo, um oratório com imagens budistas. Fomos recebidos por um monge e alguns noviços vestindo a túnica cor de vinho dos lamas "gelug-pa" (seita dos chapéus vermelhos). O monge era um homem idoso, pequeno, magro, delicado como um pássaro, de rosto fino e ascético. Seus dedos esguios percorriam as contas de um rosário de coral.

Visitamos a biblioteca que constava de duas amplas salas, de paredes divididas por prateleiras de madeira laqueadas de vermelho vinho. Os livros eram colocados nestes compartimentos envoltos em panos de seda e mantidos entre duas tábuas envernizadas. As páginas eram folhas estreitas de papel de arroz, com quase dois metros de comprimento!

- Uma biblioteca mediana - explicou o monge em inglês - consta de uns 300 livros assim.

- E quantos livros tem esta? - indaguei.

O monge sorriu e disse mansamente:

- Uns dois mil livros.

- E todos sobre literatura religiosa? - perguntou Pierre Julien.

- Sim, Especialmente o Lamaísmo. Entre as obras principais, temos o

"kangyur" (coleção de escrituras sagradas) e o "tengyur", que são comentários esotéricos sobre o "kangyur".

Após visitarmos a biblioteca, despedimo-nos e continuamos o passeio pela cidade. Passamos pelo posto do telégrafo, por várias escolas, um hospital, uma estrada de automóveis, o suntuoso palácio do Governador de Sikkim. Sua Alteza o Marajá Tashi Namgial, que é de origem tibetana, como também todos os dirigentes importantes do país. Vimos as casas dos representantes britânicos no Tibete, o mercado, as lojas e finalmente, quando o sol já ia alto, regressamos para almoçar na mansão do Rajá. Era preciso descansar, pois naquela noite iríamos assistir a uma festa típica dos "xerpas" celebrada apenas uma vez por ano na região de Sikkim.

A Festa das Flautas Pastoris

Eram cerca de oito horas da noite, quando nosso grupo chefiado por Tsarong, deixou a mansão do Rajá Dorge e apressou-se em tomar a direção do vale do rio Tista, onde dentro em pouco começaria A Festa das Flautas Pastoris.

Nossos cavalos atravessaram um longo caminho, que nos levou ao fundo de uma garganta e, algum tempo depois, vimos um extenso vale iluminado pela luz da lua. À medida que nos aproximávamos, notávamos que o centro do vale estava enfeitado com ricos estandartes de seda, azul, verde, amarelo e vermelho, bordados com faisões, grouse e outros pássaros mitológicos. Em volta de uma grande fogueira, feita com a perfumada madeira de sândalo, vimos muitos "xerpas" vestindo trajes festivos, acolchoados de pele de cordeiro. As mulheres, pequenas e graciosas estavam profundamente enfeitadas com joias e flores, que apesar do inverno, não faltam em Sikkim. Enquanto desmontávamos e entregávamos nossos cavalos a um servo que nos acompanhava, ouvimos uma música estranha e melodiosa.

- A festa começou! - exclamou Tsarong.

Aproximamo-nos do povo que se comprimia em volta da fogueira. Nisso, um velho, alto e imponente, vestido com a roupa dos "dokpas" pastores tibetanos, jogou no fogo um punhado de ervas perfumadas. Então o povo começou a cantar acompanhado pelo ritmo dos tambores, que lembravam os atabaques usados nos ritos umbandistas no Brasil.

- É um apelo aos deuses, pedindo sua bênção e proteção para as colheitas - disse Tsarong.

Quando terminaram as invocações, o velho pastor, que soubemos ser o chefe religioso dos "xerpas", desenhou no chão, com um pó branco, uma grande cruz suástica.

- Aquilo nos deixou perplexos. E Pierre Julien indagou:

- O que tem a ver a cruz suástica com a cerimônia desta festa?

- Esta cruz - falou Tsarong - é um dos mais antigos símbolos sagrados do Oriente. Os budistas chineses chamam-na "wan". Nos templos tibetanos é comum encontrarmos este símbolo gravado nos portais ou nas pedras da

maioria dos mosteiros.

- Na Índia também podemos ver a cruz suástica sobre a cabeça da serpente Ananta, no Templo de Ouro em Amritsar - falou o Dr. Vessantára. Os brâmanes chamam a suástica de Cruz Jaina.

- Aliás, existem duas suásticas - retrucou Tsarong. Uma é positiva e a outra, negativa. Ambas são sagradas, sendo que a positiva é usada na magia branca e a negativa na magia negra.

E qual é a diferença entre ambas? - perguntei, sumamente interessada.



Apontando para o desenho que o velho estava traçando no chão, Tsarong disse:

- Repare, aquela é a positiva. Tem os braços dobrados no sentido do movimento dos ponteiros de um relógio. A negativa é ao contrário. A positiva representa o contínuo movimento das forças do Cosmos. Simboliza a rotação da terra nos eixos do mundo, porque as linhas que se cruzam significam o espírito e a matéria perfeitamente equilibrados. Aplicada ao homem, representa o elo entre este e a divindade, emblema de que o Criador está na humanidade e está no Criador, como as gotas d'água no oceano.

Sei que alguns estudiosos e a maioria dos teosofistas, pensam que Hitler usou a cruz suástica negativa, mas estão errados. Nas inúmeras fotos publicadas das revistas da época, podemos constatar isto perfeitamente.

Nisso o velho pastor terminou de desenhar a cruz suástica no chão e fez sinal para um moço alto e robusto, que estava à sua direita. O rapaz aproximou-se. Vestia uma túnica longa, de seda carmesim, sobre umas calças fofas verde jade, que terminavam escondidas sob longas botas de couro vermelho. Na cabeça tinha um barrete de pele de castor. Sentando-se sobre o desenho da cruz, ele cruzou as pernas, pousou as mãos sobre os joelhos, cerrou os olhos e começou a cantar. Sua voz era clara e varonil. Subia através do ar, dividindo brandamente as palavras da canção. Soubemos que era uma canção mística, cuja origem era impossível de saber. Quando terminou de cantar, houve gritos e vivas de todos os presentes. Então, a uma ordem do velho chefe, começou uma farta distribuição de "cheng", cerveja nepalesa feita de milho fermentado, servida em altos cilindros de bambu, chamados "paips". Havia também vinho indiano, montanhas de bolos de mel e muitos outros quitutes estritamente vegetarianos. Nada de carne, galinha ou peixes. O povo avançava em tudo com verdadeira alegria. Muitos até lambuzavam as vestes e riam contentes. Após o banquete começaram as danças. Um grupo de moças e rapazes dançou em volta da grande fogueira. Cascatas de fitas coloridas flutuavam em seus capacetes dourados. Cada um deles trazia na mão uma flauta, que simulavam tocar. A música era exótica e harmoniosa. As moças usavam máscaras de deuses tutelares. Aliás, em quase todas as danças asiáticas, os dançarinos atuam mascarados. Isto porque acreditam que a máscara ajuda-os a elevarem-se da sua consciência do EU, libertarem-se de si mesmos e alcançar o êxtase divino.

Cerca de duas horas da manhã terminou a festa. Apesar do cansaço, nenhum de nós percebeu que o tempo passara tão depressa. E assim regressamos ao palácio do Rajá, levando nos olhos a beleza agreste daquela festa bizarra aos pés dos montes Himalaia.

Nota:

(1) - Soubemos mais tarde, através das declarações do célebre astrólogo húngaro, Louis De Wolh - que foi chefe do Escritório de Investigações Parapsicológicas de Londres e, logo, Capitão do Exército Britânico, graças à proteção de Lord Halifax - que Hitler se interessava profundamente pelas ciências ocultas e, em especial, pela Astrologia. Apesar de a Astrologia profissional ser proibida pelo governo alemão, sabe-se que Hitler, extra oficialmente e para uso próprio, mantinha um grupo de grandes astrólogos trabalhando para ele. Os demais astrólogos que viviam na Alemanha foram perseguidos e a maioria morta, pois suas previsões astrológicas eram negativas e poderiam vir a prejudicar a propaganda política de Hitler.

Conta Louis De Wolh que "antes da II Grande Guerra morou vários anos em Berlim e lá fez amizade com Maximilian Bauer, que era o astrólogo favorito de Gustav Stressemann, Ministro do Exterior da Alemanha. Através de Bauer, Louis De Wolh soube de várias coisas interessantes sobre Hitler. Entre outras que "a sagrada cruz suástica dos antigos orientais foi escolhida por Hitler para símbolo do Nazismo, sob a influência de um lama tibetano do mosteiro de Tulung Tserpung, conhecido como um dos maiores redutos de magos negros no Tibete". Soube também que em 1923, quando Hitler ainda era desconhecido do povo alemão, certa noite ao sair da famosa cervejaria de Munique, onde se reunia com amigos para falar sobre política, Hitler encontrou-se com Aub, um velho mago muito conhecido em Munique como vidente. Em companhia de Aub estava um lama tibetano vestindo a túnica vermelha, típica da sua seita. Aub conversou com Hitler por algum tempo e logo este o seguiu à sua residência. Desde então, consta que Hitler foi iniciado nas ciências ocultas por Aub e o misterioso lama tibetano.

Na primavera de 1940, Louis De Wolh publicou em Londres um estudo sobre o horóscopo de Hitler, no qual diz o seguinte: "A morte de Hitler será de natureza netuniana, ou seja, uma morte por envenenamento ou prostração nervosa, ou quiçá se trate de uma morte misteriosa que nunca será esclarecida.

Mais tarde, num de seus livros intitulado "Astros, Guerra e Paz", Louis De Wolh declara:

"Após o trágico desaparecimento de Hitler - previsto por mim em 1940 - foi constatada a presença inexplicável de alguns lamas tibetanos da seita dos chapéus vermelhos nas cercanias de Berghof, o palácio montanhês de Hitler, na costa de Obersalzberg. Estes lamas foram presos, mas apesar de toda a vigilância das autoridades policiais, desapareceram misteriosamente da prisão e jamais foram encontrados".

É possível que este fato venha ao encontro do astrólogo alemão Maximilian Bauer de que Hitler, realmente, foi iniciado nas ciências ocultas por um lama tibetano do mosteiro de Tulung Tserpung, situado perto da cidade de Lhasa.

O Buda Vivo de Sikkim e suas Declarações Proféticas

Uma semana após nossa chegada a Gangtok, enquanto esperávamos que o Rajá obtivesse do governo tibetano as nossas "lam-yíg" ou autorização de trânsito, soubemos que, numa montanha ali perto, próximo ao vale do rio Tista, pouco além do Mosteiro de Podang, a uns 15 km de Gangtok, morava um Buda Vivo.

Este Buda Vivo, ou "corpo fantasma", é uma das mais curiosas facetas do

lamaísmo. Pertence a uma aristocracia eclesiástica que surgiu no Tibete em 1650.

Conta-se que naquela época, o quinto grande Lama da seita dos "chapéus vermelhos", cujo nome era Lobzang Gyatso, tinha sido nomeado soberano do Tibete, por um príncipe mongol e reconhecido como tal pelo Imperador da China. Contudo, aquelas honrarias não lhe bastavam e o ambicioso novo rei resolveu fazer-se passar como sendo uma emanção fantasma do deus Tchenrezi. Decidiu também que seu amigo, o grande Lama do mosteiro de Tashilumpo, era uma emanção fantasma de Eupamed - o Buda místico de quem, segundo a tradição, Tcherenzi é filho espiritual.

Este exemplo do Lama-Rei fomentou a criação dos Budas vivos que os tibetanos chamam de "tulku". Em seguida, todos os mosteiros importantes consideraram uma questão de honra, terem como chefe a reencarnação de algum personagem célebre do Lamaísmo.

Quiçá este breve resumo sobre a origem das duas dinastias mais ilustres dos "tulkus" - a do Dalai Lama (reencarnação de Therenzi) e a do Trachi-Lama (reencarnação de Eupamed), seja suficiente para que os leitores compreendam que não se trata de reencarnação de Gautama, o Buda, que nada tem a ver com estas criações lamaístas.

No Tibete, o número destes Budas Vivos é bastante numeroso. Contudo, a maioria deles é de magos ou feiticeiros, que desempenham funções de oráculos oficiais.

Embora o budismo original negue a existência de uma alma pessoal, permanente, que transmigra de uma existência a outra, a maioria dos budistas voltou a adotar a crença hindu da reencarnação.

Consta que existem também mulheres "tulkus". De modo geral elas são abadessas de mosteiros de homens, ou então ermitãs. Muitas vezes os "tulkus" lembram-se de suas vidas anteriores e vários são os exemplos disso que se conhece na Índia e no Tibete. Várias são as antigas lendas, cujos heróis determinam a natureza do seu renascimento, e a carreira de um futuro "avatar" (reencarnação). Geralmente predizem em seu leito de morte, onde devem renascer e dão detalhes sobre os futuros pais, o lugar onde fica a casa, etc.

Dois anos após a morte de um Buda Vivo, o chefe do mosteiro onde ele morreu começa a busca da sua reencarnação. Algumas vezes encontram logo uma criança com as condições prescritas, e esta se submete, entre outras, a muitas provas de reconhecimento.

O fato de que ali, em Gangtok, tão perto de nós, vivia um destes Budas Vivos, sobre quem se contavam muitas histórias misteriosas, deixou-nos curiosos em conhecê-lo. Dizia-se que ele era um velho de 102 anos, mas que por um processo mágico oculto, vinha conseguindo retardar a velhice. Sua pele era fresca e quase sem rugas, os movimentos ágeis e os dentes claros e perfeitos.

Comunicamos ao Rajá nosso desejo de ir conhecer o Buda Vivo de Sikkim.

- Impossível! - disse ele - nenhuma mulher pode entrar no mosteiro do Buda

Mercúrio...

- Mas, por quê? - indaguei.

- É contra a ordem dos Lamas. Este mosteiro é cheio de lendas e mistérios. Dizem que a setecentos e setenta e sete passos do mosteiro havia, outrora, uma enorme estátua de Buda, toda em bronze maciço, que nem mesmo cem homens podiam carregar. Certa noite, esta estátua desapareceu misteriosamente e os Lamas tiveram muito trabalho em descobrir a razão deste desaparecimento.

- E qual foi? - indaguei.

- Não se sabe ao certo. Os Lamas deste mosteiro são muito discretos. Conta-se que a estátua foi levada pelos gênios da quarta dimensão, para algum lugar inacessível aos olhos profanos...

Aquelas palavras avivaram minha curiosidade e insisti com o Rajá, para que intercedesse junto aos lamas, para que me permitissem visitá-los. O Rajá prometeu fazer o possível, mas não me deu muitas esperanças. Mandou Tsarong com muitos presentes, solicitar licença para visitarmos o mosteiro. A resposta foi negativa. Não me conformei e após muitas idas e vindas, vimos nosso desejo satisfeito. O venerável Lama, abrindo uma exceção sem precedentes, concordara em receber-nos. Impunha apenas uma condição, que eu vestisse o hábito cinzento dos noviços e velasse meu rosto com o longo capuz do hábito. A permissão era só para mim e o Dr. Vessantára. Mahima e Pierre Julien não poderiam nos acompanhar.

No dia marcado, partimos em direção às montanhas, liderados por Tsarong. Fomos a pé, conforme pediram. A ascensão foi lenta e seguia aclives sinuosos. Respirávamos com prazer o ar puro da manhã, impregnado com o aroma dos pinheiros. Fazia muito frio. Nenhum pássaro cruzou o belo céu azul. Após cerca de três quilômetros, costeando o vale, a subida tornou-se abrupta. O caminho era por um corte oblíquo na rocha, cujo cimo a bruma ocultava. Logo se aplainou o solo e entramos numa atmosfera clara e cheia de sol. Passo a passo, fomos por um atalho estreito e íngreme, no pendor da montanha. Tivemos que seguir um atrás do outro, reparando atentamente no chão, para não pisar em falso. De um lado, havia o flanco inacessível da serra; do outro o abismo. O cansaço ia afrouxando nossos passos. Finalmente, vimos uma colina verde e deserta. Em frente, a pouca distância, erguia-se o Templo do Buda Mercúrio também chamado Colégio dos Santos Magos.

Um grupo de pavilhões coloridos, de tetos recurvos, pendurava-se à encosta da montanha, como uma flor encravada nas pedras. A região era cheia de escarpas e coberta de florestas pitorescas. Devagar, fomos nos aproximando. A emoção era tanta que mal podíamos respirar. Íamos ver um dos grandes chefes espirituais da Ásia.

Entramos através do grande portão de ferro que dá acesso ao templo. Grupos de monges, lentos e solenes nas suas longas túnicas de algodão branco ou amarelo, andavam pelas veredas que conduziam ao interior do parque. O grande gongo de bronze, semi-oculta entre as traves, acabava de

ser tangido, convocando a todos para a oração da manhã. Puxamos bem o capuz do hábito e entramos no amplo hall, pavimentado de mármore rosa. Vimos uma série de nichos com objetos sagrados. As paredes laterais eram cobertas com pinturas feitas sobre seda, representando a vida de santos do Lamaísmo. A um lado, um grande altar dourado sujeitava uma enorme estátua, também dourada, representando Gautama, Buda, ainda adolescente. Tinha a face magra e tranquila, o olhar semicerrado de quem não olha para o mundo dos mortais. Refletia-se em seu todo uma expressão de misteriosa piedade, sonho e sabedoria.

Um dos noviços ou "trapas" acompanhou-nos até a grande capela, onde, entre velas coloridas, candelabros de ouro e incensórios de jade, vimos um fato singular.

Suspenso no ar e sem nenhum apoio, estava um báculo, isto é, um pequeno bastão dourado, que segundo a lenda, regula os atos da comunidade.

Soubemos que aquele bastão milagroso pertencera ao santo Tsong Kapa, que foi o reformador da religião budista no Tibete. Pensamos que se tratasse de algum truque muito bem dissimulado pelos lamas, pois nossa mente, por mais que raciocinasse, não encontrava nenhuma razão lógica para aquele fenômeno. Percebendo nossa incredulidade, o Dr. Vessantára disse:

- Soube que este bastão mágico está neste mosteiro há muitos séculos. Nunca ninguém soube explicar a razão deste prodígio. Só os lamas conhecem este segredo, mas não o revelam aos profanos. O sábio Nicolas Notovich, que há tempos esteve no Tibete chefiando uma missão de cientistas russos, examinou tudo detidamente e não encontrou nenhuma fraude, nem razão lógica para explicar o fenômeno. Este sábio russo foi quem encontrou na cidade de Ladak, a cela antiquíssima do "Ermitão de Issa", que os Lamas dizem ter sido Jesus Cristo.

Perplexos e fascinados, ficamos por algum tempo contemplando o prodígio. Finalmente, tocando de leve em nosso braço direito, o noviço fez sinal para que o seguíssemos. Continuamos andando até alcançar um longo corredor penumbroso. Apenas percebíamos a fraca iluminação de algumas tochas. Senti um vago temor e meu sangue pulsou mais rápido nas minhas veias. Havia muitos nichos cavados nas paredes de pedra do corredor. Vimos nestes nichos vultos imóveis. Pensamos que fossem estátuas, mas em voz baixa, o noviço falou:

- Estes são monges que voluntariamente se deixaram mumificar em vida...

- Mas como? - perguntamos, através de Tsarong. A resposta veio clara e precisa:

- Durante três dias e três noites cozinhamos sementes tenras de linho misturadas com fava branca. Depois, ambas são trituradas num pilão. A parte seca volta duas vezes ao fogo e ao pilão e, por fim, fica exposta ao sol, até se transformar numa farinha leve. Então após um jejum rigoroso o candidato à mumificação come grande quantidade desta farinha. Durante três meses ficará alimentado por pequenas doses de que nós lhe damos, juntamente com pequenas porções da farinha. O monge deve conservar a mente fixa no

Logos Solar: Com este regime ressecam os intestinos e o fígado. Tempos depois com a pele inteiramente endurecida, o candidato parece mesmo uma múmia. Somente a respiração, fraquíssima, continuará, mas... por pouco tempo...

Foi horrível para nós esta revelação e, quando saímos do corredor lúgubre, para um amplo pátio arborizado, respirei aliviada. E ali, à sombra de um pinheiro milenar, vimos o Buda Vivo de Sikkim. Estava sentado com as pernas cruzadas, em cima de uma esteira de bambu. Era difícil precisar-lhe a idade. As feições miúdas, imprecisas, davam-lhe um aspecto indefinido. Vestia uma ampla túnica amarela, um casaco forrado de peles de cordeiro e um barrete também de peles. No queixo tinha uma barbicha rala e muito branca. Os olhos eram pequenos e vivos. A pele quase sem rugas. As mãos finas e aristocráticas. Sua fisionomia não me parecia desconhecida embora não pudesse encontrar sua imagem na minha memória.

Aproximamo-nos depositando aos seus pés as echarpes de seda branca, que os tibetanos chamam de "ka-ta", ou echarpes da felicidade, que Tsarong nos fizera trazer.

- Sua Santidade foi muito bondoso em receber-nos - disse eu em inglês.

O Buda Vivo virou-se para nosso intérprete Tsarong e disse algo em tibetano. Adivinho corretamente o que ele quis dizer.

- O venerável Pai da Alma Diamante entende quando lhe falam em inglês, mas teme que não lhe corresponda o seu, por isto prefere que eu traduza as palavras - falou Tsarong.

Olhando-me fixamente, o Buda Vivo falou:

- "Jetsuma (reverenda dama), é contrário à nossa regra e à nossa ordem recebermos aqui uma mulher. Mas... os atos da sua vida anterior conduziram-na ao meu encontro. Seja bem-vinda!"

A voz era fraquinha e grave, muito agradável de ser ouvida. Eu continuava a pensar intrigada, onde já tinha visto aquele semblante. Como que respondendo aos meus pensamentos, ele falou:

- Tens razão, pequenina irmã, nós não somos desconhecidos.

Por várias vezes estive ao teu lado, embora não soubesses da minha presença etérea. Já dirigi muitas correntes de ideias brotadas do teu cérebro. Tu não te lembras porque o véu de Maya (ilusão) obscurece tua visão interna...

Minhas mãos tremeram de emoção. Que pensar de tudo aquilo?

Recordei as palavras de Gautama, o Buda: "Nada aceites que não seja razoável; nada consideres como contrário à razão, sem um exame conveniente".

Percebendo minha perturbação, o venerável passou a conversar com o Dr. Vessantára, em sânscrito. O mais estranho era que mesmo sem compreender o sânscrito, eu entendia perfeitamente tudo o que ambos diziam. Era como se uma onda telepática transmitisse o conhecimento ao meu cérebro. Creio que esta foi uma das mais belas provas intuitivas que tive no Tibete.

Falaram sobre religião, ritos e lendas do povo tibetano.

- É preciso ser erudito para se compreender os ensinamentos budistas? - indaguei, finalmente.

- O conhecimento da verdade - respondeu o venerável - é algo que não se pode ler nos livros. Depende de nossas próprias experiências. Basta dizer que Shen Sien, o sexto Patriarca do budismo, descascava arroz para viver. Um dia, a força do seu Deus Interno despertou e ele tornou-se um sábio de repente...

Em seguida a conversa passou a temas mais simples. Muito me surpreendeu saber que o Buda Vivo lê regularmente jornais ingleses, e está bem informado dos problemas atuais do mundo, fora do seu círculo.

Recordo a crença de Tsarong que o venerável possui uma visão profética. Minha curiosidade me induz a pedir-lhe opinião sobre o futuro do mundo. Antes que eu pudesse formular a pergunta, veio a resposta:

- Só o entendimento espiritual entre as nações conduzirá à verdadeira Paz. Creio que o remédio para os problemas do mundo é viver e ajudar a viver.

Fitou-nos com um olhar profundo e prosseguiu:

- Os homens são agentes do Carma (lei de causa e efeito), e nós como agentes dos Mestres Ascensionados, não podemos anular as dívidas que os homens e as nações contraíram com seus atos.

Está previsto que em cada dois mil anos a terra entra em contato com um novo raio cósmico que ajuda a sua evolução. Foi confiada a um grande Mestre Ascensionado, a custódia do já iniciado ciclo de dois mil anos da Era da Liberdade. Este maravilhoso Ser trará ao mundo o Fogo da Liberdade e oferecerá ao mundo a oportunidade da queima total do Carma. Futuramente, um grupo de estudiosos no Ocidente, a partir do terceiro mês do ano de 1952, divulgarão os ensinamentos deste grande Senhor da Liberdade para a Terra.

Há uma pausa que dura cerca de um minuto. O venerável acaricia a barbicha com os dedos.

Peço permissão para fazer-lhe algumas perguntas pessoais.

- Qual é a sua idade, venerável Pai da Alma Diamante?

A resposta chegou rapidamente:

- A idade da forma não é a idade da alma. Tu e eu já vivemos na terra muitas vezes...

Curiosa, procurei fazê-lo prosseguir:

- Se vivemos anteriormente e vos lembrais, por que não sucede o mesmo comigo?

- Primeiramente a memória cerebral, que é variável e incerta, só registra as experiências desta vida; as vidas passadas têm seus registros na alma. O estudo e a meditação despertam a consciência da alma, e com essa consciência, todas as recordações do passado nela conservadas.

Houve outra pausa. Um noviço aproximou-se e acendeu uma vareta de incenso de rosas. O Buda Vivo observou o fumo azul que se elevava em espirais e permaneceu em silêncio.

Recordei que desde os tempos mais remotos, os orientais associam os odores agradáveis com a essência divina dos deuses. Chegavam mesmo a pensar que a alma tinha uma fragrância própria, muito superior a todos os perfumes que o homem conhecia. Nos templos sagrados, ainda hoje os herboristas misturam poções secretas e preparam raros incensos, os quais acreditam-se que são semelhantes à divina fragrância da alma. É crença geral que a inalação da fumaça perfumada eleva a alma a grandes alturas, ajuda a produzir a harmonia dos sentidos, tranquiliza e acalma o corpo e a mente.

Sentindo que nossa entrevista terminara realmente, levantamo-nos do chão, onde estávamos sentados sobre grossos tapetes. O Buda Vivo ergueu a mão direita em sinal de bênção. Depois, pegando um dos manuscritos que estavam sobre uma mesinha baixa, ao seu lado, ofereceu-nos como lembrança. E dirigindo-se a mim, falou:

- Encontrarás ainda outros Mestres mais esclarecidos do que eu que te revelarão muitos segredos. Guarda-os com cuidado. Quando chegar a época, terás a intuição para divulgá-los. Cumpre o teu dever no Ocidente e que nenhuma obscuridade te impeça de ver a Luz Divina ou te desvie do verdadeiro caminho iniciático!

Entardecia quando deixamos o Templo do Buda Vivo de Sikkim. Um vento frio, prenunciando tempestade, agitava nossas vestes. Sentíamo-nos à mercê de alguma força impenetrável e extraordinária. À medida que nos afastávamos do templo, perguntava a mim mesma se tudo o que me vinha ao cérebro fazia parte de uma visão desperta ou de um sonho. O rolo de seda em minha mão, contendo uma oração budista, convenceu-me daquela maravilhosa realidade.

Chegamos ao palácio do Rajá Dorge num estado de grande agitação e excitação. Naquela noite, após o jantar, a conversa girou sobre nossa visita ao Buda Vivo e suas declarações proféticas. Depois, falamos sobre a reencarnação.

- Mesmo no Ocidente - disse Vessantára - homens famosos como Henry Ford acreditam na reencarnação. Algum tempo antes de falecer, Ford foi entrevistado pelo repórter americano Franzier Hunt, e declarou abertamente sua crença na reencarnação.

- Cada vida que vivemos - declarou Ford ao jornalista - aumenta o total de nossas experiências. Tudo o que se encontra na terra foi posto para o nosso bem, para obtermos experiências que devem ser guardadas para um fim futuro. Não existe uma partícula do homem, um pensamento, uma experiência, uma gota que não subsista. A vida é eterna; portanto, não existe morte.

Isto é ir mais longe do que ensina nossa religião cristã - disse Frazier.

- Pode ser, mas é nisso que eu creio. E creio, como se cria, em épocas muito anteriores, em tempos bem remotos, nos quais se sabia algo que já perdemos; algo do misterioso enigma da vida. E estou completamente certo de tudo isso... Creio que o que chamamos religião foi há séculos uma ciência

exata, enunciada em conceitos baseadas em fatos e conhecimentos. As coisas que resultam ser agora mistérios sem solução, tais como de onde viemos antes de nascer e para onde vamos após a morte, eram conhecidas por todo mundo. Sabia-se tudo concernente à existência. Algum dia, nós seremos também bastante sagazes para ver e compreender a vida toda do Universo; o que está se passando em outros planetas e muitas outras coisas neste estilo".

Recordei então o que lera certa vez numa publicação mística:

"A reencarnação é a verdadeira e a única explicação lógica para inúmeras injustiças aparentes, o que se verifica quando por exemplo se vê tanto destino pesado em certas pessoas boas e valiosas enquanto outras - as que chamamos de "más" gozam de um viver feliz! Podemos estar certos, não há descuido; a não ser que, cada um encontre, novamente, o efeito das antigas causas, que em qualquer tempo, no passado, haja semeado, - mas das quais não possui mais nenhuma lembrança.

Assim, pois, depende de como cada um irá reagir no decorrer dos fatos e circunstâncias e desta forma será determinado como cada um viverá no futuro. Se alguém pode neutralizar seus erros, se ele próprio quer prestar um serviço a outrem e com isso dissolver o mal, então estará livre da culpa. Mas se ele não consegue redimir-se, a vida destas duas pessoas será cada vez mais embaraçosa, até que em alguma encarnação futura isto seja alcançado. A maioria das pessoas são levadas a aproximarem-se com o único intuito de dissolver "culpas" esquecidas do passado. Quando entre algumas pessoas reina a atração do amor e da harmonia é certo que, em outra época, já havia uma união harmoniosa e juntos trabalharam, podendo expandir estas qualidades no mundo aos que tanto necessitam delas. Quando surgir um sentimento relutante ao encontrarmos alguém, quando percebermos que devemos estar em guarda, isto é recordação de sentimentos desagradáveis e desarmônicos de ligação no passado.

Deus é um Deus de amor e - Um Bom Deus - nunca iria prover seus filhos - uma metade com amor, beleza, alegria, abundância e dotada de todo bem - e a outra metade carregada com doenças e coisas impuras da vida. Bons pais não fazem diferença entre seus filhos, e Deus não o faria, absolutamente.

Se, finalmente, o homem percebe que ele é a Causa de toda desgraça e toda limitação em seu mundo, e se ele, sincera e honestamente, reconhece e deseja reparar todo este mal, ser-lhe-á dado integral auxílio. Porém, até que ele consiga atingir este ponto, permanecerá, geralmente blasfemando contra Deus e contra o destino ou resignando-se na impressão de que esta é a vontade de Deus - que naturalmente, não é".

Tudo isto nos veio à mente enquanto Vessantára comentava o caso da menina Shanti Devi, de nove anos de idade, que desde que começou a falar, afirma ser a reencarnação da falecida esposa de um negociante de tecidos, de nome Lugdi, residente na cidade de Mutra, a uns duzentos quilômetros de Nova Délhi, lugar onde nasceu e vive a menina.

- A alma é eterna e incriada - falou Mahima - Passa de uma existência para outra, de um país para outro. Não há dúvida de que o caso de Shanti Devi é um dos mais curiosos casos de reencarnação que já houve na Índia. Lástima que muita gente duvide disso.

- Quando chegar o momento - disse o Rajá - todos compreenderão que a reencarnação é uma grande verdade. Mas creio que o mundo ainda não está preparado para aceitar isto...

A Festa Sagrada de Wesak

Na manhã seguinte, após tomar o chá com bolos de gengibre que uma das criadas nos levou no quarto, saímos para o jardim ao encontro de nossos amigos. Estavam sentados num quiosque, no centro do grande jardim cheio de flores, apesar do inverno. Conversavam animadamente. - Foi bom teres vindo - disse Mahima -, pois estávamos falando sobre a sagrada festa de Wesak.

- Sim, pois, hoje à noite o povo do Nepal vai festejar o Festival de Wesak, que é um dos mais importantes de toda a Ásia falou o Rajá.

Era a primeira vez que ouvíamos falar nesta festa e o seu nome estranho despertou em nós uma viva curiosidade.

- O que significa esta festa? - indagamos.

Foi o Rajá quem respondeu:

- Representa uma tradição multimilenar do Oriente, que todos os anos, na Lua Cheia de maio, é celebrada aqui no Nepal e também em alguns lugares da Índia e do Ceilão. Na grande hora da Lua Cheia, Maitreya - o Buda da Compaixão - derrama suas bênçãos sobre o mundo.

- Aliás, estas bênçãos - disse o Dr. Vessantára - são maravilhosamente excepcionais, porque devido a sua alta categoria nos planos espirituais, nosso senhor Buda tem amplo acesso aos planos da natureza que estão muito longe do nosso alcance. Portanto, ele pode transmutar e transferir ao nosso mundo, a divina energia dos mundos superiores. Sem o auxílio do Buda, jamais estas energias poderiam chegar até nós.

- E por que não? - indaguei, curiosa.

- Vessantára olhou para o Rajá e os dois sorriram, e após uma breve pausa o Rajá falou:

- Porque as vibrações do nosso bem-amado Buda são tão formidáveis e tão incrivelmente rápidas, que seria-nos impossível percebê-las. Mas, no plenilúnio de maio, suas bênçãos se difundem pelo mundo inteiro, levando harmonia e paz inefável a todos os que estão preparados, para receber os divinos dons.

Estas palavras do Rajá calaram fundo em nossa alma, mas ainda assim, não tínhamos percebido o sentido oculto da festa de Wesak. E continuamos perguntando:

- Por que razão esta bênção maravilhosa só é dada no plenilúnio de maio?

- Porque é no mês de maio - disse o Rajá - que no calendário da Índia, Nepal

e Ceilão é chamado Wesak, ou Festa da Lua Cheia de Maio. Nesta época festejamos os acontecimentos mais importantes da vida de Buda, o Iluminado. Contudo, a aparição que surge na Festa da Lua Cheia não é a de Sidarta Gautama, o Buda, mas sim de uma de suas emanações divinas conhecida como Buda Maitreya, ou Buda do futuro.

- E todos podem ver esta divina aparição da sombra do Buda? - indaguei perplexa.

- Nem todos... - retrucou o rajá - somente aqueles que estão preparados espiritualmente e têm aberto a sua 3a. visão ou terceiro olho espiritual. Consta que nesse dia sagrado, muita gente vaga inutilmente de um lado para outro nas montanhas, sem encontrar o lugar onde é celebrada a Festa da Lua Cheia. É como se o "véu de Maya", a grande ilusão, ocultasse este lugar dos olhos curiosos.

Diante disto ficamos preocupados. Acaso seríamos dignos de ir a esta festa e ver a sombra do Buda?

Como que adivinhando meus pensamentos o rajá falou: - Recebi ordens dos Mestres da Fraternidade Branca do Oriente para levá-las à festa de Wesak.

- Mas. .. quem são estes Mestres da Fraternidade Branca do Oriente, indaguei curiosa.

- São Seres Ascensionados, livres de toda imperfeição, que vivem no plano espiritual e se comunicam conosco através de seus discípulos, muitos dos quais vivem aqui no Nepal.

Nossa alegria foi tanta que mal pudemos balbuciar um agradecimento.

Naquela mesma tarde, às três horas, nosso grupo liderado pelo rajá e pelo Lama Kazi, deixou o palácio no centro de Gangtok e partiu rumo ao vale do rio Tista. Os cavalos atravessaram um longo caminho que nos levou ao fundo de uma garganta, depois a vales férteis onde homens e mulheres pastoreavam cabras.

Levamos cerca de uma hora subindo, galgando altura gradativamente. Afinal alcançamos uma ravina e mais adiante um platô, que parecia situar-se a meio caminho entre a base e o cimo da montanha. Ali, desmontamos, entregamos nossos cavalos a um servo que nos acompanhava e continuamos andando a pé. Passo a passo, guiados pelo lama Kazi, fomos por um estreito vale que se aprofundava cada vez mais na floresta. Para além do vale, vimos uma tortuosa região cheia de íngremes colinas. A estrada foi se encaracolando pela extremidade norte, e em seguida, cortando através de uma abertura na montanha, chegamos a uma colina verde e deserta.

Um pouco mais adiante era a planície à qual chegamos por um caminho árido e pedregoso. Um regato corria manso na parte ocidental da planície. Numa clareira aberta entre enormes carvalhos, vimos um altar feito de pedra, onde se espalhavam muitas guirlandas de flores. Um grupo de ascetas lá estava sentado no chão, meditando. Eram todos bem idosos. Os cabelos e as barbas longos e brancos. Usavam apenas uma tanga de algodão amarelo, e seus corpos eram magros e bronzeados.

- Aqueles homens são os "naljorpas" tibetanos - murmurou o lama Kazi.
 - Naljorpas - repetimos intrigados.
 - Sim, são os monges peregrinos que na véspera do plenilúnio descem de suas ermidas, e vêm aqui prestar sua homenagem ao bem amado Buda.
- Mais adiante, vimos alguns homens armando uma fogueira com madeira de sândalo.
- Breve virá a noite - disse o Rajá - e eles estão preparando a fogueira do ritual do Wesak. Dizem que quando participamos de um ritual, ajudamos a gerar uma força redentora para toda humanidade.
 - Como assim? - indagamos.
 - No ritual, os pensamentos e aspirações de todos os participantes, unindo-se às forças da Natureza e às energias Divinas, criam um poderoso vórtice para o Bem, um pensamento absoluto, que atrai para a terra o poder e a bondade de Deus.

Escolhemos um lugar perto do grupo dos ascetas e nos sentamos no chão, silenciosamente, à espera da grande cerimônia ritualística. Os peregrinos foram chegando em religioso silêncio. Sentavam-se ordenadamente no chão, tendo o cuidado de deixar um amplo espaço livre diante do altar. Todos vestiam longas túnicas amarelo-laranja - a cor dos discípulos de Gautama, o Buda.

O Rajá tinha providenciado para que nós também vestíssemos túnicas de algodão amarelo, por cima das pesadas roupas de lã, pois o frio era intenso. Também tínhamos nos purificado de acordo com a tradição, tomando um banho com pétalas de rosas brancas, e defumado nosso corpo e nossas roupas com incenso e benjoim.

Observamos em silêncio os rostos graves e serenos dos ascetas que estavam perto de nós. De repente, um deles se levantou. Era um velho alto e esguio e toda a sua pessoa emanava um grande magnetismo. Uma menina de uns sete anos aproximou-se e entregou-lhe uma caixinha de laca vermelha. O velho abriu-a e foi tirando pós coloridos verde e alaranjado. Com estes pós, traçou um grande círculo de uns três metros de diâmetro. No meio do círculo vieram se sentar três velhos ascetas. Seus rostos tinham uma expressão tranquila e hierática. Uma pequena orquestra, composta de flautas e gongos, começou a tocar uma música muito suave. Sob o céu estrelado, sentados no chão com as pernas cruzadas, na postura do lótus, os ascetas balançavam o corpo ao ritmo de um cântico suave, elevando suas preces ao Cosmos, enquanto perto deles subia a espiral prateada do incenso. No Oriente, nenhuma cerimônia mística está completa sem a queima de resinas aromáticas. O costume de queimar incenso não é uma fantástica superstição nem um rito extravagante, mas sim um símbolo da harmonia do homem com a grande consciência cósmica, por meio da prece e da meditação. Ademais, o uso do incenso é inteiramente científico. Todos os que estudam ocultismo sabem que não há matéria morta, mas todos os seres e todas as coisas da Natureza possuem e irradiam suas vibrações ou combinações de vibrações. Cada elemento químico tem, portanto, suas

influências peculiares, que são úteis em determinado sentido e inúteis e até mesmo nocivas, em outros. Quando misturamos diferentes resinas, como o incenso, o benjoim e a mirra, elas ao serem queimadas estimulam as emoções puras e nobres, purificando aquela parte da natureza humana chamada corpo emocional ou astral. Seu efeito é semelhante ao de um desinfetante, que ao espalhar-se pelo ar, destrói os germes patogênicos, embora o incenso e outras resinas aromáticas atuem nos planos superiores da matéria sutil.

À medida que o cântico dos ascetas se elevava, numa suave cadência, um lama vestido com um rico manto amarelo, que segundo soube tinha vindo de um mosteiro da cidade santa de Lhassa, estendeu as mãos finas e magras sobre o braseiro perfumado.

- O que será que ele está fazendo? - perguntei.

E o rajá respondeu:

- Magnetizando o incenso para aumentar seu poder, estimulando nosso corpo fluídico, a fim de percebermos melhor as emoções que nos vêm dos planos superiores.

Cerca de uma hora antes do plenilúnio houve um estranho fenômeno, que ainda hoje custo a acreditar. Vimos, nitidamente, formar-se perto dos três ascetas que estavam sentados no meio do círculo colorido, uma nuvem cinzenta. A nuvem condensou-se aos poucos até formar a figura de um homem jovem ainda, de pele morena, traços finos e olhar brilhante. Vestia uma túnica branca flutuante e envolvia sua cabeça um turbante de seda azul-claro.

- Que maravilha! Quem é ele? - indaguei perplexa.

- É a forma fluídica do Mestre ascensionado El Morya, um dos grandes Mestres da Fraternidade Branca do Oriente - explicou o lama Kazi. Ele é o Senhor do primeiro raio cósmico que representa a força, o poder e a proteção da vontade divina; através dele é manifestada no Universo esta vontade. Estadistas, Guias e Orientadores da humanidade, homens com grande tendência para a realização de um ideal construtivo, possuem em seus corpos etéricos uma larga faixa de cor azul, pois estão em harmonia com o Mestre El Morya.

- Ah! exclamei interessada. Fale mais sobre ele!

E Kazi continuou falando:

- Consta que ele viveu num continente antiquíssimo, que há milênios desapareceu da face da terra. Seu santuário fica ao pé da montanha do Himalaia, na cidade de Darjeeling. El Morya é o grande mestre que tem responsabilidade sobre a orientação e o desenvolvimento da Ásia e seu povo. Ao mesmo tempo, pertence-lhe o controle dos governos de todo o mundo. Dizem que no tempo de Jesus, foi ele Melchior, um dos três reis sábios do Oriente. Depois encarnou como o lendário rei Artur, da sagrada Taça do Santo Graal e sua última encarnação foi como o poeta irlandês Thomas More. Junto com ele, trabalham também no primeiro raio cósmico azul, o Arcanjo Miguel e o poderoso Elohim Hércules.

- El Morya! - repeti comovida, enquanto olhava a maravilhosa materialização de sua forma fluídica.

Era como se o nome do mestre pusesse uma nota de paz na minha mente e na minha alma. Seus grandes olhos azuis tinham um brilho tão intenso, que penetravam o mais íntimo do meu ser.

Ao lado dele, vimos aparecer uma luminosidade branca, com cerca de meio metro de altura e uns vinte centímetros de largura. Era a primeira vez que assistíamos a um fenômeno de materialização e ficamos incrédulos e ao mesmo tempo, alegres e maravilhados.

A luminosidade branca desapareceu rapidamente e logo surgiu diante de nós a figura magnífica de um velho de rosto fino e aristocrático, longas vestes brancas e cabelos grisalhos, repartidos ao meio e caindo-lhe pelos ombros em sedosas ondas. Ele movimentou os braços num gesto de bênção e andou até o centro do círculo onde estavam os três ascetas. Tinha uma aparência normal, como teria qualquer um de nós vestidos de branco.

Cinco materializações sucederam-se a esta, num curto espaço de tempo. Todos tinham uma linda formação de ectoplasma, arredondada de uma viva fosforescência meio azulada, dando a impressão do crepitar de uma chama. Isto para nós era espantoso! Mas para todos que estavam ali não parecia nada anormal. Eram fatos que confundiam nossa inteligência, pois embora já tivéssemos ouvido falar sobre fenômenos de materialização, ainda não tínhamos visto nenhum. Muitas das investigações de cientistas como Charles Richet, professor da Universidade de Paris, Enrico Morseli, famoso psiquiatra italiano, Sir Oliver Lodge e numerosos outros nomes importantes, já eram do nosso conhecimento. Mas, presenciar tantas materializações assim, numa noite de lua clara, em plena mata oriental, era algo deslumbrante e quase inacreditável!

Observamos que os seres materializados conversavam naturalmente com todos e o mais curioso é que falavam no idioma tibetano ou páli, e cada um de nós entendíamos suas palavras como se fossem ditas em nossa própria língua, num misterioso fenômeno telepático...

A um sinal do Mestre Morya, trouxeram uma tigela de ouro cheia de água de uma nascente próxima. O mestre segurou-a delicadamente entre as mãos e colocou-a sobre o altar, entre as grinaldas de flores.

Começaram então os cânticos mais sagrados. Uma doce brisa melódica chegou aos meus ouvidos. A isto seguiu-se uma explosão de música de uma beleza perfeita, mas diferente de qualquer outra que eu já ouvira. Tinha sons de uma delicadeza e ternura tão penetrantes, impossível de descrever. Eu escutava perplexa e deslumbrada.

Ao meu lado ouvi a voz de Kazi dizendo baixinho:

- Apenas os fragmentos do grandioso cântico dos Mestres é que chegam aos seus ouvidos, pequenina irmã!

Sentia-me comovida, incapaz de falar. Um doce espanto grudava os meus lábios. Gostaria de perguntar muitas coisas ao lama Kazi, mas era como se eu estivesse com a mente em branco.

Kazi percebeu a minha emoção e continuou dizendo:

- Dentro em pouco se materializará aqui, toda a grande assembleia dos Mestres da Fraternidade Branca do Oriente. Esta Fraternidade foi fundada há doze mil anos, no princípio da Idade Negra ou kaliyuga, que terminou em 1918. Assim cumpriu-se um ciclo evolutivo e começou outro também de doze mil anos. O regente desta Fraternidade é o Maha-Guru Baghavan Naraiana. Depois dele vêm os trinta e nove Anjos Planetários e que vivem em Badari Vana, região montanhosa ao norte do Himalaia e que serve de centro para a poderosa atividade dos Mestres.

Fiquei ouvindo em silêncio. Logo minha atenção foi atraída por uma intensa luminosidade que se fez diante do altar...

Novos sons maviosos vibraram no ar e então por uma grande nuvem luminosa, surgiram os quarenta Mestres que regem a Fraternidade Branca do Oriente. A princípio pareciam seres etéreos, vestidos com amplas túnicas brancas que flutuavam no ar, sem tocar a terra. Pouco a pouco suas figuras luminosas foram se adensando até que se tornaram muito reais. Um deles falou:

- Nós, os seres cósmicos, os Elohim, os Arcanjos, vos chamamos e vos estendemos nossas mãos, ó humanidade sofredora! Deixai a discórdia da terra e tornai-vos nossos discípulos, tornai-vos o canal, a taça de cristal resplandecente de luz, por onde fluirá o nosso amor, nossa sabedoria e nosso poder. Ergo a minha mão direita e envio jatos de chamas azuis a todos que precisem de uma intervenção divina! Nada resiste a esta luz cósmica, nada pode subsistir que não seja luz!

Vimos que de suas mãos diáfanas emanavam grandes luzes azuis. Ficamos confusos. Estaríamos mesmo vendo tudo aquilo, ou acaso éramos vítimas de uma sugestão hipnótica? Não tive tempo para raciocinar, pois logo, acima do altar, vimos formar-se um grande sol luminoso, como se refletisse a luz de milhares de sóis. Deste sol saíram sete raios dourados que se irradiaram sobre todos nós e logo se fundiram numa brilhante forma imprecisa.

- Olha! É o Buda Maitreya que vem abençoar a humanidade! - murmurou o rajá Dorge trêmulo de emoção.

Eu mal podia acreditar nos meus próprios olhos.

E todos cantaram:

- Tudo está pronto. Vem, ó Mestre! Vem!

Era o momento exato do plenilúnio. Pouco a pouco a aparição foi se definindo, até que vimos a figura do Buda Maitreya, o Buda do futuro.

Todos se ajoelharam e inclinaram a cabeça, logo ergueram o busto e com as mãos estendidas para a divina aparição, cantaram implorando sua bênção.

O Ser Excelso que flutuava acima do altar aparecia sentado, com as pernas cruzadas na postura do lótus, vestido com uma túnica amarelo-dourada. A mão direita apontava para o céu e a esquerda para a terra. Seu belo rosto, cor de marfim, refletia uma beleza extraterrena e uma grande serenidade. Os olhos eram intensamente azuis, de um lindo azul-violeta, os cabelos escuros lisos e brilhantes caindo-lhe sobre os ombros.

Terminados os cânticos, o Ser Excelso pegou a tigela dourada que estava sobre o altar e, durante um momento, ergueu-a acima de sua própria cabeça. Ao repor a tigela sobre o altar ele sorria bondosamente.

Súbito, uma chuva de pétalas de flores caiu sobre todos nós e um perfume maravilhoso espalhou-se pelo ar. Logo, a aparição de Buda esboçou um gesto de bênção e aos poucos foi desaparecendo até sumir completamente.

O povo cantou a saudação do ritual:

Hari! Om! Tat! Sat! (Senhor Tu és Aquilo! Inexpressável Unidade!) À medida que o Buda Maitreya - a representação máxima da força crística - desaparecia, foram desaparecendo também as formas materializadas dos Mestres da Fraternidade Branca do Oriente.

A uma ordem dos ascetas que regiam a cerimônia, formamos uma fila e cada um de nós bebeu um pouco da água que estava na tigela de ouro, contendo as vibrações do Buda Maitreya.

Depois todos se saudaram, unindo as palmas das mãos sobre a testa, num sincero "namastê" e cada um foi se retirando.

Por algum tempo fiquei imóvel, perguntando a mim mesma se tudo o que vira não fazia parte de uma visão fantástica ou de um sonho. Até hoje não posso explicar as desconstruídas emoções que senti durante o santo Festival de Wesak aos pés dos Himalais. Hoje, ao tentar reconstituir este tesouro de lembranças que guardo na minha alma, repito para mim mesma o velho provérbio chinês do "Shan Hai King" ou Livro das Terras e Mares:

"As coisas que o homem conhece verdadeiramente, não podem ser comparadas em número com as que lhe são desconhecidas..."

Ao recordar as visões do Festival de Wesak, sinto-me ainda à mercê de uma força impenetrável e misteriosa que faz com que eu pare de ser eu mesma, para me transformar no canal difusor dos sublimes ensinamentos dos Mestres da Fraternidade Branca do Oriente.

Que eles nos abençoem e nos ajudem a cumprir nossa missão sobre a terra!

DOIS

O Formoso Lago dos Lótus Brancos

Após três semanas em Gangtok, conseguimos a ambicionada autorização de trânsito do Governo tibetano. Deixamos então, o palácio do rajá Dorge e partimos em direção da floresta de Nathu-Lha. Esta primeira etapa, rumo ao Tibete desconhecido, foi a mais difícil de ser organizada. As cargas deviam ser cuidadosamente ajustadas às costas dos animais, e Tsarong - o secretário particular do rajá - insistiu para que levássemos bastante agasalhos, mantimentos e chá. Afinal, tudo ficou pronto. O rajá e suas três esposas, sempre amáveis e hospitaleiros, acenaram-nos um adeus desejando boa viagem. Generosamente, nosso anfitrião enviou-nos duas pessoas para acompanhar-nos na longa viagem. Tsering Khan, uma jovem cozinheira tibetana que ansiava rever sua terra e o Lama Dawa Kazi, que

ficaria em Lhassa, terminando sua peregrinação mística. Kazi ficou sendo então o guia da nossa pequena caravana. Quando o último animal cruzou a divisa de Gangtok, e voltamos a cabeça para olhar o majestoso monte Kichijunga, sentimos grande alegria. Finalmente estávamos a caminho do mais desconhecido e misterioso país do mundo!

Cavalgamos por um caminho forrado de pedras grandes e lisas.

Algum tempo depois entramos na floresta, onde tivemos que conduzir nossos cavalos cuidadosamente, pelo caminho estreito e lamacento, ladeado por gigantescos bambus e figueiras selvagens.

Nada pode dar ideia da luxuriante mata do Himalaia. À medida que íamos contornando o vale do rio Tista, os últimos murmúrios da civilização gradualmente desapareciam. Tivemos a impressão de que subíamos em direção às nuvens, deixando para trás este mundo científico e técnico, que tanto tem afastado o homem da Natureza...

A abundância de água nos vales do Himalaia é qualquer coisa que faz medo. Por todas as partes vimos cascatas, rios, lagos e fontes. De quando em quando lianas e cipós abriam-se timidamente, deixando ver lindas flores desconhecidas. Aos poucos pude compreender como aquela serena atmosfera pôde inspirar Sidarta Gautama, o Buda, a procurar um caminho mais rápido que levasse o ser humano à eternidade.

A voz de Mahima interrompeu meus pensamentos: - Veja! Ali está Karponang!

Vimos um aglomerado de casas brancas. Mais adiante um oceano de brumas, no qual íamos mergulhando pouco a pouco. Estávamos numa altitude de dois mil setecentos e cinquenta metros. Quando deixamos para trás a névoa avistamos o formoso lago Changu. Continuamos cavalgando durante várias horas até chegarmos à floresta de Nathu-Lha.

O caminho estava marcado por várias bandeiras de preces, como é comum no Tibete. São feitas de pele de carneiro bem curtidas, e nelas os Lamas gravam a fórmula sagrada: Om Mani Padme Hum!, que entre outras coisas significa Ó meu Deus que estás em mim. Estas bandeiras de preces são suspensas por cordões de crina de iaque: - espécie de boi peludo tibetano - e atadas a uma árvore por uma corda grossa. Oscilam nos galhos e é crença geral de que o vento leva as preces ao Criador. E o que passar por elas e agitá-las com fé, obterá o mérito da bênção de Buda, o Sublime. E quantas vezes o fizer, tantas serão as bênçãos recebidas.

Quando a caravana passou por um monte de pedras encimada por outras bandeiras de preces coloridas, com várias inscrições budistas, os tibetanos que estavam conosco desmontaram e colocaram mais uma pedra no monte, murmurando a tradicional ladainha "So Ya Lo Se." Soube depois que esta frase significa "Salve a joia do lótus!" sendo Buda a joia. Estas palavras também estão gravadas nos moinhos de orações encontrados em todos os templos e casas tibetanas.

Entardecia quando chegamos ao umbral da floresta. Resolvemos acampar numa clareira. Os animais foram aliviados de suas cargas, as tendas de

couro armadas e logo acenderam uma boa fogueira. Sentamo-nos em volta da fogueira, enquanto a cozinheira Tsering Khan preparava uma frugal refeição. Quando terminamos de comer já era noite cerrada. Fazia bastante frio, pois estávamos numa grande altitude. Embora vestindo pesadas roupas de lã forradas de pele de castor, ainda assim sentíamos muito frio. Ao longe, os montes Himalaia cobertos de neve, brilhavam à luz da lua. Cansada pela longa jornada fechei as cortinas da minha tenda e fui repousar.

Os Vampiros da Floresta de Nathu Lha

Todos se recolheram e logo tudo era silêncio. Ouvia-se, apenas, o crepitar da fogueira. Eu estava quase dormindo quando ouvi um estranho vozerio do lado de fora. Levantei-me, abri a tenda e olhei. Vi somente dois criados sentados calmamente junto ao fogo, fumando seus longos cachimbos de barro. Pareciam alheios ao ruído. Senti um calafrio. Olhei para a mata e vi por entre as árvores, cobertas de musgo, as ruínas de um maravilhoso palácio. Iluminadas pela luz da lua eram de uma beleza singular. Uma força sobrenatural parecia empurrar-me naquela direção. Cheguei a dar alguns passos fora da tenda, mas algo dentro de mim fez-me parar. Após uma certa relutância, fiquei parada, olhando as maravilhosas ruínas que os dois criados pareciam não ver. Que palácio era aquele? - perguntava a mim mesma. De quem teria sido? Que tesouros arqueológicos encerrariam? Senti contato com um passado longínquo e acudiram à minha mente evocações de tempos fabulosos. Diante de mim, entre montanhas numerosas aquelas ruínas fascinavam-me num apelo mudo. Pensei ver diáfanas sombras que pareciam acenar-me. Mas... sem saber como, uma força poderosa obrigou-me a desviar os olhos. Fechei apressadamente as cortinas da tenda e fiquei deitada sobre o colchão de borracha, pensando no mistério de tudo aquilo. Pouco a pouco fui adormecendo e o sono acalmou a minha agitação. Na manhã seguinte, bem cedo ainda, procurei o Lama Kazi. Ele conhecia toda aquela região e poderia acompanhar-me numa visita às ruínas ali próximas. O Lama olhou-me surpreso.

- Que ruínas, minha jovem senhora? - indagou. Contei-lhe então o que ocorrera durante a noite.

Kazi ficou pensativo por um instante. Depois falou convicto:

- Esta visão não passou de uma grande Maya (ilusão).

- Como assim? - perguntei perplexa.

E ele prosseguiu falando:

- Nesta região, muita gente costuma ver ruínas fantásticas durante a noite. Mas elas não são reais. São criadas pela vibração do pensamento dos lendários vampiros "Tísas" que há séculos vivem nesta floresta... Com os fios dos seus pensamentos, tecem uma teia mágica com a qual atraem os incautos, para sugar-lhes o sangue. Depois, abandonam o corpo em algum lugar da floresta e os corvos se encarregam dele.

E Kazi contou que o Tibete é cheio de esqueletos mal-assombrados por

demônios, dos quais conhecia muitos exemplos macabros. De um extremo a outro o país está cheio de feiticeiros, magos, místicos, filósofos, ermitões e santos homens. É geral a crença num mundo espiritual, povoado de seres invisíveis uns bons outros maus, que em certas ocasiões aparecem aos mortais que têm o dom da mediunidade.

Certamente a negação rotunda destes fatos é o único recurso dos críticos, o mais seguro abrigo em que se refugiará algum dia, o último dos céticos. Inútil é conversar ou tentar convencer com quem nega, sistematicamente os fatos do adversário, evitando assim ter que conceder algo. Creuzer - o mais erudito dos mitólogos alemães - talvez tenha invejado a plácida confiança em si dos céticos, ao ver-se forçado a admitir num momento de desesperada perplexidade que:

"Somos obrigados a retroceder às teorias dos gnomos, e dos gigantes, tal como os compreenderam os antigos; pois sem elas, é absolutamente impossível explicar algo referente aos mistérios mitológicos". (1)

Nota:

(1) - Creuzer. Introdução aos Mistérios, vol. III, pág 456

O Mosteiro de Kargyompa

Ao sairmos da floresta de Nathu-Lha, alcançamos um caminho sinuoso, que parecia conduzir-nos aos píncaros do céu. Fomos subindo e, a cerca de uma altitude de 3.600m, todos os traços da vegetação da mata foram desaparecendo. Aqui e ali víamos apenas gigantescos carvalhos e rododendros, que também foram rareando para dar lugar a velhos pinheiros. Fomos andando e ao alcançarmos as margens de um rio, vimos um enorme boi peludo, que os tibetanos chamam de iaque. Ele bebia água tranquilamente e pareceu ignorar nossa presença. Continuamos a andar, a 3.900m desapareceram todos os traços de vegetação. Abismos e precipícios, rochas e cavernas de pedra semeavam o caminho. O frio era intenso à medida que continuávamos subindo. Quando atingimos 4.300m, começou a nevar. Lagos e rios, rochas e montanhas pareciam blocos de gelo, tive à impressão que ia morrer de tanto frio!

- Faça a respiração yogue para esquentar o corpo! - aconselhou o Dr. Vessantára.

Obedeci. Pouco depois consegui equilibrar a minha circulação.

Fiquei mais calma e animada a prosseguir. A região era gelada, mas belíssima. Afinal, chegamos à fronteira entre Sikkim e o Tibete. Paramos um pouco no alto da montanha e pela primeira vez, profundamente emocionada, olhei a terra tibetana.

Pareceu-me uma imensa massa de montanhas nevadas e vales profundos, cheios de nuvens. Cautelosamente, prosseguimos viagem pelos caminhos nevados. A descida era tão íngreme que tivemos que desmontar. Mas de repente a neve parou de cair. Os primeiros raios do sol começaram a brilhar

timidamente. Até que o sol foi esquentando e tanto a neve como o gelo foram desaparecendo e vimos novamente a terra. Para nós isto foi um espetáculo estranho e maravilhoso! Era quase inacreditável observar esta transformação dentro de poucas horas.

- São milagres do vale de Chumbi... - explicou o Lama Kazi. Apareceram os pinheiros e logo algumas florinhas silvestres vermelhas e azuis, cada vez mais numerosas, à medida que descíamos rumo ao vale. Entardecia quando acampamos no formoso vale de Chumbi. Após uma noite serena e repousante, prosseguimos viagem. Eram cerca de duas horas da tarde, quando vimos o mosteiro de Kargyompa. Era uma singela construção de pedra no alto da montanha, mas de uma grande beleza.

- Neste mosteiro vivem uns 60 Lamas e 30 noviços ou "trapas" - falou Kazi. Seria bom irmos até lá!

À medida que nos aproximávamos, fomos vendo gravados nos altos muros de pedra, pinturas representando deuses lamaístas. Na entrada do mosteiro havia uma fonte cristalina, onde os animais pararam para beber. A força hidráulica fazia girar um grande moinho de preces, fixado dentro da fonte.

Assim que passamos os grandes portões abertos de par em par, veio ao nosso encontro um monge baixinho, gorducho e sorridente. Sorriu ainda mais quando Vessantára entregou-lhe uma bolsa cheia de dinheiro e pediu-lhe pousada para nós. Explicou que vínhamos da Índia e íamos visitar os lugares santos do Tibete.

- Meu nome é Om Tsé - falou - Entrem e sejam bem-vindos! Fomos andando em direção a um pátio sombreado por árvores centenárias. Grupos de "trapas" ou noviços, usando longo hábito de lã cinza clara, colhiam amoras na ala oeste. Observamos que todos tinham cabelos compridos e lisos caindo-lhes pelos ombros e usavam um barrete pontudo de pele de iaque. Mais tarde soubemos que este chapéu é uma das características dos noviços de Kargyompa. Conduzidos por Om Tsé, entramos numa grande sala forrada com uma espécie de tatamis ou esteiras de palha de arroz. No fundo, vimos um altar de mármore branco com um grande Buda sentado sobre uma flor de lótus. A estátua era de bronze polido e numa doce atitude meditativa Sidarta Gautama, o Buda, nos olhava.

- Esperem um momento - disse Om Tsé - vou avisar vossa chegada ao Grande e Precioso Lama Rimpoche.

No Tibete é costume quando visitamos alguém, levarmos uma echarpe de seda branca chamada "ka-ta". E em troca, recebemos outra semelhante.

Alguns momentos depois apareceu o Lama Rimpotche seguido por Om Tsé. Desta vez tive uma surpresa agradável, pois o Lama Rimpotche parecia ser sábio e inteligente, ao contrário de Om Tsé que parecia simplório.

O Grande e Precioso Lama era um homem alto, magro de uns setenta anos presumíveis, Brilhava em seus olhos amendoados uma luz tranquila e radiosa, Ele vestia uma túnica amarelo-açafrão, de uma elegância nobre e remota; na cabeça usava o mesmo barrete pontudo de pele de iaque, sobre os cabelos brancos e lisos. Por entre as pregas de sua túnica vimos um

grande punhal cujo cabo incrustado de turquesas - a pedra sagrada do Tibete - era uma obra de arte preciosa. Estranhei. Afinal, por que motivos um Lama andava armado? Não havia explicação lógica no momento. Mais tarde soube a estranha e maravilhosa história daquele punhal.

Após a troca das echarpes de seda, o Lama Rimpoche conversou longamente com Kazi em tibetano. Embora nada compreendesse, senti certa emoção ao ouvir sua voz grave e macia. Após um breve diálogo, o Grande e Precioso Lama saudou-nos com um leve sorriso e retirou-se.

- O abade concordou em que ficássemos aqui, até passarem as grandes chuvas - disse Kazi, enquanto Om Tsé nos conduzia aos aposentos dos hóspedes, situados na ala norte do mosteiro.

A Vida Entre Os Lamas

Estava ocupada em arrumar meus pertences num grande alforje, como é costume no Tibete e a dobrar o meu colchão de borracha forrado de lã, pois no mosteiro não há camas nem cadeiras (os ламas sentam-se sobre almofadas e dormem no chão sobre o próprio hábito), quando ouvi soar um gongo. Olhei através da grande janela e vi os ламas reunidos no pátio. Uma música estranha chegou aos meus ouvidos. A orquestra era reduzida, Era formada de 2 "gyalings" (espécie de oboés), duas "ragdongs" (enormes trombetas de metal típicas do Tibete, de três ou quatro metros de comprimento) e dois tambores.

- Que reunião será esta? - indaguei a mim mesma.

Um instante depois bateram na porta da cela onde eu estava hospedada. Era a esposa de Vessantára. Com o rosto moreno afogueado e os grandes olhos escuros muito brilhantes, ela falou:

- Venha! Vamos assistir à cerimônia da saudação ao Sol poente. Descemos uma tosca escada de pedras e logo nos encontramos no pátio, diante dos ламas. Vi um altar primitivo feito de pedras rosadas. Nele brilhavam as chamas de uma tocha, que soubemos depois simbolizar os quatro princípios da Natureza. Além, no horizonte azul, picos abruptos surgiam entre as nuvens e o Sol poente derramava um cálido brilho em toda a paisagem. Aproveitamos a claridade para tirar uma foto dos ламas tocando as longas trombetas. Mas a um sinal de Kazi, tivemos que guardar a máquina, pois as fotos são proibidas.

O abade Rimpoche estava de pé, olhando para o Oeste, com os braços estendidos para o alto e as palmas das mãos para cima. Pareciam indicar que ele recebia, agradecido, a luz divina.

Enquanto isto a orquestra dos ламas continuava a tocar em surdina. A música fluía pura, límpida e serena; baixinho os ламas murmuravam estranhas orações. Quando a cerimônia terminou já era noite. Foram acesos diversos lampiões de óleo de iaque, muito usados no Tibete.

Fomos conduzidos ao refeitório. Uma sala ampla, forrada de "tatamis" ou esteiras de palha de arroz, onde uma fileira de mesinhas baixas estavam

cobertas com alvas toalhas de algodão, tecidas no próprio mosteiro. Sentamo-nos no chão, sobre almofadas, com as pernas cruzadas. A refeição constava de arroz integral cozido com ervas aromáticas, frutas, coalhada e mel silvestre. Após a refeição, todos nos recolhemos a nossos aposentos. De madrugada, começaram as fortes chuvas, o que é muito raro no Tibete, país seco e árido.

Com o correr do tempo fomos aprendendo alguns costumes dos ламас, colhendo lendas e tradições, gravando suas estranhas músicas e procurando sempre conhecer algo mais sobre a vida dos ламас, naquele longínquo mosteiro.

A disciplina religiosa parecia ser bastante severa. O dia começava às quatro horas da manhã, tal como na Índia, que dizem ser a hora santa de Brahma o Criador. Após as orações matinais, faziam uma refeição frugal à base de chá com bastante manteiga de iaque e broas de cevada. Em seguida iam trabalhar em diversos setores. O serviço doméstico era feito alegremente, pois todos acreditam na santidade do trabalho manual, não evitando nenhum serviço, por mais humilde e desprezível que seja. Diversas vezes vimos, com espanto, o abade Rimpoche na cozinha preparando o "tsampa" cevada torrada cozida com manteiga e água, que é o alimento principal dos tibetanos. Também costumam misturar cevada com chá quente. A mistura era mexida vigorosamente sobre o fogo brando, até ficar bem cremosa. Juntavam depois sal e manteiga de iaque. O resultado é uma massa elástica que pode ser enrolada em bolos de várias formas decorativas. Soubemos que alguns feiticeiros costumam fazer com esta massa as famosas "tormas" bolos ou tortas voadoras, que amedrontam e assombram os tibetanos.

A história destas "tormas" está ligada à magia negra e é das mais curiosas. Têm uma forma cônica piramidal. Consta que primeiro os feiticeiros fazem um rito especial, chamando os deuses protetores. Dizem que mal eles terminam a invocação, as "tormas" se animam como se tivessem um demônio dentro, começam a voar e, viajando pelo ar como pássaros maléficos, entram nas casas das pessoas que os magos negros querem enfeitiçar, causando grandes estragos. Quando alguém tenta segurar uma destas "tormas", cai logo morto vítima de um estranho poder infernal.

Soubemos que no mosteiro de Kargyompa o ensino monástico consiste nos seguintes estudos:

Filosofia oriental e metafísica.

Ritual, magia e astrologia.

Medicina natural e o poder das ervas.

Regras monásticas do lamaísmo.

Traçado dos círculos mágicos Kyilkhos ou Kiikors.

O traçado destes círculos mágicos é curioso e lembra muito os traçados dos pontos umbandistas do Brasil. Tivemos a oportunidade de ver alguns, durante nossa estadia em Kargyompa. São uma espécie de diagrama desenhados no chão ou no papel, bem como sobre metal, pedra ou madeira. Há uma grande variedade deles. São desenhados com pós coloridos,

lembrando a pempa africana, em diversas camadas; que permitem assim um desenho em relevo. Alguns têm cerca de três metros de diâmetro. No centro, são colocadas lamparinas de azeite, velas e bandeirolas de papel colorido com inscrições mágicas. Os Lamas levam anos estudando as regras do Kyilkhos ou Kiikors. O menor erro no desenho, nas cores ou na disposição do acessório pode acarretar maus resultados. Dizem os Lamas que estes círculos ou "pontos" mágicos são como facas de dois gumes; ferem e matam aqueles que não sabem desenhá-los. Cada variedade de círculo exige uma iniciação diferente. Se for traçado por uma pessoa não iniciada, não tem nenhum poder.

Os Lamas animam magicamente estes círculos e também as imagens dos santos ou demônios, antes de render-lhes culto. Este rito chama-se "prana pratisha" e tem por objetivo transmitir fluídos psíquicos que são absorvidos pela imagem. Estes fluídos parecem que dão vida às imagens. Esta vida se conserva enquanto houver um culto diário, tanto ao círculo mágico como à estátua. Ela se alimenta da concentração mental daquele que praticou o rito. Se faltar este alimento sutil, os fluídos morrem e o objeto volta a ser matéria inerte.

Consta que estes ritos são praticados tanto pelos Lamas do Chapéu Vermelho como pelos Lamas do Chapéu Amarelo. A história destas duas congregações que formam o clero tibetano é muito curiosa e merece ser transcrita:

Em épocas bem remotas, o Tibete foi governado pelos "Bon", ou feiticeiros. Mas, em 1368, um santo Lama, chamado Tsong Kapa, discordou das normas nigromates dos feiticeiros e empreendeu uma reforma religiosa, proibindo a magia negra e o casamento dos monges. Formaram-se então dois grupos antagônicos: os Lamas do Chapéu Amarelo, seguidores de Tsong Kapa, e os Lamas do Chapéu Vermelho, adeptos dos feiticeiros. Durante muitos anos houve uma grande luta, mas por fim venceram os Lamas do Chapéu Amarelo, chefiados por Padma Sambhava, um dos maiores heróis do Tibete. Mas, ainda hoje são muitos os mosteiros da seita vermelha espalhados por todo o País das Neves. Consta que no mosteiro de Emche há um lama do Chapéu Amarelo que é abade de monges da seita vermelha, num maravilhoso sincretismo. Este fato não é raro no Tibete, talvez porque os magos brancos desejem dar uma chance de maior sabedoria aos magos negros.

Na véspera de nossa partida rumo ao coração do Tibete tivemos uma conversa muito interessante com o abade Rimpoche do mosteiro de Kargyompa onde estávamos hospedados. Tendo Kazi como intérprete, traduzindo as palavras do abade para o inglês, indaguei:

- Por que os grandes iniciados são sempre do sexo masculino?
- Não é comum encontrarmos uma criatura que alcança a grande iniciação, enquanto habita um corpo feminino, embora haja exceções. A mulher representa a força lunar negativa "Yin" da Natureza. Ela tem dez "chakras" ou centros de força energética sutis e não tem o dom da criação que está no

sêmen masculino. Em tibetano chamamos estes centros de "khorlos", rodas ou centros de força energética sutil.

- Como são estes centros de força? - indaguei muito interessada.

- Dizem nossos velhos sábios que o corpo humano tem sete centros psíquicos ou sutis de grande importância. São vórtices, ou rodas vibratórias semelhantes a um lótus - a flor sagrada de toda a Ásia. Correspondem ao Corpo Espiritual dos plexos nervosos que há em todo ser humano. Os mais conhecidos são sete. Mas existem outros centros de força sutil magnética, só conhecidos nas altas etapas da iniciação. No homem são 9 - o número perfeito. Na mulher são 10. Sete conhecidos e três ocultos.

- Onde estão situados estes centros de força magnética sutil?

- Começando de baixo para cima temos:

7 - Muladara - está ligado ao elemento terra. É a sede do desejo. Está localizado no plexo pélvico sobre o sexo. Tem a forma de um lótus de quatro pétalas.

6 - Svadistana - está ligado ao elemento água. Localiza-se na região do umbigo no plexo hipogástrico. Sua forma é a de um lótus de seis pétalas.

5 - Manipura - está ligado ao elemento fogo. Situa-se no plexo solar. Parece um lótus de dez pétalas.

4 - Anahata - está ligado ao elemento ar. Corresponde ao plexo cardíaco. Parece um lótus de doze pétalas.

3 - Vishuda - está ligado ao éter imponderável. Situa-se no plexo faríngeo. Parece um lótus de dezesseis pétalas.

2 - Ajna - situado no entre cenho. Dá aos homens o dom da 3ª. visão e da clarividência. Parece um lótus de duas pétalas.

1 - Sahasrara - é o coronário, situado no alto da cabeça. Corresponde ao revestimento cortical do cérebro. É representado simbolicamente por uma proeminência que vemos no alto da cabeça das estátuas dos Budas, os Sublimes Iluminados. Parece um lótus de mil pétalas.

Quanto aos outros centros ocultos, nada mais pode ser dito... Por um momento o abade ficou em silêncio. Depois falou:

- Na futura raça dourada que um dia nascerá no Ocidente os centros de força magnética sutil que estão ocultos, aparecerão.

- Por favor, Venerável Rimpoche, fale sobre esta raça dourada! - pedi sumamente interessada.

- A raça dourada formará a sétima raça do Terceiro Milênio.

Haverá então em todos os países ocidentais, um aumento assombroso de inversões sexuais. Será o início de uma violenta fase de transição e preparação, para uma forma de evolução biológica espiritual e moral, mais elevada. Devemos, pois, ser tolerantes com estes seres em estado de transição evolutiva, cujo número aumenta cada vez mais no mundo.

- É verdade! - concordei pensativamente.

O Punhal Mágico do Rei Langdharma

As mãos magras e bonitas do abade acariciavam levemente seu lindo punhal tibetano. - Que significa para o senhor, este lindo punhal? - indaguei curiosa.

E na sua voz grave e mansa o abade respondeu:

- Este "purbha" - punhal mágico - foi retirado por meu Guru, o venerável Lama de Latchen, das mãos de um feiticeiro, cujos antepassados roubaram-no do nosso antigo rei Langdharma. Os magos negros há muitos séculos, enfeitiçaram este punhal e, então, ele passou a ser manipulado mentalmente à distância. Um dia... voou pelos ares e cortou o pescoço do rei Langdharma, que odiava os feiticeiros. (1) Desde então, todos que o tocavam, morriam, exceto os feiticeiros. Até que um dia o Lama de Latchen, com sua grande sabedoria, venceu os feiticeiros. Apoderou-se do punhal e retirou-lhe a força maléfica. Quando completei minha iniciação, o mestre fez-me presente deste punhal encantado. Guardo-o como um talismã contra o mal.

- E o Lama de Latchen, vive ainda? - perguntei.

- Sim... ainda está vivo, apesar de ter mais de quatrocentos anos ...

- Como?

Essa assombrosa lenda de longevidade é demasiadamente fantástica para ser aceita por um raciocínio lógico.

O abade sorriu da minha incredulidade e prosseguiu:

- Através de certos ritos secretos, os Gurus ou Mestres podem conservar o corpo físico por tempo indefinido, até completarem a sua missão da terra.

Naquela época fiquei completamente incrédula, mas hoje, passados tantos anos e tantas experiências no campo espiritual, aceito as palavras do abade como verdades irrefutáveis.

- Como eu gostaria de conhecer o Lama de Latchen! - exclamei curiosa.

- Mais cedo do que espera, este encontro se dará - respondeu o abade.

- Mas, onde poderei encontrá-lo?

- Espere e verá - foi a enigmática resposta.

E assim dizendo, o abade levantou-se, fez uma leve reverência e desapareceu atrás dos pesados reposteiros cor de açafrão.

Na manhã seguinte deixamos o mosteiro de Kargyompa e partimos rumo à cidade de Yatung. Cavalgamos durante horas pelo vale lamacento, bordado de pinheiros e rododendros. Vimos um bando de gazelas e logo depois deparamos com o maravilhoso lago "Padama-Pulgo-Cho" - ou lago dos lótus. As grandes folhas verdes, de caules longos e esguios pairavam acima da superfície, realçando o colorido suave das flores. Vimos diversas variedades de lótus brancos, azul-claro, rosa e carmesim.

- Esta é a flor sagrada de toda a Ásia! - murmurou Mahima, com um brilho novo nos grandes olhos negros.

Era a primeira vez que víamos lótus coloridos, pois só conhecíamos o lótus branco da Índia e ficamos verdadeiramente encantados. Os lótus tibetanos parecem maiores e de um colorido mais intenso.

Assim que chegamos às margens do lago, o Lama Kazi desmontou e ajoelhou-se diante das flores. Paramos também e ficamos esperando. Ouvimos o cântico dos pássaros na margem oposta do lago. Logo, ouvimos

também os roucos grasnidos de um corvo. Finalmente o Lama Kazi ergueu-se e veio para junto de nós.

- Perdoem-me - disse ele - nós, os tibetanos, vemos nas flores de lótus a representação simbólica da Suprema Divindade. Julguei meu dever saudá-la, tal como mandam nossos antigos ritos.

- Foi bom pararmos aqui - retrucou o Dr. Vessantára - assim pudemos admirar calmamente, esta bela paisagem. Na minha pátria, a Índia, o lótus é também considerado como emblema do Criador.

E virando-se para a esposa, Vessantára falou: - Lembras, Mahima, daquela lenda dos lótus descrita no livro "Xiva Purana"?

- Sim, lembro-me.

- Como é esta lenda? - indaguei curiosa.

E Mahima falou:

- Conta-se que certa vez a deusa Dolma do Tibete, pediu ao deus Brahma, que lhe contasse a origem da flor de lótus. Quando o deus Vixnú, ia criar o mundo - disse Brahma - fez surgir nas águas do Rio de Prata da Via Láctea, um formoso lótus branco de cujas pétalas eu nasci. Quem sou eu? De onde vim? - perguntei atônico. Depois de pensar muito cheguei à conclusão de que o lótus era meu pai e minha mãe. Então, resolvi descer por um dos caules até alcançar a raiz da flor. Levei cem anos descendo. Afinal, encontrei o deus Vixnú que me repreendeu por ter feito aquilo. Discutimos até que apareceu o deus Xiva, que evitou nossa briga. Então, Vixnú desceu pela raiz da flor até chegar à misteriosa cidade encantada de Patala, onde vivem os puros de espírito. E tomando a forma de um cisne eu voei para o infinito...

- Nas minhas andanças pelo Egito - falou Pierre Julien - encontrei também o culto do lótus. Os antigos sacerdotes de Tebas diziam que o lótus é o símbolo de "Viraj-Horus" - o deus andrógino filho de Ísis e Osíris. Para eles as pétalas do lótus simbolizam os sete espíritos guardiães que regem os astros. Com as sementes torradas os sacerdotes preparavam a comida dos deuses. Com a raiz que é redonda e do tamanho de uma maçã, fabricavam um bálsamo perfumado com o qual se ungiam.

- Que interessante! - exclamei.

- Qual é o simbolismo do lótus aqui no Tibete, além daquele que já nos disse? - perguntei a Kazi.

Kazi ficou em silêncio por um momento. Esperamos pacientemente suas palavras:

- Para os tibetanos a flor de lótus é o emblema da difusão da vida e da fertilidade da terra. Está relacionado com as vibrações do Sol nascente. Quando o astro rei surge no horizonte, o lótus se abre por sobre as águas. Quando o Sol desaparece, a flor se fecha. Dizem que a raiz do lótus fundida na lama representa a vida material, o ser humano que, com os pés presos na terra, eleva seu pensamento ao infinito.

- Tudo isto é fascinante! - exclamou o velho Pierre Julien. Creio que quando voltar à França, escreverei um livro sobre o lótus!

Seus olhos azuis brilhavam e seu rosto enrugado parecia ter uma nova vida.

Apesar dos seus sessenta anos, Pierre era um velho robusto e forte.

- Então, comece logo a escrevê-lo - disse Vessantára - antes que Chiang Sing o faça...

Todos nós rimos e voltando a montar, prosseguimos viagem.

O caminho estava marcado com bandeiras de preces. Vimos também muitos moinhos de orações pendurados nas árvores. Estes moinhos são cilindros de metal que contêm palavras sagradas escritas numa fita de papel. Cada giro da manivela multiplica o valor das preces.

À medida que nos aproximávamos, fomos observando que Yatung era uma bela aglomeração de casas de pedras brancas, que pareciam elevar-se em direção a um grande edifício retangular. Cada casa, algumas delas com três andares, tinha paredes um pouco inclinadas. Estas eram perfuradas por janelas esculpidas com figuras de deuses. Para entrar em Yatung, seguimos uma estrada pavimentada de lajotas, à moda dos antigos romanos. Passamos embaixo de um miniarco de triunfo, cuja fachada era enfeitada com desenhos coloridos. Desenhos geométricos representando "Yantras". Estes "Yantras" são usados para a prática da reintegração do homem consigo mesmo. Eram azuis, vermelhos e dourados.

Nossa primeira visita foi ao Prefeito da cidade. Subimos até sua bela residência, levando conosco as indispensáveis echarpes da felicidade. O Prefeito, cujo nome era Mingyur, nos recebeu num grande salão coberto por lindos tapetes chineses, e tendo vários almofadões de seda bordada, espalhados pelo chão. Fomos acolhidos cordialmente. Diante dos nossos passaportes e guias de trânsito livre, autenticados pelo Governo tibetano, Mingyur após fazer perguntas triviais, deixou-nos seguir.

E assim fomos para uma pequena hospedaria ao norte de Yaatung. Ainda não tínhamos desfeito a bagagem, quando Miahima Vessantára veio chamar-me. Na sala, junto a Kazi, Vessantára e Pierre, estava um jovem Lama.

Usava uma ampla túnica de linho grosso amarelo e na cabeça o tradicional chapéu pontudo, forrado de peles. Mais tarde, soube que este chapéu simboliza o Cordão de Prata, cuja entrada no corpo é feita no alto da cabeça onde está situado o "Lótus de mil pétalas." - Ele veio dar-nos as boas vindas e trazer-nos presentes de parte de seu Mestre, o Venerável Lama de Latchen. - disse Kazi.

E apontou para uma bandeja de prata que o jovem oferecia, cheia de biscoitos, folhas de chá e manteiga de iaque, cuidadosamente embrulhada em papel de seda.

- O Lama de Latchen! - exclamei alegremente.

- Sim... ele nos convida para ficarmos hospedados no seu mosteiro, a alguns quilômetros distante d'aqui.

Quando voltei a mim da emoção, perguntei:

- E o que estamos esperando?

Nota:

(1) - Soubemos depois que há uma outra versão sobre o rei Langdharma, que afirma justamente o contrário. Muitos acreditam que o rei Langdharma pretendia restabelecer no Tibete o Xamanismo - seita onde impera a feitiçaria - mas, devemos concluir que noventa por cento destas histórias, são puramente mitológicas. Que cada um escolha a sua própria versão. A verdadeira talvez nunca venha a ser conhecida.

TRÊS

O Lama de Latchen

Eram quatro horas da tarde quando chegamos ao Mosteiro da Sagrada Luz de Buda, onde vive o Lama de Latchen com seus discípulos. Situado na encosta de um monte ele domina as casinhas da aldeia. Sua arquitetura lembra muito o "Chorten Nyima" ou Santuário do Sol que há em Gangtok, mas que não tivemos oportunidade de visitar. O andar térreo do mosteiro só tinha duas grandes janelas, mas haviam três lindas portas de cedro esculpidas de Budas, acima das quais estava fixado o velho emblema budista: uma cruz suástica pintada em branco. O Lama de Latchen recebeu-nos pouco depois da nossa chegada, num grande salão do primeiro andar.

Ao longo da parede em que se abriam as janelas, havia um pequeno palanque alto, coberto de almofadões bordados e tapetes de lã tecida com fios laranja, azul e rosado formando desenhos de flores e borboletas.

Nesse palanque ou tablado haviam mesas estreitas de ébano e marfim. Numa outra parede vimos várias prateleiras com objetos sagrados. Pinturas em seda representando deidades lamaístas enfeitavam todo o ambiente.

Sentado numa "gomti" ou cadeira de meditação, o Lama de Latchen nos recebeu cordialmente. Ofereci-lhe uma echarpe de seda branca e em troca recebi outra igual, como manda o protocolo tibetano. Timidamente murmurei um agradecimento em tibetano:

- Todechi!

Era a primeira vez que tentava falar tibetano. Meus esforços pareciam divertir o Grande Lama.

Sua expressão bondosa pareceu-me muito familiar. Tinha um sorriso manso, de quem encontrou a Paz Profunda. Seu rosto magro e anguloso, era cor de bronze polido. Seu corpo era fino, nariz grande e boca firme. Os olhos pequenos e vivos; em volta deles a pele se contraía em pequenas rugas. Os cabelos grisalhos eram reunidos numa trança que lhe caía pelas costas, à maneira chinesa. Na cabeça um chapéu de seda amarelo, pontudo como a Mitra do Papa, tinha pequenas abas debruadas de peles. Olhei bem para ele e recordei as palavras do abade do mosteiro de Kargyompa:

"- Meu Mestre, o Lama de Latchen, vive ainda, apesar dos seus quatrocentos anos de idade..."

Será realmente possível que alguém viva quatrocentos anos?

E poderia um velho desta idade matusalênica ter a aparência de um homem de sessenta?

Não sei, tudo me parece muito confuso...

Observo o Lama, silenciosamente, enquanto Kazi e Vessantára conversam com ele. Sua expressão é modesta e tranquila e apesar de não usar os singelos hábitos monásticos, irradia doçura e humildade. Pendia-lhe do peito um longo rosário de brilhantes azuis mesclado com contas de jade verde musgo.

- Espero que sejam meus hóspedes por algum tempo - disse o Lama em inglês, com um ligeiro sotaque. Devem considerar como se estivessem em suas casas. As cerimônias e formalidades são próprias apenas do mundo profano. Deixo-os ao cargo do meu discípulo Kazi, que já conhece o mosteiro.

E assim dizendo o Lama afastou-se.

- Como? Também estudou aqui? - perguntamos surpresos. E Kazi respondeu modestamente:

- Sim... na minha infância ... quando eu tinha oito anos, vim para este mosteiro, aos cuidados de um Lama nosso amigo. Com ele aprendi um pouco, mas só fui iniciado quando chegou o Venerável Lama Trinazadin que acaba de nos deixar.

- É verdade mesmo que ele tem quatrocentos anos? - indaguei incrédula.

- Talvez... minha jovem senhora ... há séculos que o Lama Trinazadin ilumina, com a sua presença, as regiões do Himalaia... Consta que ele é emanção divina do Mestre Djwal Khul que faz parte da Fraternidade Branca do Oriente. Seu corpo tem sempre a mesma aparência de serena maturidade. Quando caminha não projeta nenhuma sombra e seus pés não deixam marcas sobre a terra. Sabe-se que há milênios ele assumiu um compromisso, relacionado com o progresso evolucionário da humanidade. Aqui ele exerce sua influência em silêncio e de maneira desconhecida para o resto do mundo...

Fico perplexa ante estas assombrosas afirmações. Tenho a mente aberta, sem nenhuma intenção crítica e não ofereço mais nenhuma resistência às palavras de Kazi.

Nosso amigo Kazi levou-nos para conhecer o resto do mosteiro.

Andamos por uma ala cheia de celas ou "gompas" silenciosas. Passamos por diversos altares cheios de divindades, andamos por espaços cobertos e descobertos. Tudo aquilo me parecia muito familiar. Fiquei muito intrigada. Afinal, eu nunca tinha estado ali antes. Porque esta impressão tão estranha? Chegamos a um pátio cheio de claustros.

- Aqui ficam os aposentos dos hóspedes - disse Kazi.

Escolham os que quiserem.

Assim o fizemos. Fazia muito frio e a cela que escolhi era úmida e simples. Um noviço trouxe água quente para nosso banho. Tirei as pesadas botas de couro forradas de pele de carneiro, e a pesada roupa de montaria. Após me lavar numa bacia, vesti roupa quente e limpa. Mais tarde apareceu Kazi e

nos levou a um salão onde a refeição estava servida. Era uma sopa de cereais com creme de leite fresco, pão de centeio e chá com bastante manteiga. Nunca nenhuma comida nos pareceu tão deliciosa...

Os lamas não comem nada à noite. Limitam-se a apenas uma refeição por dia. Após o jantar, fomos repousar. Dormimos a noite toda. Na manhã seguinte, bem cedo ainda já estávamos de pé, tranquilos e bem dispostos.

Ficamos quatro semanas no Templo da Sagrada Luz de Buda e lá aprendemos muitas coisas. Tal como em Kargyompa o dia para eles começava muito cedo. A música religiosa que escutávamos pela manhã, à tardinha e ao crepúsculo, era melodiosa e convidava à meditação. Todos os dias o ritual era o mesmo. No grande altar principal eles acendiam velas, sempre em número ímpar. Colocavam taças de cristal com água e riscavam no chão o círculo mágico ou "kyilkhos". Consta que é através destes círculos que são dadas as ordens para uma série infindável de espíritos e elas são obedecidas sem vacilação. O desenho ou "ponto" serve como identificação da Entidade chefe manifestada. Eram usados pós nas sete cores fluídicas exotéricas das sete legiões angélicas. Em seguida a defumação de todos com o incenso abençoado pelo Grande Lama. O altar era formado por duas partes. A parte superior, ou oratório tinha a imagem do Buda Maitreya, flores, rosários coloridos, as taças de água e velas também coloridas. A parte inferior do altar é secreta, ficando sempre fechada por uma cortina de seda amarela. Dizem que contém elementos naturais como favas, sementes, metais, contas e raízes sagradas. Todos os dias eram oferecidos banhos com ervas socadas numa tigela de madeira. Eles deviam ser tomados do pescoço para baixo e a pessoa ficar com os pés apoiados sobre a terra ou sobre carvão mineral. Eles servem para a limpeza do campo magnético, assim também como o incenso. Indagamos porque eles usavam velas só no número ímpar. E a resposta foi:

- Porque os números ímpares são positivos, "Yang" solares e masculinos. Os números pares são negativos, "Yin", lunares e femininos. As velas e as taças com água representam os dois elementos: água e fogo, considerados elementos essenciais da Natureza.

Durante o ritual os lamas cantavam hinos mágicos chamados "Mantras" ou palavras de poder. São sons místicos que põem em movimento certos planos da Natureza, produzindo assim maior afinidade vibratória entre os planos da matéria e do espírito.

Além destes ritos diários, tivemos oportunidade de assistir certas experiências alquimistas muito interessantes.

O inverno chegara. E tal como estava previsto, toda a paisagem se cobriu de neve, bloqueando os vales que conduziavam à montanha. O Lama de Lachen encerrou-se em retiro. Aproveitamos para aprender alguma coisa com seus discípulos.

Os Sábios Alquimistas

Certa manhã, bem cedo ainda, Kazi veio bater na porta da minha cela: - Venha conhecer nosso laboratório alquímico! Já falei com nossos companheiros de jornada e eles estão à sua espera.

Vesti-me apressadamente, fiz uma ligeira toalete e saí ao encontro do grupo. Guiados por Kazi, descemos corredores estreitos e fomos dar numa sala subterrânea, ante uma grande porta de ferro, que a um sinal de Kazi, Pierre abriu. Uma onda de luz escapou pela porta. Era uma sala ampla, sem janelas, mas recebia luz de uma cúpula de cristal translúcido, sobre a qual, muito acima das nossas cabeças, vimos um duplo triângulo entrelaçado. Em volta dos triângulos, de grandes dimensões, vimos uma serpente de ouro mordendo a própria cauda. Embaixo do emblema, havia uma mesa de mármore redonda, em cujo centro desenhada sobre metal dourado, uma cruz suástica - o grande símbolo budista.

Súbito, ouvimos rolar alguma coisa como que uma pesada porta de ferro. Fomos envolvidos por uma luz deslumbrante. Notei que a parede fronteira se abria, e que estávamos no limiar de um outro aposento, em cujo extremo via-se um pequeno altar feito de seixos rosados e sobre ele um grande triângulo de ouro, tendo no centro um enorme brilhante, como se fosse um grande olho fosforescente.

Desse olho jorrava uma intensa luz, que atravessava as grossas paredes como se elas fossem transparentes como gaze. Os raios dirigidos para cima iam bater num bloco de metal dourado, suspenso por grossas correntes, também douradas.

A um canto vimos uma enorme mesa de mármore, sobre a qual estavam um par de alambiques, alguns frascos de vidro colorido e dois livros.

Olhei em volta, esperando encontrar algum forno, estufa, reporta ou outros utensílios mencionados nos livros de alquimia. Como que adivinhando meus pensamentos, Kazi falou:

- Meus honoráveis amigos, aqui no Tibete, como em outras partes do mundo, a verdadeira Alquimia é espiritual e não exige nenhum trabalho mecânico. Só o poder da nossa mente transforma o homem comum em ser divino.

- Mas, como é possível esta transformação? - indagou Pierre Julien.

- Os lamas chamam "metais" aos princípios invisíveis que constituem o ser humano, pois são mais eternos do que a carne e o sangue. Os metais, formados por nossos pensamentos e desejos, continuam existindo, mesmo depois da morte. Os princípios animais do homem representam os metais de qualidade inferior, que devem ser transformados em metais mais puros, trocando os vícios sem valor pelo ouro da espiritualidade.

- E como se alcança isto? - indaguei.

- É preciso que os mais grosseiros elementos da forma morram naturalmente. Na alquimia material os processos são diferentes.

Ouvimos passos atrás de nós. Era um lama bem idoso que acabava de entrar. Seu nobre rosto moreno é fino e de expressão espiritual. A cabeça raspada e olhos tranquilos. Usa a túnica de algodão amarelo que os

tibetanos chamam de "zen".

- Seja bem-vindo, irmão Kuchog! - disse Kazi. E o lama respondeu:

- Ouvi suas últimas palavras, meu filho. Orgulho-me de ter sido um dos teus instrutores...

Kazi sorriu e falou:

- Foi graças ao lama Kuchog que ingressei neste mosteiro, quando tinha oito anos de idade.

- Foi graças ao teu merecimento e não a mim - retrucou Kuchog.

- Já que teve a bondade de honrar-nos com a sua presença - continuou Kazi

- poderia comprovar a verdade das nossas teorias para estes irmãos?

- Vou tentar. - Foi a resposta do lama.

Kuchog pegou um crisol que estava sobre a mesa e após verificar que estava vazio, colocou-o sobre um tripode, em cima da chama que ardia diante do pequeno altar.

- Poderiam ceder-me uma moeda de prata ou de cobre? - pediu.

Vessantára tirou do bolso uma pequena medalha de cobre, que usava sempre como talismã astrológico, pois era do signo de Libra, e indagou:

- Isto serve?

- Sim.

E pegando na medalha Kuchog colocou-a dentro do crisol. A medalha derreteu-se. Kazi entregou-lhe um vidrinho com um pó verde claro. Kuchog, com uma colherinha de marfim, colocou alguns grãosinhos do pó dentro do crisol. Era uma quantidade ínfima que mal se notava. Queimou-se imediatamente. Logo, o metal fundido entrou em ebulição. O líquido ficou irisado de cores lindas. Dez minutos depois a ebulição cessou. A massa espumosa precipitou-se no fundo do crisol. Kuchog esperou até que a massa ficasse imóvel. Então, retirou-a do fogo e verteu o líquido lentamente sobre a mesa de mármore. E, oh, maravilha!

A massa se solidificou e transformou-se em ouro puro! Incrédulo, Pierre indagou:

- Será realmente ouro?

Kuchog sorriu e respondeu em inglês:

- Pode mandar analisar. Assim ficará certo de que não foi vítima de uma ilusão...

Fiquei atônita. Quanto não dariam os homens para conhecer o segredo daquela alquimia?

Observando nosso assombro, Kuchog falou:

- Toda substância metálica possui o germe do ouro em sua própria matéria primordial. Mas para transformar um outro metal em ouro é preciso termos a semente do ouro, que é aquele pozinho verde. Por causa da sua ambição por riquezas, os alquimistas ocidentais ainda não conseguiram a transmutação de qualquer metal em ouro. Aqui no mosteiro, nós só almejamos o progresso da ciência.

Ouvimos o som de um gongo chamando para as orações matinais.

Kuchog despediu-se e saiu. Ficamos ainda um pouco mais no laboratório

ouvindo Kazi falar sobre os segredos da alquimia dos lamas. (1) Finalmente, deixamos o laboratório e ingressamos na rotina do mosteiro.

Nota:

(1) - Tivemos mais tarde uma prova real da alquimia dos lamas. Tempos depois, ao chegarmos de volta à cidade indiana de Laddak - fronteira da Índia com o Tibete - Vessantára mostrou a ex-medalha de cobre a um joalheiro. Ele testou o material com ácidos apropriados. Viu que era ouro mesmo. De volta à Europa, Vessantára mandou examinar a ex-medalha por diversos joalheiros. A conclusão foi de que aquele metal era realmente ouro.

Maravilhosas visões de um passado distante

Dias depois, o Lama de Latchen mandou me chamar. Entrei numa ala ajardinada, na parte norte do mosteiro e cheguei diante de uma porta dourada que se abriu assim que me aproximei. Penetrei numa sala toda branca ornada com as famosas pinturas sobre seda representando os Budas da meditação que são: Vairocana, Akshobia, Amitaba, Ratna Sambhava e Amoga Sidi. Cada um deles ocupa um ponto cardeal e possui uma cor característica. Um noviço apontou para outra sala e mandou que eu entrasse. As paredes eram forradas de brocado azul claro, ornadas também com pinturas de Mandalas ou círculos coloridos nos quais a divindade principal é colocada no centro, e Yantras, formas geométricas usadas na magia. Num canto da sala, havia um Buda gigantesco, magro e esguio como todos os Budas da Índia e do Tibete. Era talhado em madeira clara e sua expressão era de absoluta calma. No centro da sala havia um divã forrado de seda branca. Mesinhas de laca, finamente pintadas, continham rolos de seda e pergaminhos sagrados.

Sentada num tamborete coberto de pele de raposa branca, vi uma mulher de idade indefinível. Ao seu lado, em pé, estava Trinadzin, o Lama de Latchen. Ambos usavam a túnica de seda amarela. Perto deles já estavam sentados Pierre Julien, Vessantára, Kazi e Mahima.

Fiquei contente em vê-los ali.

Com um sorriso manso o Lama falou:

- Vem, pequenina irmã, e saúda a nossa Antiga Mãe! Compreendi que se tratava da abadessa do mosteiro e inclinei-me numa reverência. Para meu espanto ouvi-a dizer em inglês:

- Há vários ciclos que estávamos à tua espera, pequenina irmã! Os pés do deus do destino foram lentos em conduzir-te... mas chegou o tempo, não é mesmo?

Atônita, eu não sabia o que responder. Olhei para meus companheiros. Todos também pareciam perplexos. Olhando-me bem nos olhos Trinadzin disse:

- As palavras da nossa abadessa parecem estranhas, não é mesmo, ó flor esperada?

- Confesso que sim, Pai da Alma Diamante.

- E no entanto, em outros tempos teu cérebro não era tão obtuso, velado pelo véu de Maya... mas breve a luz se fará e terás novamente os sete preciosos dons.

Fiquei meio tonta. Notei que uma corrente incessante de pensamentos me chegava ao cérebro. Trinadzin pegou minha mão direita e murmurou uma oração mágica. Então, comecei a ver misteriosos reflexos azuis e alaranjados. Uma névoa deslizou pelo teto. Pensei que estivesse doente. Senti que me afastava de mim mesma e a voz de Trinadzin soou, longínqua:

- Em nome de todos os Budas eu te confiro o poder de lembrar existências passadas, através a imensidão do tempo...

- Regressa ao passado! Fixa a tua mente e lê o teu passado. Seguiu-se um silêncio. Continuei tonta, inerte como se estivesse anestesiada. Algo penetrante como o brilho de uma lâmina passou ante meus olhos. Senti uma sensação vertiginosa. Fiz um esforço para mover-me, falar... , mas em vão... visões se desenrolaram ante meus olhos assombrados. Não sabia se estava acordada ou sonhando. Vi-me como uma princesa chinesa, vestida de sedas macias e jóias raras. Senti como se eu fosse a vestal de um templo perdido nas montanhas. E toda uma encarnação de quatro mil anos atrás foi recordada.

Uma voz que me pareceu ser a de Trinadzin, falou:

- Não permitas que a saudade perturbe tua mente! Prossegue recordando! Volta ao passado!

Uma pesada névoa baixou sobre meus olhos. Depois... tive uma visão das pirâmides ... vi o Templo do deus Amon... e logo como se eu fosse um sacerdote deste templo... outra grande névoa cobriu os meus olhos e quando pude ,ver distingui as terras onde nasce o rio Nilo... Abasce ou Etiópia... diante de um altar de mármore branco, uma mulher envolta em véus cor de violeta estava de costas para mim. Devagar ela foi voltando o rosto e vi que era eu mesma!

- Continua regredindo ao passado! - ordenou uma voz. Outra grande névoa ante meus olhos. Depois, vi o Templo da deusa Kali - a Mãe dos Mundos - às margens do rio Ganges. Um grupo de bailarinas sagradas dançava diante da estátua da deusa e... uma delas era eu!

- Mais longe ainda, falou a voz.

A visão desapareceu. Outra pesada névoa passou ante meus olhos. Vi uma terra muito estranha com pessoas de pele cor de cobre avermelhada... numa colina um menino apascentava cabras. E de repente o menino era eu!

- Estás na velha Atlântida - disse uma voz - agora volta! Senti-me num redemoinho de luz e de repente abri os olhos e estava junto da abadessa e do Lama Trinadzin.

- Que maravilha! - exclamei perplexa com aquelas experiências psíquicas.

- Tivestes oportunidade de ver algumas de tuas vidas passadas. - falou

Trinadzin.

Ainda sob o impacto da emoção, indaguei:

- Mas por que só vi épocas tão remotas?

- Porque não reencarnastes após seres vestal e princesa chinesa e isto foi há quatro mil anos. Traístes teus votos de castidade e fostes amaldiçoada. Agora vais ver como nós te libertamos desta terrível maldição.

Outra vez a sensação de tonteira. Logo uma nuvem cinzenta cobrindo os meus olhos. De repente vi-me numa grande sala subterrânea iluminada por tochas. Junto de mim estavam Trinadzin e vários ламas. Seus rostos eram graves e solenes, seus crânios raspados e suas túnicas cinzentas.

No centro da sala, em cima de uma mesa, estava um caixão de cristal. Dentro, um vulto impreciso. Ouvi o som de um gongo, logo os ламas rodearam o caixão. Trinadzin aspergiu o corpo imóvel com perfumes. O gongo soava sempre. Seria eu a morta? Queria sabê-lo, mas ao mesmo tempo, temia a verdade. Uma força superior fez com que eu me aproximasse do caixão. E com assombro vi que, amarrada e amordaçada, ali estava, eu mesma!

Senti um terror indescritível. Quis desviar os olhos, mas não pude. Trinadzin introduziu o dedo mínimo num pequeno orifício que aos poucos se abria no alto da cabeça da morta. De repente ele gritou:

- "Hick!"

Quando retirou o dedo vi um vapor cinzento se condensando até formar um corpo transparente de mulher. Estava ligado ao cadáver por um cordão de névoa prateada, que se alargava indefinidamente. O pior é que eu me sentia dentro do cadáver e fora dele! E... o cordão se rompeu. O mais curioso é que o cadáver foi encolhendo rapidamente até que desapareceu. Fechei os olhos com medo. Senti que alguém apertava a minha mão direita com energia. Logo alguém falou:

- Confia em mim! Fixa tua mente e vai a qualquer lugar da terra que desejes!

Senti-me leve, flutuando no ar e um anjo parecia guiar-me docemente.

E, de um lugar a outro, voei por terras desconhecidas que sempre desejei conhecer... Grécia... Egito... Turquia... meu corpo não tinha peso e estava ligado ao meu corpo físico por um fio violáceo, de substância vaporosa. Tudo o que me rodeava era feito de matéria fluídica. Mas... de repente, tudo ficou escuro. Ao voltar a mim ouvi Trinadzin dizer:

- Volta, pequenina irmã!

Deslizei por uma nuvem irisada como madrepérola. Repentinamente fui atraída para baixo, por uma sucção como se fosse um redemoinho. Quando voltei a mim, estava sentada numa "gomti", cadeira de meditação. Ao meu lado estavam Trinadzin, a abadessa e meus companheiros de viagem.

Não tinha então lembrança completa da experiência que acabei de descrever, as quais foram recordadas depois. Tinha uma lembrança vaga de tudo. Abri e fechei os olhos várias vezes. Olhei em volta. Tive uma grande surpresa: meus companheiros de viagens estavam imóveis, dormindo tranquilamente, como se estivessem hipnotizados...

- Não estavam preparados para ver aquilo que vistes. - disse Trinadzin mansamente. Mas... eu precisava da presença deles aqui, por causa de suas correntes vibratórias...

E assim dizendo Trinadzin fez um gesto de bênção e saiu acompanhado pela abadessa. Logo depois meus companheiros voltaram a si.

- Que aconteceu? - perguntou Pierre.

- Acho que todos nós dormimos profundamente - respondi.

Nisso entrou um noviço trazendo uma bandeja com broas de cevada e chá com manteiga.

Tomamos chá, conversando animadamente sobre tudo que nos acontecera, mas não lhes falei sobre a minha experiência como defunta no caixão de cristal.

- O que você teve foi uma experiência de regressão parapsicológica! - falou Pierre.

- Sem dúvida! - concordei. Mas... eu gostaria de saber o que se passa realmente depois da morte...

Então, Kazi falou:

- A morte não existe, porque a vida continua em outros planos superiores. Nosso Livro dos Mortos Tibetano (Bardo Thodol) faz uma sondagem na alma humana depois da morte. Este livro é recitado pelos monges no quarto de um moribundo, como uma preparação para a grande viagem. Descreve o que ele irá ver à medida que for perdendo sua consciência de vigília. Em certo trecho está dito: temos um corpo etérico chamado duplo que se desloca, afastando-se completamente do corpo físico denso. Há o rompimento do cordão de prata que une os corpos, e a massa etérica com seu átomo primordial, localiza-se no ventrículo esquerdo do coração, sobe depois pela nuca, saindo pela sutura do crânio, essa parte onde se encontra o osso occipital e os dois parietais. Neste local as crianças têm a "moleira" e todos nós temos o centro de força energética sutil chamado "lótus de mil pétalas".

O duplo etérico tende então a se dissolver no seio do Universo. De um modo geral ele dura de 24 a 48 horas, não mais, a não ser em casos mui especiais. A consciência física sofre uma parada, mas logo, sobrevém aquilo que conhecemos como o grande sonho, que é o primeiro descanso do espírito. Então, quando se rompe o cordão prateado, este sono vem e dura cerca de um ou dois anos. Muitas vezes, devido ao desespero dos parentes nos velórios, este sono é interrompido com alguns pesadelos e lembranças de sua última vida na terra. Por esta razão não devemos perturbar o espírito que dorme com nossas lágrimas e nossa tristeza.

Antes que o fio prateado seja rompido, passa pela consciência do moribundo, de trás para frente, cenas de sua vida passada na presente encarnação - Por isto o "Bardo Thodol" diz:

"Ó filho de uma nobre família, filho de outros seres, escuta! Agora vai aparecer diante de ti a luz do Puro Absoluto. Tens que reconhecê-la, ó filho

de uma nobre família. Neste momento o teu intelecto é claro e límpido."

- Nesta fase - continuou Kazi- não deve haver nenhum chamado, como se faz em sessões espíritas no Ocidente e também aqui no Tibete. Os recém desencarnados devem ficar em paz, é preciso que eles descansem, não devem ser perturbados, pois isto atrasa sua viagem evolutiva através dos planos que terá que galgar. Ao final do segundo ano da morte física, o ser vai despertando lentamente até acordar no subplano correspondente à sua evolução espiritual. Quando desperta, imediatamente vem o Elemental do Desejo fazer o seu trabalho de amor. A meta deste elemental é se tornar mineral, então ele envolve num processo de casulo, um manto de luz em torno do ser que desperta. Assim ele poderá fazer a redistribuição do desejo através de todo o seu corpo. Despertando o ser, ele se sente num estado de paz, e poderá encontrar seus parentes ou amigos, encarnados ou desencarnados. Ele pode intuir, pode irradiar sua vontade, pode vibrar, mas jamais incorporar. A incorporação só pode ser feita pelos Guias Espirituais destinados ao trabalho de instrução na terra. Também alguns seres encantados da natureza podem incorporar num médium (os seres encantados são intermediários entre o homem e outros planos sutis). Entre eles temos os "Tísas" (1) que deslocam quase que totalmente o duplo etérico do médium ou "powo" e a incorporação se faz totalmente inconsciente. Quanto mais evoluído é o Guia Espiritual mais consciente é o médium.

Passado o encontro com seus entes queridos, o ser desencarnado vai à presença dos Senhores do Carma e escolhe sua próxima encarnação, de acordo com seus méritos. Então, esquece suas vidas passadas e entra na Roda das Encarnações. Um dia, se liberta completamente das reencarnações e se une com Deus. Quando chega ao grau de Guru ou Adepto, e já queimou o seu Carma, o ser desencarna em estado de consciência e alcança logo o plano superior. Vai ao plano mental abstrato num estado de superconsciência: aí permanece algum tempo. Depois passa a outros planos espirituais onde se torna um Mestre Ascensionado.

- É maravilhoso, tudo isto! - exclamei emocionada. Obrigada por nos dar estes conhecimentos.

Tomamos o chá e depois saímos para o ar puro do jardim. Andando por entre as alamedas floridas, recordei um trecho dos Upanishads:

"Do irreal conduz-me ao Real, das trevas à Luz!"

É Guru ou Mestre que vai nos dar ajuda para trazermos gradualmente à luz, o que estava oculto para nossa consciência. Ele é como o Sol que nos revela ao vencer as sombras, a verdadeira aparência das coisas...

E mais uma vez, no íntimo do meu ser, agradei e abençoei Kazi e Trinadzin, o Lama de Latchen.

Dois dias depois, deixamos Latchen e continuamos viagem. Em nossa jornada que durou vários dias, passamos pelas cidades de Phari Dozng, Tuna, Dochem e Kala, aos pés dos montes Chomolari ou Montanha da

Senhora Deusa. Destas cidades a mais interessante foi Phari Dzong, que fica numa altitude de 4.450 metros e quiçá seja uma das cidades mais altas do mundo. Embora bastante suja, as ruas são amplas e algumas casas são bonitas. O povo tem um cheiro muito desagradável, mistura de manteiga rançosa com alho. Os tibetanos geralmente não tomam banho, nem mudam roupa com frequência. A maioria lava-se uma vez por ano, no verão, quando mergulham nos rios e esfregam o corpo com uma pedra pequena enrolada em folhas de fibra resistente.

Se não fosse o fato da extrema altitude destruir a maioria dos micróbios, tais hábitos anti-higiênicos teriam destruído quase toda a população do Tibete. Deixando Phari Dzong, Tuna e Dochen, cavalgamos até as margens do rio Rham. Um bando de gazelas fugiu ao perceberem nossa aproximação. Fomos seguindo, passamos pelo desolado vale de Kala, completamente desabitado. Pouco depois alcançamos um povoado onde pernoitamos na casa de um pastor de iaques. No dia seguinte prosseguimos viagem e fomos indo até chegarmos ao lindo vale de Nyang Chu. Nossos cavalos tiveram dificuldade em andar, devido ao excesso de lama na estrada que margeava o rio Nyang ou Rio da Alegria. Mais além, vimos pequenos campos com plantação de trigo e legumes, cercados por um grupo de casinhas de pedra. Vimos alguns camponeses trabalhando nos campos. Conduziam arados puxados por iaques.

À medida que avançávamos pelo vale, este perdia seu aspecto bonito e próspero: casas, campos e vegetação foram desaparecendo. Apareceu então um vale escarpado, cheio de rochas e precipícios e em seguida, uma garganta chamada "Garganta do Ídolo Vermelho". Chama-se assim porque tem muitos monumentos religiosos de origem indiana, cujo nome é "stupa". Estes monumentos são encimados por belas imagens de divindades budistas, pintadas em azul forte, verde, vermelho e amarelo.

Tivemos que desmontar e seguir passo a passo, conduzindo nossos cavalos, até que a garganta se alargou e pudemos montar novamente. Saímos num vale cheio de vegetação luxuriante. Meia hora depois encontramos dois soldados indianos. Pararam na nossa frente e pediram nossas autorizações de trânsito, em nome do Governo inglês, pois nesta época o Tibete estava ainda sob o protetorado britânico. Examinaram os documentos e depois mandaram que prosseguíssemos. Cavalgamos rumo à cidade de Samada e passamos pelo "British Indian Trade Agency", um forte tibetano sob o comando do inglês Major Pearson.

Procuramos um mosteiro para hospedarmo-nos como era nosso hábito, mas não encontramos. Chegamos a uma grande casa branca e batemos. Veio atender-nos um velho pastor, que morava ali com a mulher e a filha. Beijando a fímbria do manto amarelo do Lama Kazi, o pastor convidou-nos a repousar um pouco em sua casa. Ofereceu-nos chá com manteiga. A casa era simples e acolhedora. Constava de uma sala, cozinha, e quatro quartos grandes. Banheiro não havia. Os tibetanos usam um buraco no chão como vaso sanitário e tomam banho em bacias, quando tomam...

Repousamos uma noite e prosseguimos viagem. Pouco além da cidade de Samada, havia uma gruta famosa por seus prodigiosos milagres. Fomos andando em direção da gruta. O caminho descia bruscamente no meio de uma floresta. Fazia muito frio e nossa marcha era difícil.

- Por que esta gruta é sagrada? - indaguei curiosa. E Kazi respondeu:

- Dizem que há muitos séculos uma Presença Divina santificou a gruta e desde então, a sombra do santo Avalokita Ishvara habita nesta gruta. Contam que foi aqui que Sidarta Gautama, o Buda converteu o rei dos demônios. Prometeu então ao novo discípulo, que deixaria ali a sua sombra para recordar-lhe sempre o seu juramento, de seguir o bom caminho.

- E há realmente esta sombra?

- Ela aparece apenas às pessoas que têm fé e um coração puro!

Os caminhos que levavam à gruta, antigamente, eram infestados de bandidos. Mas hoje é um lugar de peregrinação constante e há até alguns noviços de mosteiros das cercanias, que servem de guias aos viajantes.

Descemos um declive montanhoso, cujo terreno acidentado, apertado entre serras e encostas, oferecia um caminho estreito, com subidas e descidas. Picos nevados se inclinavam sobre os lados do caminho. Afinal chegamos a um lugar onde o caminho parecia terminar. A direita erguia-se um grande rochedo, com uma das paredes toda esculpida em figuras de deuses e deusas.

- A gruta!

Foi nossa exclamação alegre e comovida. A nossa mente acudiram muitas evocações fabulosas. Ali, diante de nós finalmente estava a Gruta da Sombra do Buda. Desmontamos, entregamos os cavalos aos criados e avançamos apressados para a vasta cavidade redonda, que dá acesso à gruta.

- Não entrem! - gritou Kazi.

Paramos surpresos. Meu coração pulsava estranhamente. - Mas... por quê? - indagou Vessantára.

- Esta gruta é guardada pelos gnomos, os seres elementais da terra, e antes de entrar temos que cumprir com o ritual. Parem e observem em silêncio.

E assim dizendo, Kazi retirou do bolso interno da túnica amarela um estranho pó vermelho. Com ele traçou um círculo mágico ou "kyilkhos". Entrou no meio do círculo e fez a seguinte invocação:

- Ó Gob, rei invisível dos gnomos, que habitas o ventre da terra! Tu, que fazes correr sete metais nas veias das pedras, Monarca das Sete Luzes, permite que entremos no teu reino e que os mistérios nos sejam revelados!

Pareceu-nos que alguma força sobrenatural estava ali, perto de nós.

- Agora já podemos entrar. - disse Kazi.

Nota:

(1) - Correspondem aos Exus da Umbanda no Brasil.

A Sombra do Buda

Penetramos numa galeria subterrânea, estreita e sombria. Mais adiante vimos uma tosca escada de pedra que ia dar num amplo túnel. O chão estava gasto, liso, como se fosse o caminho trilhado por muita gente, há muitos séculos. Fomos andando por dentro da gruta, dominados por um sentimento de respeito e maravilha. Por todos os lados reinava o silêncio. Os ruídos de nossos passos ecoavam e pareciam vir de muito longe. De repente o caminho se alargou. Fomos dar num recinto enorme que mal podíamos iluminar com nossas lanternas de bolso. O solo era coberto por uma areia fina e branca. Numa das paredes vimos um nicho cavado na rocha. Em volta dele muitas inscrições esculpidas na pedra.

Do outro lado havia uma espécie de coluna de pedra, apoiada sob uma elevação rochosa. Sob esta coluna, vimos algumas estátuas de bronze representando divindades lamaístas. Em volta delas, flores ânforas com perfumes e velas.

- São oferendas dos fiéis. É exatamente ali, atrás daquela coluna de pedra que costuma aparecer a sombra do Buda.

Kazi ajoelhou-se, ergueu as mãos juntas até a testa e começou a orar.

Sentamo-nos atrás dele, sobre a areia fina, com as pernas cruzadas na postura do lótus. Orei também, desejando sinceramente ser abençoada pela emanção divina que aparecia ali. Não sei quanto tempo fiquei de olhos fechados, rezando. Uma leve brisa, vinda de não sei onde, agitou nossos cabelos. Abri os olhos. Meu coração bateu apressadamente. Pareceu-me ver uma luz se formando junto à coluna de pedra.

- Ah! - exclamei atônita.

- Continuem concentrados! - disse Kazi.

Assim o fizemos. De repente vi formar-se na parede de fundo da gruta, uma bola de luz fosforescente. Era azul e dourada. Desta bola de luz saíram sete raios dourados que logo desapareceram junto com a bola. Então... deu-se o milagre! Toda a caverna ficou iluminada por uma luz tão forte e tão bela que me é impossível descrevê-la. Pouco a pouco a luz se condensou numa forma humana. Era a visão fluídica de Sidarta Gautama, o Buda, sentado sobre uma flor de lótus. Sua face jovem era tranquila e radiante e seu corpo magro, esguio como um junco num lugar sem vento...

Esfreguei os olhos assustada e tornei a olhar. A visão parecia sorrir docemente para nós. Todos nós olhávamos a visão boquiabertos. Esta durou apenas um momento e logo desapareceu.

Seria acaso uma alucinação? Um estado hipnótico que me fazia ver coisas que não havia?

Não sei... estava perturbada demais para raciocinar.

Por algum tempo ficamos em silêncio, reverentes e alegres por termos visto a maravilhosa sombra de Buda. E uma grande Paz inundou nosso ser.

Ainda hoje esta visão milagrosa, que tanta gente já viu, me emociona e entorpece como um filtro encantado.

O Teatro Tibetano

Quando regressamos a Samada, havia um ar de festa na cidade. Soubemos que naquela tarde haveria uma representação teatral no hall do pequeno templo da Garganta do Ídolo Vermelho. Ficamos contentes em conhecer o teatro tibetano, que é profundamente religioso e lendário.

Após um breve repouso na casa do pastor, rumamos em direção ao templo. Fomos encontrando muita gente pela estrada. Vestiam túnicas alegres e coloridas. As mulheres enfeitavam os coques ou as tranças com o tradicional "Patruk" broche de madeira, coral, veludo e outras pedras preciosas. A tarde estava fria e clara.

Chegamos em frente ao templo e vimos várias tendas armadas sobre a relva. Mulheres, homens e crianças iam e vinham, cantando alegremente. Escolhemos um lugar onde não, tinha muita gente. Sentamos na relva, comemos nosso farnel e ficamos aguardando o espetáculo, que é sempre feito ao ar livre.

- Como é a peça de hoje? - perguntamos. E Kazi respondeu:

- É uma história de amor sobre uma princesa chinesa e um rei do Tibete. O prólogo começa com um poema que diz:

A primeira Lua Cheia do ano viu

chegar ao Tibete a formosa

princesa Wen Cheng - a de olhos de

damasco e cintura de salgueiro.

Não tenhais medo, princesa, dos

nossos prados desertos, pois cem

bravos guerreiros formarão

vosso séquito!

Não tenhais medo dos nossos

rios profundos, pois cem grandes

barcos sulcarão suas águas tranquilas,

trazendo vossos pertences!

Chegareis a um formoso lugar cujo

nome é Beiguisiong e sereis amada

pelo nosso rei, que é belo

como um deus.

Então, a princesa Wen Cheng sorriu

feliz e continuou viagem tranquilamente,

levando um tesouro de sementes de três

mil e oitocentas plantas, impossíveis

de enumerar e descrever...

Este poema em tibetano chama-se "Emalanching". É um dos incontáveis relatos sobre a doce princesa Wen Cheng, que nosso povo canta com amor. O que veremos é a história de amor desta princesa chinesa e nosso rei

Srong tsan Gampo, seu sábio ministro Gar e de como ele conseguiu trazer a princesa para o Tibete. Os técnicos e artesãos chineses que vieram com a princesa, ensinaram o povo tibetano a cultivar a terra, fiar, tecer, construir casas, fabricar papel e tinta, destilar o vinho, fazer cerâmica e outras coisas importantes.

Em homenagem à princesa que era budista, o rei mandou construir o Mosteiro Yojan, situado no centro da cidade de Lhasa. Durante a construção, uma cabra sagrada chegou espontaneamente para ajudar a encher o grande lago artificial, que se cobriu de água clara e fresca a um só de seus balidos. A imagem da cabeça desta cabra encantada, ainda se pode ver hoje, alçando-se sobre o muro do velho mosteiro. Depois de pronto o mosteiro ficou sendo lugar de peregrinação. Muita gente vinha de longe ver as divindades budistas pintadas sobre os rolos de seda, e venerar um lindo salgueiro que a rainha plantara no jardim com as próprias mãos. Uma lenda diz que o salgueiro nasceu de uma mecha sedosa dos cabelos da rainha Wen Chang...

E assim, esta formosa princesa chinesa tornou-se rainha do Tibete, e viveu feliz com seu rei um perfeito romance de amor.

Assim que Kazi acabou de contar o enredo da peça, chegaram os atores. Estavam vestidos ricamente com roupas chinesas. E começou a representação. O povo parecia extasiado, com os olhos perdidos numa lenda encantada.

Houve muitas danças graciosas e diálogos intermináveis que só acabaram lá pela meia noite. E tudo termina numa apoteose, louvando o amor de Wen Chang e Srong tsan Gampo. Todo mundo se levanta e começa a ir embora. Saímos também, levando nos olhos a lembrança daquele teatro tão primitivo e poético.

No dia seguinte partimos de Samada. De novo a lenta caravana pelas estradas poeirentas, as longas caminhadas pelas montanhas, por caminhos escarpados e sinuosos. Seguíamos rumo à cidade de Khangma. Passamos pelas margens do rio Bhongh cha, com suas águas escuras e serenas. Continuamos viagem pelo vale de Gya chu e subimos em direção à Lonak. O caminho estava coberto de neve e tiritávamos dentro de nossas pesadas roupas de montaria, forradas de pele de carneiro. O vento glacial e o ar rarefeito atrasavam consideravelmente nossa viagem. Afinal, ao longe, meio encoberto pela bruma da tarde, vimos um mosteiro cravado no flanco da montanha.

- Ah! Ali moram os "Lung om pas"! disse Kazi.

- Como?

- São os famosos monges que levitam, os dragões alados do Tibete. - explicou ele.

- Ora não creio nestas bobagens! - resmungou Pierre Julien, visivelmente aborrecido.

- Contudo, amigo, elas existem! - retrucou o Dr. Vessantára, convicto.

O velho arqueólogo francês olhou-o ironicamente e ficou em silêncio.

- É muito estranho! - comentei.

- Sim... bastante estranho - concordou Pierre com um certo sarcasmo.

O sol ia se pondo devagar. Chegamos perto de um lago completamente coberto de gelo.

- Olhem! - exclamou Mahima.

O que vimos nos deixou muito intrigados.

Os Ascetas Que Meditam Nus Sobre a Neve

Sentados, com as pernas cruzadas na postura do lótus, às margens do lago gelado, um grupo de ascetas meditava. Estavam inteiramente nus, sob uma temperatura baixíssima, fustigados por um forte vento. Perto deles, dois ou três ламas de túnica amarela, quebravam gelo para mergulhar lençóis na água e envolverem os ascetas nus com eles. - É a prova do "tumo" - o calor interno!

Os ламas fazem isto umas dez vezes, e os ascetas secam os lençóis rapidamente, com o calor de seu corpo. - explicou nosso guia. - Mas... como fazem isto? - indaguei admirada.

- Com o poder da imaginação e da vontade.

Isto não nos convenceu. Aproximamo-nos para, ver melhor. Pretendíamos tirar uma foto, mas o lama Kazi disse que não era permitido. Tratava-se de uma iniciação e os ламas não gostam de ser fotografados nestas ocasiões.

Os ascetas, sete ao todo, eram magros, secos como um pergaminho e nodosos como raízes. Estavam imóveis como ídolos, olhando para o seu próprio umbigo.

Soubemos então que eles estavam contemplando seu chakra ou centro de força, centro de força sutil que é chamado Muladara ou raiz. Neste centro dorme enroscada a serpente Kundalini. A evocação de Kundalini manifesta-se primeiro por uma sensação de aquecimento e uma impressão como se uma roda comesse a girar onde o chakra está localizado. Em seguida, depois de uma respiração profunda, imaginam embaixo da coluna vertebral uma chama em forma de fuso vermelho, girando rapidamente sobre si mesma; deixam crescer mentalmente esta chama até atingir seus membros inferiores, o plexo solar e em seguida os membros superiores e a cabeça. Deste modo só pela imaginação e poderosa concentração, esquentam o corpo como uma brasa. (1) Para se submeter a esta prova, eles têm que praticar muitos exercícios respiratórios especiais, treinar a mente para uma concentração firme e ter recebido a iniciação de algum Guru. Uma vez iniciados na prática do "tumo" ou calor interno, renunciam ao uso de roupas e jamais se aproximam muito do fogo. De vez em quando, durante uma viagem a uma cidade, estes ascetas vestem uma minúscula tanga de algodão chamada "res", daí serem chamados também de "respas". Assim que os lençóis secam, os ламas voltam a mergulhá-los na água gelada. Os lençóis saem tesos e gelados e logo são enrolados em volta do corpo dos

ascetas. Isto se repete até o amanhecer, então, aquele que secou maior número de vezes os lençóis, durante a prova, obtém o primeiro lugar.

- Quando param de praticar esta yoga do fogo, voltam a sentir frio? - perguntei.

- Sim, cessando a concentração e meditação profunda, aos poucos os corpos deles voltam a ficar sensíveis. Mas isto só acontece com os iniciantes, porque os mestres do calor interno, jamais deixam de produzir "tumo" no seu corpo.

Enrolada nos meus pesados agasalhos, estremeci de admiração por aqueles ascetas tão originais, que talvez passem a vida toda meditando nus, nas montanhas do Tibete...

Observamos que os lamas instrutores não estavam gostando da nossa presença ali.

- Deixemos os ascetas entregues às suas práticas e continuemos a viagem! - falou Vessantára.

- Que tal irmos visitar o templo dos dragões alados?

- Impossível, senhor - replicou Kazi.

- Que pena! - exclamei.

- Mas... a alguns quilômetros daqui encontra-se o Templo da Calma Profunda, dirigido por monjas budistas que costumam dar pousada aos viajantes.

- Então, vamos até lá!

Nota:

(1) - Os psicólogos Schulz e Biswanger provaram cientificamente que, pela imaginação de um fogo, a temperatura do nosso corpo sobe alguns graus. E assim a imaginação age objetivamente, provocando o fenômeno do calor interno ou "turno".

As Monjas do Templo Da Calma Profunda

Cavalgamos através da vasta região montanhosa, desabitada, inexplorada em sua maior parte, varrida pelos ventos. À tardinha chegamos ao templo. Parecia uma flor branca encravada num penhasco. Tivemos certa dificuldade em subir a serra escalavrada. Chegamos afinal ao pátio do mosteiro. Entramos pelo portal de madeira esculpida de dragões até alcançarmos duas arcadas, unidas no alto por um telhado recurvo, recoberto com telhas de porcelana verde, que rebrilhavam cobertas de neve. Pairava no ar um murmúrio de cânticos parecendo o cântico dos monges gregorianos. No umbral da porta principal, vimos uma grande quantidade de saquinhos de seda colorida, cheios de ervas perfumadas. Estavam pendurados no teto, dentro de grandes balões, feitos de papel de arroz transparente.

E Kazi explicou:

- São ervas sagradas que afastam os malefícios. Antes de serem colocadas nos saquinhos são abençoadas por meio de antigos rituais.

Sentimos no ar um doce aroma de sândalo, misturado com jasmim e heliotrópio. Aqui e além ao passar pelos terraços cobertos, vimos algumas velhas monjas, vestindo longas túnicas azul forte. Uma delas veio ao nosso encontro. Kazi manteve com ela um diálogo em tibetano. Em seguida falou:

- Só há dois quartos disponíveis.

- Não importa - retrucou o Dr. Vessantára - nós ficaremos num e as senhoras no outro. Os criados poderão dormir na cozinha, como é costume aqui no Tibete.

E assim foi.

Fomos conduzidos a uma extensa galeria iluminada por umas estranhas tochas sem fumaça.

- Estas são as tachas das vestais - explicou nosso guia. São feitas com mechas de amianto e ardem inalteráveis durante milênios. No século 18, um grupo de arqueólogos holandeses encontrou aqui no Tibete, entre as ruínas de um templo, duas destas tachas adendo numa tumba subterrânea. Calcularam que deviam estar acesas desde o século III antes de Cristo.

- E onde estão estas tachas? - indaguei.

— Atualmente estão no Museu de Raridades de Leiden, na Holanda. O fato de que existem estas tochas perenes num Museu da Europa, é uma advertência contra a incredulidade de muitos ocidentais...

No fim da galeria ficavam os dois quartos. Mahima e eu ficamos no último. As paredes eram caiadas de branco. O chão forrado com grossas esteiras de bambu. Num canto uma mesinha baixa com uma estatueta de Gautama, o Buda. Nas duas janelas que davam para o jardim, coberto de neve, viam-se uma cortina de esteirinhas de bambu. Em cima da mesinha vimos uma pequena esfera luminosa, fosforescente, de uma cor verdosa, que aumentou de luminosidade quando a monja pronunciou a palavra "Ram."

- Quando quiserem aumentar a luz, é só pronunciar esta palavra, que é a semente sonora do fogo.

Assim que ela saiu Mahina e eu examinamos detidamente a esfera. Parecia feita de cristal lapidado.

- É interessante como ela obedece à vibração do bija-mantra do fogo! - exclamou Mahima.

Soube então que este "bija-mantra" ou palavra semente do fogo, tem relação com os "tatwas" ou forças sutis da natureza. A vibração destas sementes sonoras vem ter ao plano físico através da Constelação do Cruzeiro do Sul. Existem sete "tatwas" ou forças sutis da natureza, porém só cinco são ativos. Há também uma curiosa correspondência entre os "tatwas" e algumas partes do corpo humano. Por isto os antigos "Rishis" - santos videntes da Índia - idealizaram a Yoga dos Cinco Elementos. Esta Yoga deve ser praticada entre 5,30 e 6,30 da manhã, ou entre 12,30 e 13,30, ou ainda entre 19,30 e 20,30 por serem horas de vibração positiva. O discípulo escolherá um lugar tranquilo, e em pé, com o corpo voltado para o Norte, imagina formas

geométricas coloridas que correspondem aos "tatwas" ou forças sutis da Natureza.

Assim, começar mentalizando ou imaginando um grande cubo quadrado que vai das plantas dos pés aos joelhos, e é da cor laranja terrosa. Enquanto está imaginando dirá lentamente a palavra "Lam", que é o bijam ou semente sonora do elemento terra que este quadrado simboliza. Pouco a pouco sentirá que uma vibração muito agradável brota da terra e sobe até os seus joelhos. Deve ficar assim cerca de 10 segundos ou o tempo que puder manter a mentalização. Em seguida, imagina uma Lua Crescente em posição horizontal, apoiada no quadrado. Esta Lua Crescente é de cor violeta e representa o elemento água. Sua semente sonora é a palavra "Vam". A vibração vinda da terra atinge e vibra neste crescente lunar. O discípulo fica mentalizando isto o tempo que puder. Em seguida imagina um triângulo vermelho vivo, tendo a base apoiada na forma anterior da Lua, e a ponta para cima, envolvendo o umbigo, o plexo solar e indo até a ponta do queixo. Baixinho pronuncia a palavra "Ram" que é a semente sonora do fogo. A vibração que vem da terra sobe e penetra neste triângulo vermelho. O discípulo permanece visualizando o tempo que puder. Feito isto, imagina um grande hexágono verde claro, apoiado na ponta do triângulo precedente, indo até a linha das sobrancelhas. A palavra a pronunciar é "Pam" que é a semente sonora do elemento ar. A vibração que vem da terra sobe até este hexágono, levada pelo pensamento do discípulo. Após cerca de 10 segundos, imagina então um outro crescente lunar, em posição vertical do lado esquerdo da cabeça, na cor azul forte. Representa o "akasha" ou éter imponderável. A palavra a ser dita é "Ham" (com h aspirado). A última figura a ser imaginada nesta Yoga dos Cinco Elementos é um grande sol dourado, acima do seu olho direito. Este sol simboliza o plano divino e a palavra é "Om".

Este "Om" é o símbolo universal do infinito. O presente, o passado e o futuro. É, segundo o Upanishad de Manduqui, o mundo interno expresso por uma única sílaba, e ainda tudo que pode existir fora dos mencionados três tempos. Deve ser pronunciado em tom de dó.

No dia seguinte após nossa chegada ao Templo da Calma Profunda, os sinos nos despertaram antes do raiar do sol. Sentíamos um grande bem estar ao respirar aquele ar puro como o linho fresco. Todo o ambiente emanava vibrações de bondade e tranquilidade.

Saímos cedo do quarto e após a toalete matinal, fomos conduzidos ao refeitório. Era uma grande sala circular, iluminada por várias janelas. Espalhadas em volta, vimos mesas de pedra, de tampo côncavo. Viam-se sobre as mesas cestas com frutas secas, coalhada e mel. Numa das paredes viam-se pequenas portas de metal, como se fossem portas de fornos. E realmente eram. Uma noviça abriu algumas. Por trás de cada uma vimos uma cavidade contendo uma bandeja grande, cheia de pães escuros e

quentinhos. Eram pães de centeio e cevada integral.

Comemos com satisfação e bebemos um chá levemente adocicado, que soubemos ser o famoso chá de raiz de "Ginseng", oriunda da Coreia. Este chá é revitalizante e consta que contém princípios afrodisíacos e rejuvenescedores. Os tibetanos raramente bebem o chá preto. Preferem os chás de ervas naturais como o "ginseng", folhas de artemísia e dente-de-leão, que são muito saborosos.

Após o desjejum fomos conhecer o Templo. Andamos por um pátio amplo, calçado de pedras lisas e redondas. Neste pátio vimos muitas monjas de idades diversas. A maioria vestia a túnica azul forte, mas algumas usavam um hábito branco barrado de azul. Um grupo de crianças brincava no pátio. Soubemos que no convento há uma escola e uma espécie de asilo para crianças abandonadas que as monjas recolhem nas cidades e aldeias mais próximas.

Vimos muitos claustros e capelas com seus deuses estranhos. Num deles havia uma grande janela redonda, que soube ser a janela da Lua Cheia.

Andamos por uma série de pátios internos, cada um deles com outro pátio menor ao centro, separados por filas de grandes colunas de pedra rosada. Afinal, subimos uma velha escada de pedra e fomos dar numa espécie de cela cavada na espessura da rocha. Vimos então um espetáculo curioso. No meio da cela via-se uma fogueira resplandecente que parecia brotar do coração da terra. O fogo girava sobre si mesmo e depois desvanecia-se, deixando atrás de si uma esteira rosada. Perto da fogueira vimos um grupo de monjas vestidas de branco. Ao lado, uma grande cesta contendo muitos hábitos brancos. Pegando nestes hábitos as monjas jogavam-nos dentro do fogo. E... eles não se queimavam! Momentos depois eram retirados, tão alvos e perfeitos como se tivessem sido lavados com água e sabão.

Soubemos então que aquela era chamada a Fonte e o Coração da Vida que pulsa no meio da terra. Banhando seus hábitos naquelas chamas, absorviam-lhes a virtude em toda a força virginal e dela impregnavam seus corpos. Os hábitos eram feitos de um mineral chamado amianto, muito abundante nas montanhas tibetanas. Desse material, as monjas tiravam um fio grosso, semelhante à lã, com o qual teciam seus hábitos. Faziam também um óleo que friccionado no corpo, tornava a pele imune às queimaduras.

Seguindo a noviça, fomos dar num jardim interno. No meio do jardim um lago sereno. Nas margens do lago, lindas flores que pareciam grandes rosas brancas.

- Estas plantas são oriundas dos vales do Himalaia na Índia, e têm a maravilhosa virtude de variar a coloração, segundo a hora do dia, e não parecem mortas mesmo depois de murchas.

O Dr. Vessantára, que conhecia botânica a fundo, examinou a planta detidamente. Logo explicou:

- O nome latino desta planta é "hibiscus mutabili". O sábio Linneu, em sua obra "Botânica Clássica", nos fala de trinta e sete espécies diferentes de hibiscus como estes, cuja semente tem um perfume de almíscar. É uma

planta original. (1) De noite as flores fecham-se, mas assim que amanhece elas se entreabrem e parecem rosas brancas. Ao meio-dia começam a ficar rosadas e durante a tarde ficam de um vermelho púrpura muito lindo. Pertencem à família das "malváceas" e soube que os tibetanos consagram-na ao Sol.

Com um gesto gracioso a noviça inclinou-se e colheu duas flores. Entregou uma a Mahima e outra a mim.

Fiquei muito contente com aquele presente inesperado. Ergui a flor e aspirei seu perfume. Era muito suave, adocicado, levemente almiscarado.

Apontando para uma outra flor perto do lago, a monja disse:

- Aquela é a noiva do deus Mahakala. Breve celebraremos o casamento do deus com esta planta. Seu nome é Mandrágora.

- Na minha terra esta planta é a planta dos feiticeiros - exclamou Pierre Julien. No sul da França, os camponeses sabem por tradição o terror que só o nome desta planta despertava em seus antepassados. Para eles a Mandrágora tem algo do ser humano a quem é forçoso render culto.

- Lembro-me - falou Vessantára - que a maior parte dos processos da Inquisição na Espanha, tem como causa as manipulações com a Mandrágora. Contudo, não creio que seja uma planta maléfica.

- Para nós, tibetanos, a Mandrágora não é maléfica - falou o Lama Kazi. Por isto todos os anos em fins de setembro, costumamos celebrar o casamento da Mandrágora com o deus Mahakala. Este deus oriundo da Índia representa uma forma de Xiva, na sua função de destruir para renovar. Alguns tibetanos ignorantes consideram Mahakala um espírito daninho.

- Como é o rito deste casamento? - indagamos. - É um costume muito antigo no Tibete. Primeiro as monjas traçam um círculo mágico em volta de todo o jardim. Estes círculos são a firmeza do ritual, são ordens escritas que devem ser obedecidas por uma falange enorme de entidades espirituais. Depois colocam a Mandrágora no meio do círculo. Enquanto isto um Lama vindo de algum templo das redondezas, retira do escrínio a estátua do deus Mahakala, onde fica trancado o ano todo. O casamento começa quando o Lama e uma das noviças seguram, por cima da planta e do deus, um rico xale de musselina bordado a ouro. O Lama recita as orações secretas, enquanto que um grupo de noviças espalham punhados de arroz cru e grãos de açafrão sobre os noivos, isto é, a planta e a estátua do deus. Terminada a cerimônia, o Lama guarda o xale e a estátua é colocada à sombra de sua noiva. As monjas cantam e dançam celebrando as virtudes de um e de outro.

- Qual é o significado desta união? - perguntamos.

- Este rito possui um profundo significado oculto que não podemos revelar... Contudo, dizem nossas tradições que um deus átomo - dorme em cada pedra. Logo, desperta em cada planta. Move-se em cada animal. Pensa em cada homem e ama em cada anjo. Daí concluímos que devemos tratar cada pedra como uma planta. A cada planta como um animal querido. Cada animal como um ser humano e todo ser humano como deus, pois nele vive a centelha divina EU SOU... Eis tudo o que posso dizer...

Continuamos nosso giro pelo Templo da Calma Profunda. Vimos muitas salas, pátios e santuários e ficamos encantados com a limpeza e a ordem de tudo.

Naquela tarde, uma forte tempestade de neve impediu nossa partida. Ficamos contentes por não ter que partir. Sentíamos prazer em prolongar nosso contato com as monjas.

Foi bom termos ficado, porque ficamos conhecendo muitas tradições antigas do Tibete. Entre elas destaca-se a que se refere, ao fabuloso rei Melquisedek.

Nota:

(1) - No Jardim Botânico do Rio de Janeiro há um exemplar desta curiosa planta do Himalaia.

O Rei do Mundo e os Misteriosos Reinos Subterrâneos.

Conversando com a monja Dolma, Superiora do Templo da Calma Profunda, soubemos o seguinte:

Consta que Melquisedek é uma das entidades mais elevadas na hierarquia dos planos espirituais. Foi rei de Salém, sacerdote do Altíssimo, contemporâneo de Abraão. Não teve pai nem mãe, foi autocriado, nasceu de si mesmo, como uma das poderosas manifestações de Deus na terra. Juntamente com outros Mestres Ascensionados ele dirige a evolução na terra e seus grandes movimentos políticos, artísticos e religiosos. O título de Rei do Mundo significa o Legislador Primordial. Vive ele na cidade subterrânea de "Paradesha" ou centro do mundo. Os que vivem ali são sempre jovens e sadios. Têm um adiantamento espiritual tão grande que não devem mais reencarnar sobre a terra. Num futuro remoto eles sairão de suas cidades subterrâneas e aparecerão para salvar a humanidade.

Os reinos subterrâneos ficam no interior oco da terra. Os Pólos não existem. Há aberturas nas extremidades Norte e Sul. No interior encontram-se vastos continentes, oceanos, montanhas e rios. Existe uma vida vegetal e animal nestes mundos subterrâneos que são povoados por uma raça desconhecida dos habitantes da superfície. (1) Os construtores destes reinos subterrâneos, como a maior parte dos seus habitantes, pertencem a uma raça antediluviana que povoava os continentes da Lemúria e da Atlântida. Quando estes continentes foram engolidos por um terrível cataclismo, os sobreviventes procuraram refúgio no seio da terra, penetrando aí através das aberturas polares a bordo de seus carros celestiais ou "vimanas". Voavam a bordo destes engenhos que utilizavam uma forma de energia obtida diretamente do ar chamada "Prana". Desde então muitos destes carros celestes têm circulado na atmosfera interior da terra.

Paradeshi é também chamada de Agharta por muitos budistas. Este império

misterioso tem milhões de habitantes e numerosas cidades. A capital é Shamballah, onde reina o Governante Supremo, cujo representante terrestre é o Dalai Lama. Suas ordens são transmitidas através de túneis secretos que ligam o mundo subterrâneo com o Tibete. Existem túneis semelhantes no país do "O Fu Sang" (Brasil). O Brasil e o Tibete parecem ser as duas partes do mundo onde os contatos com Agartha podem ser feitos mais facilmente. (2) As tradições budistas dizem que Agartha surgiu, há muitos milhares de anos, quando um homem santo Guesar de Ling, à frente de uma tribo das planícies de Tchang, foi para o Norte, penetrou nas entranhas da terra e desapareceu para sempre. O Norte é tido como a direção mística e muitos livros da Índia e do Tibete dizem que "os caminhos do Norte conduzem o yogue à libertação suprema".

O Rei do Mundo já foi visto durante as festas solenes do antigo budismo no Sião e nas Índias, onde já apareceu cinco vezes. Veio num carro magnífico puxado por elefantes brancos. Usava uma túnica e um manto de seda branca e trazia na cabeça uma tiara vermelha de onde pendiam muitos fios de diamantes que lhe ocultavam o rosto. Abençoou o povo com uma maçã de ouro em que se assentava um cordeiro. Os cegos recuperaram a vista, os surdos ouviram, os doentes se curaram e os mortos erguiam-se dos túmulos à medida que neles pousavam os olhos do Rei do Mundo.

Em Agartha, os sábios registram em placas de pedra todas as ciências do nosso planeta e dos outros mundos. Os budistas chineses sabem disto. Diz a lenda que uma vez em cada século os sábios da China reúnem-se em segredo num lugar perto do mar. Então, cem tartarugas gigantes saem do oceano e os sábios gravam-lhes no dorso as conclusões da ciência divina do seu século.

O Dalai Lama enviou embaixadores ao Rei do Mundo, mas eles não conseguiram descobrir a entrada para os reinos subterrâneos. Dizem que um chefe tibetano, depois de uma batalha com os Olets encontrou-se diante de uma caverna cuja entrada tinha a seguinte inscrição:

"Esta porta conduz à Agharta!"

Da caverna saiu um homem de aparência bela que lhe deu uma placa de ouro com estranhas inscrições que diziam: "O Rei do Mundo" aparecerá a todos os homens quando chegar o tempo da guerra do bem contra o mal. Mas este tempo ainda não chegou. Os piores membros da raça humana ainda não nasceram".

Todo este relato sobre o rei do Mundo e os misteriosos reinos subterrâneos deixaram-me perplexa.

Acho difícil admitir a existência de mundos subterrâneos habitados por pessoas iguais a nós. Acredito porém que pode ser uma raça de super-homens, com corpos fluídicos feitos de células diferentes das nossas.

Durante o tempo que passamos com as monjas do Templo da Calma Profunda, aprendemos muitas coisas surpreendentes. Aliás, parodiando o sábio Louis Jacolliot podemos dizer: "presenciamos coisas que não nos atrevemos a relatar, por temor de que nossos leitores riam de nós e duvidem

da nossa razão ou da nossa boa fé, não obstante serem certas todas as coisas que vimos..."

Nota:

(1) - O primeiro ocidental a apresentar a teoria da Terra oca com aberturas nos Pólos foi um pensador americano, William Reed, autor do livro "Fantasma dos Polos", publicado em 1906. Essa obra fornece a primeira compilação de provas científicas baseadas nos relatos dos exploradores árticos.

2) Reed observou que a terra não é uma verdadeira esfera, mas achatada nos Polos, ou melhor: que começa a achatar-se logo que nos aproximamos dos hipotéticos Polos Norte e Sul. Os Polos estão entre o céu e a terra no centro das aberturas polares, e não na superfície. Raymond Bernard em seu livro "The Hollow Earth" ou A Terra é Oca, diz o mesmo, apoiado em documentos dignos de todo o crédito.

QUATRO

Milagres da Levitação

Assim que a tempestade passou, deixamos o Templo da Calma Profunda. Durante a jornada fomos colhendo informações aqui e ali. Soubemos que na encosta de uma montanha, não muito distante de onde estávamos, encontrava-se o templo dos monges que voam, os famosos "lung om pas" ou Dragões Alados do Tibete. Não podíamos ficar neste templo porque é contra a regra dos monges. Mas pretendíamos visitá-lo, contando com a ajuda do Lama Kazi. Naquela noite nos abrigamos numa grande caverna ao pé da montanha. Esperamos ali dois dias para que Kazi fosse ao templo e voltasse com a permissão dos lamas. Assim que ele chegou, deixamos os criados na caverna juntamente com nossas bagagens e partimos, guiados por ele. Caminhamos através de extensa planície coberta de neve. Uma hora depois passamos por uma garganta de rochas abruptas. Ali paramos um pouco para descansar. Víamos ao longe o Templo dos Dragões Alados, com seu telhado recurvo, coberto de neve, sua arquitetura muito semelhante aos outros templos que já tínhamos visto no Tibete.

Ao longe vimos um grande tronco de árvore retorcida, e acima dele algo que nos pareceu um grande pássaro.

- Olhem! - exclamou Kazi – É um monge que voa, um "lung om pa"!

Pierre Julien preparou a máquina de filmar, colocando uma lente de grande alcance. E começou a filmar. De repente a figura moveu-se no ar e desapareceu por entre as altas montanhas.

Algum tempo depois chegamos ao templo. Fomos recebidos por quatro noviços, altos, magros, pele morena, olhos muito pequeninos e cabeça raspada. Vestiam túnicas amplas de um tecido grosso e amarelo. Eles nos levaram para uma sala pequena e rústica, sem nenhuma mobília. Sentamos

no chão, sobre um tapete de lã grossa e nos serviram chá de ervas medicinais, com bastante manteiga e sal. Como estava muito frio esta bebida quente e gordurosa nos aqueceu.

Ficamos sabendo que o Superior do templo era um velho e sábio lama chamado Tsampa Tendar. Ele vive há oito anos sentado imóvel na sua cela, meditando em silêncio. Mas dirige telepaticamente seus oitenta discípulos. Visitamos as principais dependências do templo que nada tinham de especial. Depois nos levaram até a cela de Tsampa Tendar. A cela é de uma simplicidade extrema. As paredes de pedra e o chão de terra batida. Por uma fenda na pedra penetra a luz do dia. A luz tênue iluminava o rosto fino e ascético do velho lama. Sua pele era de um tom marfim, o cabelo branco e áspero, a túnica grossa de lã amarela, e nas mãos muito magras um rosário tradicional de 108 contas. Este rosário é usado por quase todos os monges do Tibete. Sua expressão é de absoluta serenidade.

Soubemos que pelo bárbaro processo de mumificação em vida, ele conseguiu ressecar o fígado e os intestinos. Atualmente vive só da vibração da força sutil do ar, cujo nome é "prana". Ante seus olhos antigos, fixos no infinito, sentimos uma sensação de alheamento. Por alguns momentos olhamos o velho Tendar, enviamos a ele nossa saudação e saímos. Fomos até um salão ornado de pinturas em seda chamadas "thankas". Como sempre, estas pinturas representam divindades lamaístas. Indagamos sobre os exercícios praticados pelos monges que voam e a resposta foi o seguinte: "Inicialmente o noviço senta-se no chão com as pernas cruzadas, na postura do lótus. Isola o chão antes com grosso cobertor ou almofada, para evitar as vibrações negativas da terra. Aspira o ar lentamente pelo nariz. Retém a respiração e salta, sem fazer uso das mãos, conservando as pernas cruzadas. Pratica isto tantas vezes quanto puder. Consta que alguns monges chegam a saltar a grande altura. Depois seguem alguns ritos para conseguir a neutralização do peso. O período de estudo leva três anos, três meses, três semanas e três dias. Seguem também muitos adestramentos psíquicos da Yoga. Alguns conseguem tamanha perfeição que podem sentar sobre o talo de uma flor, sem dobrá-la..."

Tudo isto fez-nos recordar que também a tradição da igreja católica aceita a teoria da levitação. Basta citar S. Terezinha de Jesus, S. Tomás de Aquino, os próprios discípulos de Jesus andando sobre as águas, e Santo Antônio. Embora por outros métodos, eles também sabiam o segredo da levitação.

Sabe-se que a maioria dos lamas dos grandes mosteiros tibetanos desaprova as práticas dos monges que voam. Quando alguém comenta o assunto, respondem contando a seguinte história:

"Durante suas andanças pela Índia, Sidarta Gautama, o Buda, encontrou um eremita muito cansado, sentado à porta de sua cabana, no final de um bosque.

- Há quanto tempo vives aqui? - perguntou Buda.
- Vinte e cinco anos.
- E qual o resultado destes anos de meditação?

E o eremita respondeu, orgulhoso:

- Sou capaz de atravessar um rio, andando sobre as águas!

Pobre amigo - disse Buda - pouparias muito mais tempo, se pagasses um barqueiro para atravessar o rio num barco...

Tsampa Tendar, o Velho da Montanha

São muitas as lendas que correm sobre Tsampa Tendar, o Guru dos monges que voam. Entre, elas conta-se que, no último dia do ano, Tendar voa em direção ao monte Potala e lá se reúne com os Mestres da Fraternidade Branca do Oriente. Seu discípulo Laikey contou-nos também o seguinte: "Tendar nasceu num lar humilde, na região de Ngari, na tribo dos aborígenes 'Iepchas'. Ainda pequenino foi levado para o Mosteiro de Tulung Tserpung, na cidade de Lhassa. Foi educado pelos Lamas e lá aprendeu todas as magias. Como não queria ser mago negro deixou o mosteiro e foi para bem longe. Esmolou de cidade em cidade. Suas mãos, dotadas de um maravilhoso dom curativo, aliviou muitos males e curou muitos enfermos. Assim que completou cinquenta anos, Tendar resolveu dedicar-se à meditação e tornou-se um ermitão contemplativo. Passaram-se trinta anos, e somente então Tendar tornou-se um 'limg om pa' ou Dragão Alado. Um dia, caiu em transe profundo. Seu corpo levitou e voou em direção à cidade de Lonak. Quando voltou a si, estava sendo atendido por Laikey, que naquela época era pastor de cabras. Julgando-o um santo imortal, o pastor caiu de joelhos e prestou-lhe homenagens. Tendar desfez o engano e começou a ensinar a Laikey o muito que sabia. Assim, Laikey foi o primeiro discípulo de Tendar. Ambos construíram uma pequena ermida de pedra. Depois, chegaram outros discípulos que construíram o mosteiro atual dos monges que voam."

E após contar tudo isto Laikey deu por terminado nosso encontro. Daquela região distante e brumosa, onde vivem os monges que voam, trouxemos algumas notas que serviram hoje para neste livro, recordar a história de Tsampa Tendar - o eremita que parece haver escapado às limitações físicas...

Um Casamento no Tibete

Eram quatro horas da manhã, quando deixamos a caverna das montanhas de Khangma e seguimos viagem, rumo à região do Gyangtse. O céu estava azul escuro e o ar leve e frio. Entramos numa garganta, cavada há séculos pelo rio Nyang, através da qual ainda corriam suas águas, parcialmente geladas. Andamos por este caminho estreito e perigoso, puxando nossos animais pelas rédeas. Afinal alcançamos um vale e pudemos montar novamente. O vale foi se ampliando até que avistamos a planície de Gyangtse. Gyangtse está situada no centro de uma área fértil e populosa. Pelo caminho fomos encontrando camponeses e negociantes ambulantes.

Eles sorriam à nossa passagem e punham a língua de fora, num curioso sinal de boas vindas...

Encontramos alguns lamas, a cavalo, acompanhados por discípulos. Aos poucos foram surgindo casas pequenas e grandes. No meio de pequenas colinas, os telhados recurvos e dourados dos templos brilhavam como gotas de sol.

As bonitas casas brancas de Gyangtse estavam cheias de gente alegre que veio para as janelas e varandas, ver uma caravana de comerciantes chineses, que acabava de chegar.

Chegamos a um vasto campo, onde vimos muita gente reunida em volta de várias tendas de couro. Um grupo de moças dançava ao som de uma espécie de atabaque. Suas túnicas eram alegres, em tons de verde, vermelho e azul. A saia era franzida e longa. A blusa fofa de mangas amplas, compridas, e sobre ela um avental de seda listrada de várias cores.

Paramos perto das tendas e desmontamos. Um senhor tibetano veio ao nosso encontro. Kazi explicou-lhe sobre nós. Soubemos então que celebravam a festa do casamento de Maitrei Kuchog - filha do governador de Sikkim - com um capitão da guarda pessoal do Dalai Lama. A cerimônia seria à tardinha, antes do pôr do sol e podíamos assisti-la. Agradecemos e Kazi disse que voltaríamos mais tarde. Fomos para uma hospedaria, comemos, descansamos e voltamos mais tarde. Compramos flores e fomos ao palácio do Governador de Gyangtse, onde a noiva estava hospedada. Entramos num pátio, em forma de arco, lembrando o estilo espanhol. O pátio estava cheio de gente, era amplo e bem cuidado. Lindas piscinas, margeadas de flores, espalhavam-se por bosques de bambu. Num pequeno pavilhão ao sul, os convidados deixavam os presentes. Deixamos ali nossa humilde oferenda. Sobre um grande tablado forrado de azul e semeado de almofadões bordados, estavam sentados o Governador e altas autoridades de Gyangtse. Num outro tablado em frente, também forrado de azul estavam os lamas do Chapéu Amarelo, que oficiariam a cerimônia. Ao lado deles, os irmãos do noivo. Soubemos então, que segundo a lei tibetana, a noiva desposaria também os irmãos do noivo...

Ao todo eram cinco, jovens ainda. Entre eles um bonito rapaz de uns vinte anos. Estavam vestidos com túnicas de brocado dourado, ornadas de peles de lontra. A noiva teria um belo harém de maridos!

Soubemos então que o Tibete é um dos poucos países do mundo onde há a poliandria oficial. Apesar da escassez de homens livres - pois, entre cada dois rapazes, um é monge - a mulher pode casar-se com vários homens ao mesmo tempo. Basta que tenha meios para sustentá-los...

Numa família onde não há varões, o marido n. 1 é obrigado a adotar o sobrenome da mulher. No Tibete o ciúme é praticamente desconhecido. Lá, nunca houve um crime passionai. Não costumam apurar quem é o pai de uma criança, nascida numa família onde há muitos maridos. Geralmente a criança chama de pai, ao marido número 1, e de tios os outros. A questão da virgindade também não é exigida. As moças tibetanas têm uma vida sexual

livre. Mas, há uma lei severa que as proíbe de engravidar enquanto são solteiras. Por isto, os meios anticoncepcionais naturais são muito conhecidos.

O divórcio é permitido, mas é muito dispendioso. Se um marido pede divórcio, tem que pagar uma quantia proporcional ao número de anos que viveu com a esposa.

Tomamos lugar entre o povo e ficamos à espera da cerimônia.

Em dado momento ouvimos o soar de um gongo. E logo apareceu a noiva. Era uma bonita moça de uns dezoito anos. Vestia a túnica nupcial chamada "Chuba". Constava de uma longa saia franzida de brocado vermelho bordada a ouro, uma blusa rosa intenso e um avental de seda listrado de verde e dourado. Este avental é chamado "pagng-den". A noiva tinha longos cabelos lisos e negros, repartidos ao meio, reunidos numa grossa trança, que lhe caia além da cintura. Na cabeça um barrete de pele de raposa branca, enfeitada com um grande broche de esmeraldas, turquesas e rubis.

Todos aplaudiram quando ela andou em direção ao noivo n. 1. Ouvimos uma música alegre. Logo, um dos Lamas desceu do tablado e traçou no chão com um pó branco, o velho emblema budista uma cruz suástica. O noivo ergueu-se e sentou-se no chão em cima da cruz. Junto dele, o lama traçou com o mesmo pó branco, uma grande flor de lótus. E a noiva sentou-se sobre a flor, com as pernas cruzadas à moda oriental. Tirando do seio um grande lenço de gaze vermelha, ela amarrou-o em volta da cabeça do noivo. Ele sorriu. Tirou do braço uma larga pulseira de ouro e entregou-a à noiva. Ela ergueu a pulseira acima da cabeça e começou a cantar. Era uma espécie de oração aos seres elementais que habitam na terra, no ar, na água e no fogo. (1) Depois fez um juramento de fidelidade aos maridos, desejando que seu primeiro abraço fosse doce como a chegada do primeiro dia da primavera.

Em seguida fez um apelo à corte dos anjos para que estivessem presentes na cerimônia:

"Anjos do amor, Anjos da paz,
apelamos por vós;
Anjos da beleza, Anjos da misericórdia,
Vossa perfeição nos liberta.
Anjos da consolação do Raio Rosa,
Anjos da cura vinde todos;
Anjos da bondade e da bem-aventurança,
estamos prontos a servir!
Anjos da sabedoria, da alegria e da vitória,
Apelamos por vós;
Anjos da verdade e da maestria,
vossa perfeição nos liberta.
Anjos da compensação do Raio Dourado,
Anjos da bênção vinde todos;
Anjos da paz e da perfeição,

estamos prontos a servir!
Anjos da lealdade, Anjos do poder,
Apelamos por vós;
Anjos da firmeza, Anjos da força da
Vontade Divina, oh! libertai-nos.
Bem-amado protetor do Raio Azul,
Anjos do servir vinde todos;
Anjos da proteção, da unidade,
estamos prontos a servir!
Anjos da liberdade Anjos do amor,
apelamos por vós;
Anjos da misericórdia, do equilíbrio,
vossa liberdade nos liberta.
Anjos do Raio Violeta
e do perdão, vinde todos;
Anjos da justiça divina,
estamos prontos a servir!
Anjos da vida, Anjos da ascensão,
apelamos por vós;
Anjos da Chama Verde, Ouro e Rubi,
vossa superioridade nos liberta.
Anjos da pureza do Raio Branco,
Anjos do céu, vinde todos;
Anjos da perfeição divina,
estamos prontos a servir!"

Eu escutava fascinada aquele apelo aos anjos, que nos foi transmitido pelo Lama Kazi. Quando a noiva se calou, parecia tocada por um halo sobrenatural. Foi acesa uma grande fogueira que já estava armada no pátio. Os Lamas oficiantes jogaram no fogo punhados de ervas perfumadas, um pouco de leite, manteiga e arroz cru. De mãos dadas, a noiva e os noivos andaram em volta do fogo cantando. Depois, um dos Lamas oficiantes, empunhando um bastão dourado ornado de fitas multicores, tocou-lhes o alto da cabeça, a testa e o coração, pronunciando a bênção:

"Selados no poderoso amor, sabedoria, poder e consolação do Espírito Santo, bem-amado MAHA CHOCHAN, agradecemos a vós e aos reinos dos elementais e dos Anjos, às Ascensionadas Legiões de Luz, a assistência que nos prestaram.

Ajudai cada um de nós a ser a 'Presença Consoladora' em ação, para toda vida que contatemos com nossos pensamentos, sentimentos, palavras e atitudes. Expandi nosso humilde esforço e envolvi toda a vida de nossa cidade, do nosso país e de todo o mundo, com vosso amor, até que o mundo inteiro seja feliz, perfeito e livre.

Nós Vos agradecemos!"

Ouvimos os acordes de uma suave música de flauta e a cerimônia terminou. Houve gritos e vivas de todos. E a uma ordem do Governador começou a

distribuição do "Koumi" - vinhos e licores tibetanos, Cheng - a cerveja nepalesa muito apreciada no Tibete, verdadeiras montanhas de carne de carneiro cozida no leite, frutas, bolos e mil e uma especiarias da cozinha tibetana. Todos comeram fartamente e em seguida começaram a dançar em volta da fogueira.

Em dado momento o noivo n. 1 fez um sinal, e um criado trouxe-lhe um cavalo. Era um bonito animal de pêlo branco, ricamente enfeitado de plumas e moedas de ouro. O rapaz montou, depois abaixou-se rapidamente e ergueu a noiva pela cintura. Ela se ajeitou na sela e saíram galopando em direção à montanha, onde ficará com o noivo durante sete dias.

A festa continuou, mas tínhamos visto o bastante. Já sabíamos como era um casamento tibetano. Então, alegres e cansados, regressamos à hospedaria.

Nota:

(1) - Diz a tradição que estes espíritos elementais são os invisíveis obreiros da Natureza, criados por Deus, para servir à humanidade. São feitos de pedacinhos de ar colorido, chamado éter imponderável, e só as crianças e alguns videntes os podem ver. Os seres elementais servem a humanidade de acordo com seus predicados: as Salamandras, por meio do fogo; as Sereias e Ondinas, por intermédio da água; as Fadas, Silfos e Sílides, em função do ar, e os Gnomos por meio da terra. Eles prepararam os corpos etéricos do ser humano, como Elementais do Desejo, zelam pela água, pelo ar e tudo o que é preciso para que possamos viver aqui. Os Mestres dizem o seguinte: "Estes seres elementais devem servir a humanidade com amor e a humanidade deve, por gratidão, amá-los e abençoá-los! O reino elemental age em direção ascendente, começando pela menor das inteligências até os construtores das formas, que criam os corpos humanos no plano astral. São os elementais que constroem as montanhas, as rochas, as pedras, os metais: as marés são regidas por eles, assim como o fogo dos vulcões. Afirmam os ocultistas que os seres elementais são "seres mentais" (el-e-mental), isto é, espíritos divinos. Cumpridas suas tarefas eles alcançam a dignidade de um Elohim ou Filho de Deus ou tornam-se os Veladores Silenciosos de um planeta, um sistema solar ou uma galáxia.

O Mosteiro de Gandin e sua Arvore Fabulosa

No dia seguinte acordamos quando o sol já ia alto. Depois do almoço saímos para visitar a cidade. A paisagem divide-se em três zonas coloridas: o azul-cobalto do céu, o ocre-alaranjado das muralhas e, ao longe, o verde das montanhas cobertas de neve. Sobre um rochedo amarelo cercado de precipícios, ergue-se o "Dzong", Isto é, o Forte da cidade de Gyangtsé, fronteira da província chinesa de Kansu. Contornamos a pé, o rochedo e lá estava a cidade aos nossos pés. A maioria das casas e das lojas é

construída em terreno plano. Os templos ficam no semicírculo das colinas. Destaca-se entre eles o célebre "Kum Bum" ou Mosteiro das Mil Imagens.

Andamos pelas ruas da cidade seguidos por um bando de crianças que gritavam e corriam, seguidos por alguns cachorros vadios. Os cachorros tibetanos, com exceção do "Lhassa apso" - o cão sagrado - parecem uma mistura de pequinês com pêlo de arame. São engraçados e muito inteligentes.

A algazarra das crianças nos perturba e não sabíamos o que fazer. Fomos andando, até o mercado onde há de tudo: roupas, peles, frutas e doces. Um velho com um grande tabuleiro vendia doces cristalizados de brotos de rododentro. Demos dinheiro às crianças para comprar doces e assim elas nos deixaram em paz. Enquanto a garotada se espalhava pelo mercado, fomos parando aqui e ali. Vimos produtos de artesanato local: bules de porcelana objetos de prata de cobre e de cerâmica. Nada de especial.

As "rúpias" indianas circulam aqui tal como o "tranka", dinheiro tibetano que é feito de couro e prata. As moedas de ouro há tempos desapareceram de circulação. Circula também um papel moeda com notas de 10, 50, 100 e 500 "trankas". De um lado tem gravados arabescos fantásticos de cores vivas, do outro a figura do leão do Tibete destacando-se sob as montanhas nevadas, os oito signos da sorte e o carimbo do Governo.

Vimos muita gente no mercado, ricos e pobres. Alguns mendigos, com um moínho de orações na mão, faziam-no girar vertiginosamente. Quando passamos por um grande arco de madeira, dois monges vieram ao nosso encontro. Ofereceram-se para guiar-nos até o Templo das Mil Imagens. Este templo é um dos mais famosos do Tibete.

Diz a lenda que pouco antes do nascimento de Tsong Kapa - o grande reformador religioso do País das Neves - um profeta falou que o menino seria um ser maravilhoso, com a missão de reformar a religião lamaica. E assim, em 1555, Tsong Kapa nasceu numa montanha de Amdo, nordeste do Tibete, num lugar isolado onde sua mãe tinha ido levar oferendas aos deuses. Do sangue perdido durante o parto e do corte do cordão umbilical, nasceu uma árvore misteriosa. Então, várias marcas apareceram nos ramos e na casca da árvore inclusive as seis sílabas sagradas "Aum Mani Padme Hum".

Esta é, pois, a origem do nome Kum-Bum, - Mil Imagens. Fomos andando em direção ao templo, muito curiosos em ver e observar tudo. O templo é todo branco e tem o telhado dourado. Na cúpula do templo há uma pintura representando dois enormes olhos castanhos. Os muros exteriores são inteiramente pintados com figuras de deuses lamaístas. Ao lado das figuras são pintados também os famosos "Mandalas". No último andar, na parte exterior, vê-se a estátua de pedra representando Dorje Chang, o Absoluto. Passamos pelo pátio central, atravessamos um vestíbulo e saímos num parque sombreado de árvores copadas. Ali, passeavam em silêncio, rezando seus rosários de coral, vários lamas usando a clássica toga amarela. Continuamos andando, passamos pelos lamas e entramos num salão

grandioso e sombrio. No fundo vimos nove portas de cobre com o sinete do Dalai Lama. Em cada extremidade do salão, vimos longas cítaras, suportadas por dragões de porcelana azul. No lado oeste havia uma mesa de oferendas. Era de ébano e lápis-lazúli. Sobre ela, jarrões de ouro e prata, cheios de flores. Visitamos setenta e três capelas, cada qual mais linda que a outra. Pierre Julien, no seu afã de arqueólogo, copiou velhas inscrições e símbolos arcaicos.

A mais bonita capela é a de Maitreya, o Buda do futuro, o Senhor da Compaixão. Fomos seguindo, na nossa visita. Passamos pela cela dos eremitães, depois por um amplo vestíbulo, iluminado por candeeiros de prata em forma de lótus. Ali estavam as estátuas em tamanho natural, dos lamas chefes de Kum Bum, já falecidos. Diante de cada uma, um relicário de ouro incrustado de pedras preciosas, contendo as suas cinzas.

Mal podíamos conter nossa curiosidade em ver a árvore milagrosa de Kum Bum. Nos relatos de sua jornada ao Tibete, os padres franceses Huc e Gabet, afirmam ter lido as palavras "Aum Mani Padme Hum" nas folhas e nos troncos das árvores. Insistem sobre o fato de que as letras, em vias de formação, apareciam também nas folhas novas e debaixo da casca da árvore.

A descrição dos reverendos abades franceses do século XVI é realmente exata, foi o que constatamos logo a seguir. Atualmente esta árvore milagrosa está protegida por um Chorten ou relicário, aberto na parte de cima, de uns doze a quinze metros de altura.

As crônicas antigas de Kum Bum dizem que esta árvore permanece inalterável quer seja inverno ou verão e que o número das folhas é sempre o mesmo.

O Chorten, aberto em cima para que penetre a luz do sol, eleva-se em meio a um pequeno templo com telhado dourado.

Em frente a este templo cresce um rebento da árvore milagrosa, rodeada por uma grade de madeira pintada de branco.

Uma outra muda maior, originada da árvore milagrosa que está dentro do relicário, foi transplantada para um pequeno jardim que precede o templo interno.

Os lamas recolhem as folhas caídas destas duas árvores, para distribuí-las entre os visitantes.

Cada um de nós ganhou uma destas folhas. Nela vimos gravados os símbolos masculino e feminino do Cosmos, juntamente com o restante da fórmula sagrada: "Aum Mani Padme Hum!"

Soubemos então que as seis sílabas desta fórmula correspondem às seis classes de seres conscientes e estão relacionadas com as cores místicas.

"Aum" corresponde ao branco e relaciona-se com os deuses ("Lha").

"Ma" corresponde ao azul e relaciona-se com os não-deuses ("Lhama-yin").

"Ni" corresponde ao amarelo e relaciona-se com o ser humano (mi) e também com o símbolo dos princípios masculino e feminino do Cosmos, o "Yin Yang".

"Pad" corresponde ao verde e relaciona-se com os animais ("tudo").

"Me" corresponde ao vermelho e relaciona-se com os não-humanos ou elementais.

"Hum" representa a ausência de cor, o negro, e relaciona-se com os que sofrem no purgatório.

Dizem os lamas que a recitação desta "Aum Mani Padme Hum! pode liberar do renascimento em qualquer dos seis reinos.

Olhamos atentamente aquela folha milagrosa e a guardamos como preciosa relíquia. Após andarmos muito pelo parque, vendo uma coisa e outra, deixamos os lamas de Kum Bum entregues às suas meditações e voltamos à hospedaria.

A cura pelas ervas e perfumes

Naquela noite adoeci de repente. Tive há tempos uma febre perniciosa, mas não dei atenção. Seria a mesma febre que me acometia de novo? Passei o dia indisposta e febril. Mahima sugeriu que chamássemos um médico. Mas Kazi achou melhor levar-me para consultar o médico-lama do mosteiro de Kum Bum. E assim fomos até lá. Explicamos a um noviço o motivo da nossa vinda e ele nos levou a um pátio interno, que não tínhamos visto anteriormente por ocasião de nossa visita. Neste pátio estavam as "garbas" ou celas dos médicos do templo. O noviço parou junto a uma delas e entramos. Era uma cela pequena, iluminada por um candeeiro a óleo. Vimos nas paredes inúmeros feixes de ervas secas e um aroma muito agradável desprendia-se delas. Sentando no chão, com as pernas cruzadas estava um rapazinho de uns vinte anos, vestido com a toga clerical amarela. Seu rosto era magro, de expressão séria e na sua cabeça raspada vimos as sete cicatrizes do ritual místico. Ele parecia ler um grande livro de capa de madeira. O noviço falou-lhe em voz baixa. O rapaz olhou-nos atentamente e fez um sinal para que nos sentássemos perto dele.

Com a mão direita o jovem lama traçou no ar sinais estranhos, como se fizesse um apelo às forças invisíveis. Aplicou o ouvido direito à minha mão esquerda, tomando assim o meu pulso à moda chinesa, isto é, observou meus 14 pulsos, 8 à direita e 6 à esquerda. Consta que cada um deles corresponde à atividade hiper, hipo ou normal dos órgãos internos.

Ficou quieto alguns minutos. Depois falou:

- Escuta e crê, pois o que te direi é a pura verdade: a doença que tens não é grave. Apenas um desequilíbrio entre o positivo e o negativo ou "Yin e Yang". Amanhã estará curada.

Tive um sorriso incrédulo, mas fiquei em silêncio. O lama queimou um punhado de ervas perfumadas num braseiro. Mandou que eu aspirasse profundamente o aroma das ervas. Assim fiz.

- Este é o seu perfume-remédio - disse ele. Aqui no templo, tratamos os doentes pelo processo da Osmoterapia e Acupuntura.

Sabemos que cada pessoa está em vibração com certas plantas que, por sua vez, estão influenciadas pelos astros. Pelo formato do seu rosto sei que nasceu no mês de maio, sob a influência dos planetas Vênus e Saturno e as plantas que vão curá-la são estas, cujo aroma acaba de aspirar. Amanhã, já não terá mais febre. Mas, como seu fígado está inflamado, é preciso voltar aqui amanhã para fazer uma aplicação de Acupuntura.

Terminada a consulta, deixamos o templo e voltamos à hospedaria. De noite pirei muito. Já estava descrente da medicina dos lamas, quando aos poucos senti alívio. A febre foi baixando e logo um grande bem-estar invadiu todo o meu corpo. Senti uma doce sonolência e adormeci.

No dia seguinte, quando acordei, o sol já ia alto. Sentia-me completamente bem. Meu corpo estava leve e o cérebro mais lúcido.

- Benditas ervas tibetanas! - murmurei contente e saltei da cama alegre como um pássaro.

Mahima entrou no quarto e sorriu:

- Já sei que está curada!

- Realmente, estou muito bem. Acho que nem preciso voltar a consultar o médico-lama.

- É melhor voltarmos, não seja ingrata!

- Como será o tratamento que ele quer me aplicar?

- São leves picadas com agulhas de ouro e prata, em certos centros vitais que eles chamam de meridianos - retrucou Mahima.

- Como? - indaguei com medo.

- Calma! O tratamento é indolor, porque antes de colocar a agulha o lama anestesia o local com o suco de plantas especiais.

Mais tarde Kazi explicou algo sobre o segredo das agulhas de ouro e de prata.

- A acupuntura é um método terapêutico muito antigo. Reequilibra nosso organismo de um modo rápido e eficaz. Além do ar, luz e comida nosso corpo absorve vibrações mais altas do Cosmos, especialmente a energia eletromagnética "Ki", captada através de vários pontos de pressão. Esses pontos, localizados profundamente na pele, têm estrutura em espiral e determinam os canais ou meridianos, que transmitem essa energia eletromagnética através do corpo. Nos organismos saudáveis existe uma livre e desimpedida circulação de "Ki", força magnética vital, de órgão para órgão, através dos meridianos. A existência destes meridianos e sua relação com os pontos de pressão são conhecidos pela medicina oriental há milhares de anos. Conhecendo os pontos certos, onde se possa provocar uma assimilação ou troca de energia, conseguiremos rapidamente restabelecer o fluxo energético ou a saúde, quando algum órgão não estiver normal.

Eu ouvia interessada aquela curiosa explicação. Após uma breve pausa, Kazi prosseguiu:

- Quando um órgão funciona mal, os pontos ao longo de seu meridiano correspondente fica dolorido e enrijecido antes mesmo que o órgão se manifeste. A rede de meridianos, que se ramifica logo abaixo da pele, é na

verdade parte integrante do mecanismo de controle e dos meios de defesa que regem o corpo. Os médicos orientais colocam nestes pontos as suas agulhas de ouro e de prata. Deixam-nas ficar espetadas na pele algum tempo até que elas fiquem moles e fáceis de serem retiradas. Isto é o sinal de que o órgão já está equilibrado. Usamos também aqui no Tibete, um método de massagem terapêutica chamado "Tayu-Na". É uma massagem livre, feita nos meridianos que estão doloridos. Do "Tayu-na" originou-se o "Do in", um método de auto massagem excelente, muito usado no Japão. Tendo os mesmos princípios da Acupuntura, costuma ser chamada "massagem acupuntura". Seu uso, no Oriente, perde-se na noite dos tempos. Fiquei contente ao ouvir estas palavras, e quando parti para o templo de Kum Bum, estava mais confiante. O médico-lama primeiro escutou os meus pulsos, tal como da vez anterior. Depois, abriu um estojo de seda onde alinhavam-se inúmeras agulhas longas e finas. Eram de ouro e de prata. E começou a espetar as agulhas em certos pontos do meu corpo. Primeiro uma na testa, bem entre os olhos. Para me acalmar, disse o lama. Em seguida colocou duas agulhas de ouro nos dedos grandes dos meus pés. Outras no tornozelo, no meio da perna e na curva do joelho. No alto da cabeça também espetou uma agulha longa e fina e nos dedos das minhas mãos. Algumas doeram, mas foi uma dor perfeitamente suportável.

Por algum tempo fiquei com as agulhas espetadas no corpo. Fui me sentindo leve, contente, como estivesse flutuando num céu sem nuvens.

Fiquei sabendo que os metais brancos como a prata, o aço e a platina, exercem uma ação sedativa nos paciente. O ouro, ao contrário, tem uma ação estimulante.

O lama experimentava para ver se as agulhas já estavam ficando moles. Algumas saíram com facilidade, outras permaneceram firmes.

- Esperemos - disse ele - o órgão ainda está tenso.

Pouco a pouco as agulhas foram saindo sem nenhuma dificuldade. Ele as retirava delicadamente, sem me machucar. Senti-me repousada, bem disposta e feliz.

- Sua reação é muito boa - disse o lama - a pequenina irmã já está curada. Tome um chá destas ervas e não sentirá mais nada.

Agradecemos ao médico-lama e aproveitamos para perguntar algo sobre as plantas curativas do Tibete.

Os médicos lamas tibetanos consideram cada planta como uma estrela terrestre. Estão em relação com os astros. Suas propriedades celestes estão em relação com as pétalas e as flores. As propriedades terrestres estão nas folhas e nos caules. Na Medicina as plantas podem ser empregadas verdes ou secas. A planta verde é melhor.

- Muitas pessoas no Ocidente - falei - gostam de se tratar com ervas. Poderia indicar algumas plantas medicinais e seu uso apropriado?

- A maioria das nossas ervas são desconhecidas no Ocidente - respondeu o médico-lama - mas, posso indicar-lhe algumas, com seus nomes latinos. Assim temos:

Polygonum Persicaria para curar úlceras e feridas.

Menta Pulegium, para a amenorréia uterina. Bocconia Cordata, para picadas de insetos. Lilium Tigrinum, para as dores ovarianas. Polygonum, Bistorta cura disenteria. Todas estas plantas podem ser encontradas no Ocidente com facilidade. Temos ainda a raiz de gengibre, boa para o estômago e o fígado, usada em forma de chá, após as refeições. Também o chá de folhas de pessegueiro e a casca do salgueiro são muito boas para curar as hemorragias comuns na menopausa. E como reconstituente geral temos a raiz de "Ginseng" da Coreia, considerada na antiga China como a planta da imortalidade. Foi usada por muitos imperadores chineses como tônico afrodisíaco. O Ginseng tonifica não só os órgãos sexuais como o organismo em geral.

Ao despedirmo-nos o médico-lama informou que dali a dois dias, o templo festejaria o nascimento de Sidarta Gautama, o Buda e convidou-nos para assistir à festa.

Ficamos contentes com mais aquela oportunidade de observar os costumes tibetanos.

- Soube do endereço de um adivinho, que possui um misterioso livro mágico. Vamos visitá-lo hoje?

Esta sugestão vinha do Dr. Vessantára, e foi logo aprovada por todos.

Era uma manhã escura, fria e ventosa, mas saímos assim mesmo, curiosos e alegres. Depois de muito andar por um vale deserto, cercado de serras abruptas, chegamos à ermida do adivinho. Era toda de pedra branca, pequena e acolhedora.

O adivinho estava sentado sobre uma esteira de bambu atendido por dois discípulos.

Era um velho muito formoso. Usava uma tanga de algodão branco e um manto também de algodão branco, caía-lhe folgadoamente pelas costas. A cabeça era raspada, nariz aquilino, encimado por um par de olhos, castanhos e acerados como os de uma serpente. Seu rosto tinha uma curiosa expressão de sabedoria e autodomínio.

O lama Kazi explicou-lhe o motivo da nossa visita. Ele sorriu e mandou que sentássemos no chão, perto dele. Um dos discípulos trouxe-lhe um livro envolto numa echarpe de seda amarela. Era o famoso livro mágico sobre o qual Vessantára ouvira falar.

O livro, retirada a echarpe, tinha um outro envoltório de linho branco. Parecia um manuscrito simples, como muitos dos que já tínhamos visto no Tibete. As folhas eram de pergaminho e nelas viam-se gravados estranhos caracteres. Parecia um livro velho, amarelado, com as letras douradas meio apagadas pelos anos e o constante manuseio. O ancião colocou o livro no colo do Dr. Vessantára. Disse-lhe que pegasse no cordão de seda vermelha do registro e o passasse ao acaso entre duas folhas, abrindo-as logo naquele lugar. Ele assim fez. Então, o adivinho começou a ler o que estava marcado. E falou:

- Quando meu honorável hóspede nasceu, a Lua estava em conjunção com Mercúrio no signo do Búfalo, mas o sol do seu nascimento estava colocado no ano do Cavalo...

E seguiram-se detalhes sobre a infância e a mocidade de Vessantára. Seus estudos médicos num país distante da sua terra natal, seu casamento com Mahima e muitas outras previsões que resultaram ser certas. Comigo, com Mahima e com Pierre as adivinhações também foram corretas.

E por longo tempo o adivinho falou sobre nossos destinos. Revelou nomes de parentes e amigos que estavam no Brasil, previu diversos fatos interessantes para todos nós e terminou dizendo:

- Esquece os erros do passado! O remorso é uma forma de presunção. Por mais longe que possamos buscar na noite das idades, é impossível descobrir a origem de um sofrimento que não tenha causa. Esquece-te do EU e sê um instrumento que semeia a Paz, a Sabedoria e o Amor...

Fiquei perplexa com estas palavras que nos foram traduzidas por Kazi. Afinal o adivinho calou-se. Fechou os olhos e pareceu alheio a tudo. Empalideceu de repente e seu corpo ficou rígido. Dr. Vessantára quis tocar nele, mas logo um dos discípulos falou:

- Não o toque, senhor! O venerável Mestre está agora em transe profundo. Se o interrompermos podemos causar-lhe algum mal. Convém que se retirem, a consulta terminou!

Levantamo-nos e saímos. Pierre quis deixar algum dinheiro, mas os discípulos recusaram:

- Por favor dê este dinheiro aos pobres!

E assim deixamos o misterioso adivinho tibetano, entregue às suas meditações, voltamos à cidade surpresos e encantados com seus poderes adivinhatórios.

No dia seguinte nos preparamos para assistir à festa do nascimento de Buda, no Templo de Kum Bum. Entardecia quando chegamos. Um serviço religioso já começara no pátio, em frente ao pavilhão central. O ar estava pesado de incenso. Sinos batiam alegremente. Soaram também as longas trombetas tibetanas. Uma compacta multidão reunia-se ali. No chão, vimos traçados os indispensáveis círculos mágicos, desenhados caprichosamente com pós coloridos. A música religiosa prosseguia lenta e monótona. Seguiu-se um rito no qual o abade de Kum Bum queimou um boneco de cera com figura humana. Consta que neste boneco os lamas concentram os pecados da humanidade e queimando-o limpam a aura de todos. Um tambor começou a soar ritmicamente. Trouxeram uma estátua de bronze representando um deus lamaísta de quatro cabeças e oito braços.

- Por que tantas cabeças e tantos braços? - perguntei ao lama Kazi. E ele respondeu:

- Estas quatro caras olham para os quatro pontos cardiais, porém todas pertencem a um só corpo do deus. Como acreditamos que ele é onipresente, seus quatro rostos estão voltados para as quatro direções. Seus oito braços revelam sua onipotência e seu corpo nos expressa que é Uno, embora se

encontre em todos os lugares, sem que nada possa escapar a seus olhos, que tudo veem, nem às suas mãos justiceiras.

Nosso diálogo foi interrompido por um grupo de ламas que começaram a dançar em volta da estátua do deus. Eram cerca de duzentos. A dança era ligeira e fascinante. Eles saltavam e gritavam, ao som dos tambores e das trombetas. De repente cessaram a dança. O grupo se desfez. No centro do pátio ficaram apenas sete ламas. Eram altos e imponentes nas suas longas túnicas cor de laranja. Um toque mais cadenciado dos tambores advertiu que íamos assistir a um rito importante. Observamos em silêncio os ламas dançarem com movimentos lentos e harmoniosos.

Ficaram assim alguns minutos. De repente deu-se um curioso fenômeno. Vimos formar-se perto dos ламas uma nuvem cinzenta. A nuvem foi se condensando aos poucos, até formar a figura austera de um velho esguio e ereto. Seguiram-se palmas dos assistentes as quais pareciam aclamar a figura materializada. Ouvimos então a saudação unânime:

Aum! Aum!

Era o som sagrado pronunciado de um modo especial. Corresponde aos deuses e ao triângulo superior da Yoga. Consta que desperta as forças invisíveis do Cosmos.

Seis materializações sucederam-se à primeira em curto espaço de tempo. Vessantára filmou o grande espetáculo. Estávamos confusos. Estaríamos mesmo vendo a materialização de espíritos, ou sendo vítimas de uma alucinação coletiva?

Algum tempo depois constatamos a veracidade do fato. O filme reproduziu exatamente o fenômeno das materializações. Soubemos que estes estranhos seres fluídicos, formados pelo ectoplasma dos presentes, não eram espíritos de gente morta, mas sim seres encantados da Natureza, os elementais que vivem nos quatro elementos: terra, água, fogo e ar. São chamados "Yidans" pelos tibetanos, que os consideram uma espécie de divindades tutelares.

Os tambores tocaram com mais força, à medida que iam se materializando os "Yidans". Vimos gigantes, gnomos, lindas mulheres pequeninas de asinhas transparentes, delicadas colunetas de fogo, de onde saíam salamandras, duendes e ondinas.

Nossa emoção era tanta que mal podíamos respirar. O filme de Vessantára provou-nos que não tínhamos sido hipnotizados. Sem dúvida, nada é mais fantástico do que a própria realidade...

A cerimônia terminou quando os ламas trouxeram a estátua de Sidarta Gautama, ainda menino. Estava sob um andor florido e foi colocado no meio do pátio, junto a uma bacia de bronze, suspensa num pedestal, onde havia chá doce. Com uma colher de cabo comprido, também de bronze, os ламas banharam a cabeça da estátua, murmurando enigmáticas orações.

- Por que fazem isto? - indagamos.

- Diz a lenda - respondeu Kazi - que banhando a cabeça do Buda menino com chá doce, nossa vida também fica doce...

A estátua era formosa e delicada. Tinha as trinta e duas marcas sagradas que distinguem os Budas. Entre estas destacam-se as longas orelhas, que escutam sempre as músicas celestiais a flor de lótus nas palmas das mãos e a cruz suástica, o antigo símbolo budista, nas plantas dos pés. Dizem que todo Dalai Lama também nasce com estas marcas nas mãos e nos pés.

Formou-se uma fila e cada pessoa inclinava-se diante da estátua e depois, pegando na colher de cabo comprido enchia-a de chá doce e com ele banhava a cabeça do Buda menino, fazendo seus pedidos.

Eram duas horas da madrugada quando terminou a festa. Saímos do templo ao som de um grande búzio, que um menino soprava lentamente. Algumas mancheias de cevada, lançadas com um gracioso sorriso e acompanhadas pelo canto litúrgico de "tashi shog!" (que haja prosperidade) ressoavam nos nossos ouvidos com um som doce e nostálgico.

A Morte de um Lama do Chapéu Amarelo

- Seguimos hoje para Tashilhumpo. Sua bagagem já está pronta? - indagou o lama Kazi. - Falta apenas fechar as malas - respondi.

Nisso, um forte dobrar de sinos me assustou - e um oboé iniciou uma melodia melancólica.

- Que será isto? - indaguei surpresa.

Aproximamo-nos da janela e olhamos a rua. Havia um certo burburinho entre o povo.

- Alguém morreu! - falou Kazi - Vou sair e saber quem foi. Momentos depois voltou dizendo:

- O Lama Sithar morreu de repente!

- Quem é ele?

- Um dos Budas Vivos de Gyangtsé.

- Que pena! - exclamei num impulso.

- Não lamente, pequenina irmã. Sabemos que a morte é pura ilusão. A vida continua em outros planos, pois a alma é imortal...

- Sim, é verdade - concordei, envergonhada por ter esquecido. Nunca devemos lamentar os que partem para além da vida.

- E além do sofrimento - completou Kazi.

- Gostaria de assistir ao enterro deste lama.

- Aqui no Tibete - disse Kazi - não enterramos ninguém tal como é costume no ocidente. Como temos muita madeira, queimamos os cadáveres. Somente nas regiões do centro e do Norte, onde o único combustível é o esterco do gado, é que o povo abandona os mortos aos corvos, em lugares destinados a isso. Quanto aos grandes lamas, em geral são embalsamados por um processo duplo: sal grosso e cozimento em manteiga de iaque. Estas múmias chamam-se "mardong". Geralmente são encerradas numa grande caixa de prata, ornada de pedras preciosas e guardadas nas cavernas dos templos, ou em algum lugar seguro. As faces são pintadas de dourado e o

corpo envolto em togas de gala. Nestas caixas há um visor de cristal, colocado na altura da cabeça do morto. E assim, em alguns dias especiais, o povo pode ver estas múmias sagradas.

Soubemos então que geralmente quando o moribundo solta o último suspiro, os parentes vestem-no com roupas ao contrário, isto é, a parte da frente do traje, vestida para trás; logo amarram o corpo na posição do Buda, com as pernas cruzadas, ou então com os joelhos dobrados, tocando o peito. Depois, colocam o corpo num grande caldeirão. Mais tarde retiram o corpo. E aquele mesmo caldeirão é lavado sem grandes cuidados e nele preparam chá ou uma sopa que é distribuída aos que assistem ao funeral...

Soubemos ainda que o enterro de uma pessoa comum demora muitos dias. Cerca de sete ou oito. Enquanto isto, os lamas são chamados para rezar e aconselhar o morto a que não se sinta aturdido no outro mundo... Nesta ocasião são lidos trechos de um livro tibetano intitulado "Tse hda Kyi rmanches thog granG", isto é, "Guia do Espírito no Além":

- "... escute-me. Você está morto, esteja certo disso! Não tem mais nada a fazer aqui. Alimente-se bem pela última vez. Você tem uma longa estrada a percorrer e diversas montanhas para cruzar. Adquira forças e não volte aqui nunca mais".

As famílias tibetanas que têm meios para pagar os lamas oficiantes, repetem diariamente os ritos fúnebres, durante seis semanas. Depois disto, é feita uma imagem de papel com uma leve moldura de varas, onde são penduradas as roupas e pertences do morto. Algumas vezes o retrato do morto é ali pregado. Com muita frequência usam uma folha de papel já pronta, fornecida por um mosteiro. Estas folhas de papel são de dois modelos: uma com a pintura de um homem e a outra com a de uma mulher. O nome do morto é escrito sob a figura desenhada ou pintada.

Finalmente o lama oficiante queima a folha de papel com a efígie da pessoa morta. As roupas que vestiram a efígie são dadas ao lama, como parte dos honorários.

Depois desta incineração simbólica os laços que ainda ligavam o morto a este mundo são considerados desfeitos.

Quando os parentes começam a sonhar muito com o morto, pensam que ele está sofrendo e precisa de auxílio. Recorrem então aos lamas adivinhos. Outros preferem as práticas espíritas da antiga religião do país, a seita dos "Bon pas".

Assim consultam um médium "pawo" que empresta seu corpo ao morto e fala por ele. As sessões espíritas no Tibete são muito diferentes das que se fazem no ocidente. Geralmente são feitas durante o dia e ao ar livre. Começam cantando uma espécie de "ponto" acompanhado por um tambor e uma sineta. Depois o médium começa a dançar lentamente. Em seguida, com passo mais rápido, ele começa a girar depressa, a tremer convulsamente. Isto revela que o espírito já tomou conta do corpo. Então, fica frenético e canta com voz entrecortada Diz então o que o espírito deseja. É muito difícil compreender as palavras dos "pawos". Para interpretá-las são

escolhidos os homens mais inteligentes do lugar.

Durante a sessão acontece que diferentes espíritos se apoderam, sucessivamente do médium, às vezes o "pawo", impelido por algum espírito, atira-se sobre um dos presentes e o cobre de pancadas...

Ninguém oferece resistência a esta surra inesperada. O povo ignorante imagina que ela concorre para livrá-los de futuros males.

Nos rituais "Bon pas" os espíritos pedem o sacrifício de um porco ou de uma vaca, para serem libertados no astral inferior: A família faz tudo o que ele pede. E quando termina a cerimônia fica aliviada, crendo que ajudou muito ao parente desencarnado...

Quando se confia a um lama o cuidado de libertar o espírito, não há nenhum sacrifício, pois o budismo lamaísta proíbe o sacrifício de animais. Os lamas limitam-se a rezar e a queimar sua efígie pintada no papel, conforme descrevemos mais acima.

Ritos de um Enterro no País das Neves

Durante todo o dia ouvimos os cânticos lúgubres, pois toda a cidade de Gyangtsé chorava a morte de seu Buda vivo. No dia seguinte, na terceira hora da tarde fomos ao mosteiro onde vivera o lama. Um rito secreto ia ser cumprido. Vários lamas de outros mosteiros visitavam o morto. No parque do mosteiro da Luz Divina estava o corpo do defunto lama, já cuidadosamente cozido em sal grosso e manteiga. O defunto usava apenas uma tanga de algodão amarelo, e o corpo estava amarrado com as pernas cruzadas, na postura de Buda. Em volta do defunto, vários lamas recitavam suas preces. Seu rosto estava calmo e sereno. Parecia estar dormindo. Antes de morrer o Lama Sithar tinha indicado o corpo onde sua alma iria habitar. Tratava-se de um menino de oito anos filho de uma família pobre de Gyangtsé. A criança já estava ali devidamente lavada e cuidada pelos lamas. Seu rosto miúdo, de olhos amendoados, reflete medo.

Os gongos começaram a soar forte, acompanhados por sinos e tambores. O menino teve uma espécie de estremecimento. Os lamas trouxeram-no para junto do cadáver. De um braseiro de prata subia a fumaça do sândalo e do incenso.

Uma procissão de lamas avança lentamente, em direção ao esquife. Cuidadosamente eles desamarraram os braços do morto. Em seguida, colocaram o menino sentado sobre os joelhos do falecido, e tornaram a amarrar os braços. Um véu de gaze branca cobriu os dois. Bruscamente cessaram os tambores, sinos e gongos.

A voz grave de um lama pronuncia palavras ritualísticas. Em seguida, cuidadosamente desamarram novamente os braços do morto. Súbito, um grito agudo fere o ar. Os lamas correm para junto do morto. Então, o menino fica em pé, sobre, os joelhos do morto. E começa a falar com voz de homem. Numa atitude de absoluta autoridade ele diz:

- Sou eu, o Lama Sithar! Desci de onde estive repousando e vim habitar novamente entre vós. Meus amados discípulos, neste novo corpo continuarei minha missão na terra até terminá-la...

A expressão infantil do rosto do menino tinha desaparecido. Em vez dela vimos uma energia espiritual em seu rosto, e uma profunda sabedoria saindo de sua boca, numa voz de homem...

Os lamas colocaram diante dele várias taças de chá, misturando-as, intencionalmente com os objetos que tinham pertencido ao lama Sithar. Vimos que o menino, ao ser solicitado pelo abade, escolheu rapidamente os objetos sagrados, dizendo:

- Esta é a minha taça! Este é o meu chapéu e aquele é o meu punhal mágico!

Todos se inclinaram satisfeitos e homenagearam o novo Buda Vivo. O menino abençoou a todos e disse:

- ...Possuir a sabedoria que descobre em tudo os elementos de que as coisas são compostas, assim é o infinito... possuir a sabedoria que dissipa a ilusão da realidade durável das formas e da personalidade é indispensável para que sejam eficazes à compaixão. Sei que em minhas vidas anteriores possuí muitos dons, mas não os usei totalmente. Esta sabedoria eu não posso ensiná-la. E eis o que resolvi fazer. Vou encerrar-me na minha cela durante três anos, três meses e três dias. Se durante este período conquistar a sabedoria que desejo, voltarei para dá-la àqueles que estão preparados. Caso não consiga a minha meta, continuarei recluso por tempo indefinido. É para obter este conhecimento da sabedoria universal que voltei!

A agitação entre os presentes era extrema, Todos queriam venerar o Mestre que voltara do além, Mas... de repente... o menino desmaiou. Os lamas correram e deitaram-no sobre almofadões de seda. Pouco a pouco ele voltou a si e olhou com espanto para os que o rodeavam, - Sente-se melhor, Precioso Lama?

Não sei quem sou... parece que adormeci e tive um sonho...

- É preciso descansar, senhor! - falou o abade. Acha que pode andar? Se isto o fadiga poderemos levá-lo no colo.

- Estou bem... um pouco fraco, mas posso andar.

E o menino levantou-se, e saiu acompanhado pelo abade. Antes de sair do parque, voltou-se e olhou o corpo do Buda Vivo. Em seguida retirou-se para o interior do Mosteiro da Luz Divina.

Os sinos e os tambores começaram a tocar. E todos pareciam alegres e contentes. O cadáver foi acomodado dentro do esquife de prata e carregado para uma sala subterrânea do mosteiro. Depois todos se retiraram sorrindo felizes porque o seu Buda tinha voltado.

Achei tudo isto muito estranho e não entendi o seu significado oculto. Mas Kazi falou que estas transmigrações de almas são muito comuns no Tibete. Escolhem uma pessoa que tenha um Carma curto, isto é uma vida curta na terra. Um "tsispa" ou astrólogo levanta o horóscopo desta pessoa e descobre coisas ocultas, inclusive o dia em que deve morrer. Então, na época certa,

levam o escolhido para junto do Buda que vai ressuscitar e ele troca a sua alma com a alma da pessoa. Aquele que cedeu seu corpo recebe o mérito de viver entre os Puros de Espírito...

CINCO

Milarepa, Ermitão, Feiticeiro e Poeta

Nossa caravana serpenteia por um estreito caminho, ao lado de um abismo profundo. Logo depois encontramos um bando de iaques seguidos por um camponês. Grandes e pesados, com seus chifres grossos e arqueados, os iaques andam lentamente. Os longos pelos cinzentos e sujos pendem dos seus flancos, formando um pesado manto que os protege do frio. Seguimos rumo a Tashilhumpo, em nossa rota para alcançar Lhasa, a capital do Tibete. Passamos por um lugarejo chamado Lapsche, onde há uma pequena "ritod" ou ermida de pedra branca, centro de veneração dos tibetanos. Consta que lá viveu o famoso santo tibetano Milarepa ou Milarespa, discípulo do Guru Marpa que, por sua vez foi discípulo do grande Mestre Tilopa. Há séculos a sombra destes três ascetas paira sobre o Tibete. Os versos de Milarepa também chamado Milarespa por usar a tanga de algodão "respa", ainda hoje estão na boca do povo. Sua vida lendária é das mais interessantes. Milarepa foi uma das figuras mais extraordinárias do Tibete. Feiticeiro, ermitão, poeta, profeta, filósofo e criminoso, alma tumultuada, sempre angustiado entre o bem e o mal. A vida de Milarepa nos é contada por seu discípulo Rechungm num livro (1) que após muitos séculos, não cessa de emocionar os tibetanos.

Milarepa ou Milarespa nasceu numa família abastada no ano de 1039. Com a morte de seu pai, a fortuna passou a ser administrada por um tio cujas trapanças deixam a família sem nada e reduzem sua irmã e sua mãe à escravidão. Sua mãe, mulher vingativa, envia Milarepa a uma escola de magia negra, a fim de que pudesse vingar a afronta. Milarepa desenvolve grandes poderes, podendo desencadear tempestades e paralisar pessoas à distância. Nada disso, entretanto, lhe trazia felicidade. Pelo contrário, sentia profundamente que não era através da vingança que conseguiria a paz e a auto-realização. Encontra então o famoso Guru Marpa, que o submete a um rígido treinamento. É obrigado a construir muros, casas, fazer os trabalhos mais rudes, para logo a seguir destruir tudo o que fizera e voltar, sempre e sempre a fazer a mesma coisa. Conduzem-no às cavernas nas galerias das montanhas onde, em total solidão, aprende a conversar com as "Dakinis" (fadas), com os seres demoníacos e os animais selvagens. Domina por completo o "tumo", ou o calor psíquico e a Yoga da Kundalini (fogo secreto que dorme na base de nossa coluna vertebral). E assim vive no meio do gelo vestido com uma simples tanga de algodão. Seu nome - Milarespa - significa vestido com uma tanga de algodão. Afinal, ele atinge a Iluminação, e toda sua mensagem espiritual é dada em poemas de rara beleza. É o grande

instrutor, ermitão, feiticeiro e poeta. Suas poesias estão reunidas no livro "As Centenas de Milhares de Canções". Deste livro é o seguinte poema:

Pátria, casa, campos paternos

pertencem a um mundo sem realidade.

Quem quiser que os venere...

Eu, Mila, o ermitão vou em busca

da grande libertação espiritual!

Conta-se que um dia, quando Mila saiu de sua gruta em busca de um lugar ainda mais solitário para meditar, o potiche de barro onde ele cozinhava urtigas, caiu e partiu-se em mil pedaços. Então, Mila sorriu e compôs um poema:

Há pouco eu tinha meu potiche de barro,

agora já não o tenho...

Consolo-me pensando na lei da impermanência
das coisas e das criaturas.

Por isso, continuarei meditando sozinho.

O potiche de barro que era meu único

tesouro, quando quebrou-se se

transformou num Mestre para mim.

Esta lição da fatal impermanência

das coisas, é uma

grande maravilha!

Precisamente quando Mila cantava este poema, dois caçadores chegaram ao seu retiro. Ficaram surpresos ao verem um ser humano naquele estado de inanição. E perguntaram? - De onde és, ermitão?

E Mila respondeu:

- Aos vossos olhos pareço um ser imundo e miserável, mas saibam que ninguém na terra é mais feliz do que eu!

E saiu cantando um outro poema:

"... e o corcel que é a minha alma, voa como o vento..."

E assim de montanha em montanha, de gruta em gruta, Milarepa envelheceu feliz.

Sua morte foi muito curiosa. Dizem que um famoso Lama, de nome Tsapuwa, ofereceu-lhe hospedagem durante uma de suas andanças. Mas, invejando os grandes poderes mágicos de Milarepa, mandou que sua concubina fornecesse ao ermitão uma comida envenenada. Mila abençoou-a mesmo sabendo que ela era o instrumento do seu fim.

Antes de comer, ele disse mansamente:

- Honrável irmã, tentarei libertá-la do Carma deste crime. Saiba que esta comida envenenada não me afetaria, se eu não tivesse terminado minha missão na terra. Mas, tranquiliza-te, ninguém saberá que fui envenenado...

Então, Milarepa mandou um de seus discípulos em busca do povo de Tingri e Nayaban que nele tinham fé. Durante vários dias Mila pregou sua doutrina de Paz e Amor. E diz a tradição, que de repente, todos viram estranhos

sinais no céu. Terminado o sermão, Milarepa abençoou a todos e falou:

- Minha vida e minha influência em converter os outros, chegou ao seu fim. Agora, devo enfrentar a consequência de ter nascido...

E voltou para sua gruta na região de Chubar. Lá chegando, entrou em meditação profunda e morreu. Todos compreenderam que Milarepa tinha partido para o único mundo real, que tão completamente o absorvera.

Tudo isto veio-me à lembrança ao contemplar a pequena casa de pedra branca de Lapche, que dizem ter sido construída por ele, obedecendo às ordens de seu Guru Marpa. Há uma outra casa também construída por Mila durante sua iniciação em Lhobrag, ao sul do Tibete.

Pela estrada caminhavam três camponeses cantarolando uma canção.

- Estão cantando os poemas de Milarepa! - exclamou Kazi.

No horizonte, quase ultrapassando as nuvens, além dos majestosos Montes Guring, ecoava a canção dos camponeses...

Nota:

(1) - Este livro foi traduzido para o inglês pelo Lama Dawa Sampubs e o Prof. Ewans Wents, publicado pela Oxford Press.

O Segredo do Yéti, O Homem das Neves

Olhando os Montes Guring, o lama Kazi falou:

- Além daqueles montes é que dizem que habita o Yéti, o misterioso homem das neves ... - Mas isto não é uma lenda? - indaguei.

- Talvez mas dizem nossas tradições que o Yéti é uma reminiscência do gigantesco homem das cavernas, na idade da pedra. Consta que são seres que só podem viver em lugares gelados, desertos e inóspitos. Às vezes, os Yétis deixam estes lugares e são vistos rondando algumas aldeias, tentando raptar mulheres. E quiçá por isto, ainda continua existindo a raça deste abominável homem das neves...

Pierre Julien escutava atentamente. Como arqueólogo, tinha pesquisado a existência do Yéti e estava muito interessado sobre este assunto.

- O estudo científico do homem, na história da civilização - disse ele - calcula em cerca de 500 mil anos nosso aparecimento sobre a terra. E... verifica um fato natural, até hoje sem uma explicação satisfatória: o salto brusco e enigmático que há na teoria da evolução de Darwin, verdadeira lacuna entre o macaco superior e o homem inferior. Se realmente existe, o Yéti deve ser o misterioso elo entre o homem o macaco...

- Sim... é possível! - exclamou o Dr. Vessantára. O lama Kazi encarando Pierre, retrucou:

- Aqui no Tibete acreditamos que existe na Criação, entre o homem e o macaco, um ser desconhecido. Ele não encarna nem reencarna na terra, mas sim em outros planos do infinito. Esse ser é, ao mesmo tempo, o

primeiro homem e o último macaco, ou melhor o macaco que deixou de ser símio para vestir a roupa biopsíquica do homem, alterando sua anatomia, sua evolução e seu psiquismo. Dizem nossos livros santos que o Yéti é um parente próximo do homem, mas sua evolução se processa fora da terra, talvez no mundo subterrâneo de Shamballah. E isto a humanidade atual ainda não pode compreender...

O diálogo foi interrompido porque em seguida avistamos a cidade de Tashilhumpo.

Estava situada numa planície seca, rodeada de colinas. Ao longe, pouco depois de Tashilhumpo vimos também a cidade de Gobshi, às margens do grande rio Ralung.

Prosseguimos lentamente até que chegamos à Tashilhumpo, que fica a uns 4.785 metros de altitude. No céu destacava-se o perfil da enorme montanha de Nojin Kang Sang, que segundo Kazi tem 7.920 metros. Esta montanha é cheia de lendas fabulosas e a tradução de seu nome é: Nobre Geleira do Gênio.

Kazi não gostou quando soube que íamos ficar em Tashilhumpo.

Disse que ali era a região dos feitiços e que moravam feiticeiros famosos por seu poder diabólico. A regra principal destes bruxos é ter ódio de tudo e de todos os que não pertencem à sua seita. São homens e mulheres de instintos baixos, treinados para dominar magicamente os demônios. Com seus poderes infernais provocam muitos fenômenos. Nossa intenção era ficar pouco tempo em Tashilhumpo, apenas o necessários para renovar nossas provisões, ferrar os cavalos e tomar um banho.

Pelo caminho fomos passando por algumas pessoas, que nos olharam estranhamente. Vimos algumas mulheres do campo, com seus aventais listrados e suas longas saias franzidas cor de vinho. Tiravam água de um poço. Paramos para fotografá-las e uma delas deu à Mahima, uma florzinha silvestre chamada "fada das delícias". Era amarelinha e parecia uma margarida.

Observamos que as casas na maioria eram de pedra pintadas de branco. Lembravam velha construções dos tempos mongólicos de Ghengis Khan. O povo era magro, parecia triste e mal nutrido. Vimos pelas ruas muitos cães vadios, sujos e cheios de feridas. Paramos num albergue onde a custo conseguimos um lugar para repousar. Enquanto prosseguiam os preparativos para continuarmos viagem, Vessantára, Mahima e eu fomos dar uma volta pela cidade.

Magia Negra no Teto do Mundo

Saímos andando, em meio ao povo e alcançamos a grande praça do mercado. Ali o povo troca peles por alimentos, compra roupas tecidas com pelo de iaque, amuletos, orações escritas em papel de arroz, elixires da longa vida. Vimos garra de tigre encastoadas em prata, rosários de

sementes de "roudrach" - uma árvore sagrada da Índia - ídolos talhados em madeira e pedra. Vendo uma coisa e outra, fomos nos afastando do centro. Distraídos, entramos por um caminho estreito que conduzia a um vale com vegetação exótica. Apaixonado por botânica, o Dr. Vessantára começou a examinar detidamente as plantas, explicando a que família pertenciam e para que serviam. Ficamos tão distraídos examinando as plantas que nem vimos a tarde desaparecer aos poucos. E de repente já era noite. Uma chuva fina começou a cair. O ar pareceu encher-se de uivos de lobos. A impressão era de que as trevas vinham não do alto, mas da própria terra. Retrocedemos sobre nossos passos, mas não conseguimos encontrar o caminho de volta. Não tínhamos nem uma lanterna de bolso, nada que iluminasse o estreito caminho. Caminhamos vagarosamente sem saber por onde, lutando contra um vento forte que começou a soprar de repente. Depois de vaguear algum tempo, vimos por entre a neblina uma gruta rochosa. Corremos para a gruta e nos abrigamos num canto.

E se aquela gruta fosse o antro de um tigre ou de outra fera? - indaguei a mim mesma, tremendo de medo. Percebendo meu nervosismo, o Dr. Vessantára pronunciou um "mantra" num tom bizarro. Logo senti-me melhor. Então, Vessantára e Mahima começaram a conversar sobre nossa próxima chegada à Lhassa. Nossos planos para conhecer o Dalai Lama, visitar o maravilhoso palácio Potala. E aquela conversa foi me acalmando. O tempo passou em revoada, sem que o percebêssemos. Descansamos um pouco recostados nas paredes da gruta. Quando saímos de lá a madrugada já ia alta. O ar estava pesado e molhado de névoa, como os olhos depois do pranto. Uma rajada de vento rompeu a cerração noturna. Seguimos andando pela mata. Era um caminho sinuoso salpicado de velhas árvores, que findava numa encruzilhada da mata. Perto vimos um casarão cinzento meio iluminado. Começamos a ouvir o som cadenciado de um tambor. Vinha lá de dentro. Paramos para escutar. Velas pretas presas aos mourões ardiam com um odor acre. Um rumor de vozes masculinas parecia anunciar algum rito estranho. Levados pela curiosidade, rodeamos a casa cautelosamente. Eu estava com medo, mas queria ver o que se passava lá dentro. Escondemo-nos atrás de uma moita e olhamos através da grande janela aberta.

Vimos uma sala ampla e sombria. A um canto, um grupo de mulheres, sentadas no chão com as pernas cruzadas. No meio, um grupo de homens mal-encarados parecia esperar um sinal de alguém.

Sobre um altar vimos uma estátua de bronze representando uma espécie de bode. Era uma estátua singular. A metade da efígie era humana, da cintura até o pescoço. Mas a cabeça e os pés eram de um bode, com grandes chifres recurvos pintados de preto. Junto da estátua estavam cinco velhos imundos e decrepitos. Sobre a pele escura e lúzida, usavam apenas um avental parecendo feito de ossos humanos, o que faz parte da feitiçaria tibetana. Na cabeça um gorro pontudo, feito de pele preta. Suas mãos curtas e grossas, batiam ritmicamente em tamborins ornados de guizos. Abriu-se uma porta ao fundo e entrou um ruidoso grupo de homens e mulheres.

Vestiam longas túnicas vermelhas. Fizeram uma roda e começaram a dançar freneticamente. Seus rostos estavam crispados, olhos arregalados e tinham as bocas pintadas de roxo. Na mão esquerda, agitavam grandes máscaras dos demônios Chi Kang. Em dado momento colocaram as máscaras no rosto. Pareciam possessos, dominados por entes diabólicos. Por trás do altar surgiu uma mulher vestida com um manto negro. Era alta e esguia. Usava um estranho penteado, em forma de chifres. Ela entrou na dança. Um momento depois seu rosto moreno e formoso, transfigurou-se numa expressão de ódio. Rodearam-na sete homens. Eram altos e jovens e usavam apenas o avental feito de ossos. Na mão tinham uma corneta. Entraram no meio da roda e se ajoelharam, enquanto os outros cantavam.

Uma mulher entregou a um dos velhos uma cesta com velas vermelhas e pretas. Uma a uma ele as foi acendendo e colocando sobre a cabeça dos rapazes que estavam ajoelhados. Com a ponta de um punhal fez uma leve incisão no braço da mulher que usava o manto negro. Em seguida, fez outro corte mais fundo e o sangue jorrou. Foi recolhido numa pequena tigela. Mergulhando os dedos no sangue fresco o velho fez um gesto estranho no ar e gritou uma invocação.

Houve uma pausa no ritual. Em seguida os feiticeiros queimaram ervas num grande braseiro de bronze. A sala encheu-se de vapores espessos, projetando no ar imagens fantásticas e fugazes. Alguns feiticeiros torciam as mãos e os braços, agitados por espasmos convulsos.

Um homem abriu um pesado reposteiro vermelho e vimos sete bodes pretos amarrados num canto. Eles soltaram os bodes que correram pela sala fazendo um barulho infernal. A mulher tirou o manto vermelho e apareceu nua. Tinha um belo corpo bronzeado. O velho aproximou-se e começou a untar-lhe o corpo com uma estranha pasta cinzenta. Soubemos depois que esta pasta era feita de fuligem, gordura e excremento de bode...

Ficamos parados com nojo e horror. Os bruxos seguraram os animais pelos chifres e os colocaram no centro da sala. Em volta deles um dos velhos derramou um pó cinzento parecendo pólvora e ateou-lhe fogo. Um clarão ofuscante iluminou o ambiente, ouvimos um estrondo que parecia vir do teto do casarão. Uma nuvem escura foi se condensando aos poucos. Lentamente foi se materializando um ser monstruoso. Era um gigante peludo, com quatro cabeças e quatro braços. Pensamos que estávamos vendo alucinações. A visão durou muito pouco. Logo, em passos lentos de dança, a mulher nua aproximou-se do tapete de pele de iaque. Deitou-se de quatro, com as pernas abertas.

Então... seguiu-se uma cena orgíaca, a qual deixamos de descrever por ser de uma baixeza indescritível...

O repique entrecortado dos tambores preludiou um som ensurdecido. Parecia que tinham ressuscitado os velhos demônios tibetanos. Um homem gordo, usando uma tanga vermelha começou a dançar. Agitava um chocalho feito de uma caveira e ornado com enfeites de cobra.

De repente os tambores se acalmaram. Com os rostos convulsionados vimos

duas mulheres cambalearem. Pareciam possuídas pelos demônios. As mais estranhas cenas começaram a acontecer. Punhais e velas voavam sozinhos pelo ar. Em volta da estátua do bode colocaram uma espécie de torta, redonda e chata como um pão árabe. Todos se entregaram a uma dança desenfreada e o ritual pareceu terminar.

A custo conseguimos nos libertar da força oculta que nos prendera naquele lugar. Sentimos um ardor estranho no rosto. Dentro em pouco ficamos empolados como se tivéssemos sido mordidos por mil abelhas. Não sabíamos a que atribuir tais sintomas. Saímos apressadamente daquele lugar diabólico e algum tempo depois, chegamos ao mercado. De lá fomos direto para o albergue, onde nossos companheiros nos esperavam apreensivos. Após ouvir o relato da nossa aventura o lama Kazi falou:

- Os queridos irmãos estiveram perto da ermida do feiticeiro Tralung, que vive nesta região. Estão sentindo o efeito da magia que os bruxos praticaram...

- Mas, que devemos fazer? - perguntei ansiosa.

- Vou preparar um antídoto com o suco de umas ervas sagradas que vendem no mercado. Esperem-me aqui!

Pouco depois voltava trazendo uma tigela de madeira onde socara umas ervas verdes e cheirosas.

- Esfreguem isto na pele enquanto faço uma invocação aos Guias Espirituais! Obedecemos. Assim que o suco das plantas penetrava em nossa pele, o ardor e a vermelhidão foram desaparecendo completamente.

Contentes com o resultado, agradecemos a Kazi e apressamo-nos em sair da cidade.

Durante a jornada Pierre Julien narrou uma curiosa experiência feita no mundo das bruxas, por um homem erudito, diretor do Instituto Alemão de Etnologia. A história é das mais curiosas e merece ser transcrita:

Alguns anos antes da II Grande Guerra, o Professor Will-Erich Peucker - um dos maiores conhecedores das lendas europeias teve a surpresa de receber, entre sua numerosa correspondência, uma carta da revista americana "Life". Pediam que ele repetisse suas experiências na presença de um de seus repórteres. O Professor Peucker não contava com este interesse dos americanos. Encontrara num velho Livro de Bruxas da Idade Média, uma curiosa receita de feitiçaria. Teve a paciência de experimentá-la sessenta, vezes, com resultados surpreendentes. Com isso esperava provar que nos antigos documentos de credices, há elementos valiosos sobre a época em questão.

Com as indicações encontradas neste misterioso livro, o Professor fabricou uma pomada cinzenta que tinha como elementos básicos, plantas venenosas. Quase todas da família das "solanáceas" destacando-se o estramônio. Obteve assim, uma autêntica "pomada das bruxas". Pediu a um advogado seu amigo que o acompanhasse na experiência. Fecharam-se no gabinete de trabalho do professor e usaram a pomada como mandava a receita escrita no ano de 1568. Em obediência à receita esfregaram a

pomada na testa e nas axilas. Sentiram no princípio um leve cansaço. E este foi se aprofundando até que caíram numa espécie de ebriedade. Finalmente adormeceram profundamente. Decorridas vinte horas - a experiência começara num dia à tarde - acordaram ao cair da noite do dia seguinte. Sentiram dores de cabeça, boca seca e a garganta a arder, num estado igual ao que se observa depois de uma forte embriaguez alcoólica.

Sem trocarem sequer uma palavra, o Professor e seu amigo anotaram suas impressões físicas e psíquicas, seus sonhos e suas visões. A coincidência dos apontamentos é surpreendente. Ambos sentiram que tinha feito voos fantásticos, encontrado entes fabulosos, com caretas em vez de fisionomias. Sentiram ainda que tinham participado de festas grotescas, caído em abismos, empreendido cavalcada por uma região infernal. Para ambos a aventura terminou com sonhos orgíacos acompanhados de visões horrendas, de extraordinária plasticidade. A surpresa foi ainda maior quando se verificou que seus relatos correspondiam, no seu conjunto, e em vários pormenores, às confissões arrancadas às bruxas pelos algozes da Idade Média.

O Professor Peucker concluiu, de sua experiência, que estas pretensas bruxas, ávidas de vivências, usaram a pomada como estupefaciente medieval. Contraíram, assim, o vício do seu uso e, mais tarde, confundiram os sonhos com a realidade ou foram forçadas por suplícios a contarem os seus sonhos. Não é de admirar que os homens da Idade Média acreditassem nestes relatos pormenorizados de cavalcadas com bruxas, orgias com diabos e o célebre "sabat" dos feiticeiros.

Segundo as pesquisas do Professor Peucker, pomadas deste gênero já eram conhecidas no Mar do Norte e no Báltico, há mais de setecentos anos.

O professor alemão levou muito a sério suas análises científicas sobre as bruxas, bem como os testes que fez com a pomada misteriosa. Nos livros das bruxas da Idade Média, encontrou receitas ainda hoje usadas por muitas donas-de-casa, como por exemplo: o chá de tília para acalmar e produzir o sono; o chá de folha de pitanga para baixar a febre, a canela sassafrás e a abóbora d'anta, contra dores ciáticas e nevralgias. O ilustre professor experimentou também certos conselhos mágicos, tais como dar a um cão um pedaço de pão que esteve colocado debaixo da axila direita durante meia hora. Diz o professor que o cão transforma-se no mais fiel e dedicado amigo e jamais abandona seu dono...

Conseguiu ainda provar que a maioria das receitas mágicas das bruxas são receitas iguais às dos grandes médicos europeus dos tempos medievais. Afirma o professor alemão que pretende repetir suas experiências juntamente com um grupo de médicos, químicos e psiquiatras alemães, franceses e italianos. Depois então pretende publicar um "Manual das Lendas", uma obra em dez volumes, provando o que outrora disse o sábio grego Platão: "Os mitos são veículos de grandes verdades, dignas de serem estudadas e meditadas".

Este relato nos distraiu bastante durante a viagem e quando demos conta, o

pico branco da montanha de Lhajagonak já tinha desaparecido à nossa direita e estávamos chegando à aldeia de Dzara. Continuamos cavalgando às margens do rio Rulung. Vimos um vale que se abriu de repente dando para a planície de Tatang. Esta bonita planície terminava aos pés do lago Yamdrok, com suas águas azul-turquesa. Entre nós e as calmas águas azuis, estava a cidade de Nagartse, com seus lindos "chortens" (relicários) dourados, suas inúmeras bandeiras de preces tremulando ao vento. Passamos pelo centro de Nagartse e prosseguimos viajando rumo à cidade de Shigatse.

A manhã estava clara e fria. Mas de repente o céu começou a ficar cheio de nuvens escuras. E uma chuva grossa começou a cair. Encontramos uma cabana abandonada no meio da estrada e ali nos abrigamos. Os criados acenderam uma pequena fogueira para fazerem chá e o fogo também nos aqueceu. Passamos o resto do dia conversando na cabana, enquanto a chuva caía forte. Pouco a pouco a noite silenciosa e triste desceu sobre nós.

O Mistério da Sucessão dos Lamas

Após o jantar conversamos sobre vários assuntos, até que comentamos sobre o mistério da sucessão dos Dalai Lamas. Soubemos então que o mecanismo que preside a sucessão dos pontífices tibetanos é único no mundo. O lama Kazi explicou que não se trata de uma sucessão hereditária nem eletiva. Cada vez o Dalai Lama nasce num outro corpo é sempre a mesma alma que encarna em diferentes corpos. O Dalai Lama tanto pode nascer no seio de famílias ricas como pobres. Não há privilégios. É uma espécie de democracia fundada sobre bases populares, e uma monarquia que repousa sobre bases metapsíquicas. O pai do quinto Dalai Lama era um humilde camponês da aldeia de Chung gye.

Foi a partir do século XVI que o mecanismo da sucessão dos lamas tomou forma definitiva. No Tibete consta que para a reencarnação de certas pessoas é preciso um período de quarenta e nove dias. No caso de um Dalai o período pode ser muito mais longo ou muito mais curto. Frequentemente a demora é de dois anos. Após a morte de cada Dalai, forma-se um conselho dos lamas mais importantes do Tibete. Estes consultam o oráculo oficial, cujas respostas são muito importantes. Este médium-oráculo reside sempre no Mosteiro de Nechung que fica a uns seis quilômetros de Lhassa, a capital do Tibete. Quando o Guia Espiritual se manifesta através do "pawo" ou médium-sacerdote, os lamas anotam as respostas e começam as buscas para encontrar o novo Dalai. O caso do décimo terceiro Dalai foi muito interessante.

Isto ocorreu no ano de 1880. Conta-se que neste ano morreu o XIII Dalai. Como de costume, os lamas do Potala foram consultar o oráculo de Nechung, que revelou o nome do pai e da mãe da futura criança em cujo corpo a alma do antigo Dalai renasceria. Depois o oráculo mandou que o

Grande Lama Gyu fosse contemplar as águas do lago Cho kor gyem que são como um espelho encantado onde os lamas podem ver os acontecimentos futuros.

A água deste lago é límpida e de um azul muito claro, mas quando alguém chega para consultá-las, uma leve brisa começa a soprar e então, as águas ficam brancas. No centro do lago forma-se um turbilhão, uma nuvem se condensa por cima e logo os consulentes percebem dentro do lago, as imagens que mostram os acontecimentos futuros. Quando o Grande Lama Gyu olhou para as águas encantadas não viu nada. Algum tempo depois, viu uma casa junto a um pessegueiro florido. Naquela noite, em sonhos o Grande Lama viu uma jovem mulher tendo nos braços uma criança de uns dois anos.

Passados dois anos o Grande Lama encontrou a casa junto ao pessegueiro e reconheceu a mulher e a criança que vira em sonhos. O Grande Lama examinou a criança detidamente para ver se ela tinha os sinais característicos de todo Lama Rei. Para ser um Dalai a criança tem que apresentar protuberâncias carnis nas clavículas ou nas omoplatas, as orelhas devem ser mais longas que as orelhas normais - o que é uma marca da sabedoria - as palmas de suas mãos devem ter gravadas uma pequena cruz suástica. E todos estes sinais estavam na criança. Mas ainda faltavam outras provas. No meio de diferentes objetos a criança devia escolher os objetos pessoais que tinham pertencido ao último Dalai:

o "t'reng wa" ou rosário

o "nga chung" ou tambor litúrgico

a "tri bu" ou sineta

o "dor je" ou queimador de incenso.

Uma taça de chá, e assim por diante. Foi só depois da criança reconhecer todos os objetos e depois de que o oráculo de Nechung, ter confirmado ser ele a reencarnação do último Dalai, é que a criança foi oficialmente declarada o novo Lama Rei. Soubemos ainda que a descoberta do décimo quarto Dalai foi bem diferente. Em 1935, após onze anos de buscas, o Lama Regente visitou mais uma vez o lago Cho kor gye, na esperança de ter uma visão de onde encontrar o novo Dalai. E nas águas do lago o Lama viu três sílabas: "A Ka Ma". Em seguida, viu um mosteiro de três andares, encimado por uma cúpula dourada. Viu também um caminho que conduzia a Leste do mosteiro a uma colina em forma de pagode chinês. Em frente à colina viu uma cabana. Esta visão foi longamente discutida entre os teólogos mais competentes do Tibete. Chegaram à conclusão de que a nova encarnação do Dalai tinha nascido em Lhasa. Após confirmarem isso com o oráculo de Nechung, intensificaram as buscas. Foi então que aconteceu um milagre que os tibetanos lembram até hoje. Esperando que ficasse pronto seu mausoléu definitivo, a múmia do antigo Dalai tinha sido colocada numa das salas do Potala, sentado num trono. E assim milhares de pessoas que vinham à Lhasa podiam render homenagem àquele que durante cinquenta e quatro anos tinha sido a encarnação do deus Avalokitesvara. Aconteceu várias

vezes que os guardas encontravam, pela manhã, a múmia, que na sua posição normal olhava para o Sul, voltada para o Leste. A teoria de que o novo Dalai tinha nascido a Leste de Lhasa, encontrou assim, mais crédito. Não havia possibilidade de que ninguém mudasse a posição do corpo, porque há uma maldição para quem ousa tocar na múmia de um Dalai, sem a permissão do oráculo de Nechung.

E assim, na primavera de 1937, o Lama Regente encontrou o mosteiro de três andares, dedicado à memória do sábio Kamapa e a cabana à Leste do mosteiro. Antes de entrar na cabana o Lama Regente disfarçou-se de camponês. Assim que se apresentou à porta da cabana viu um menino brincando distraído. Ao vê-lo o garoto correu ao seu encontro gritando:

- Lama! Lama!

A hipótese estava bem próxima da certeza. Foram feitas as provas de costume e o menino saiu-se muito bem. Estava descoberto o XIV Dalai Lama.

No dia seguinte, deixamos a cabana perto do lago Yamdrok e prosseguimos viagem. A chuva tinha passado completamente e o céu estava claro e luminoso. Enveredamos pelo Passo de Karo-Lha e fomos subindo o vale bordado de penhascos. Algum tempo depois, à direita do vale vimos uma grande caravana. É difícil descrever o esplendor destas grandes caravanas orientais, lideradas por ricos mercadores tibetanos, que mais parecem senhores feudais. A paisagem natural formava uma bonita moldura para a caravana. Ao longe, os picos gelados da grande geleira Nojin e mais além o pico de Kang Sang Nojin, recobertos de neve.

Os ricos mercadores vestidos com longas túnicas de brocado colorido e cintilante, ornados de joias, montados em soberbos cavalos, com suas espadas reluzindo ao sol, eram sem dúvida, uma tentadora presa para os ladrões, que às vezes infestam as estradas desertas do Tibete.

À medida que a caravana se aproximava, observamos várias senhoras, luxuosamente vestidas. Para protegerem a pele delicada do rosto, usavam bonitas máscaras de couro primorosamente pintadas.

Hoje é véspera do Ano Novo - disse Kazi - Certamente esta caravana vai à Shigatse, tomar parte nos festejos populares.

- Mas... que dia é hoje? - indagou Pierre.

- Estamos na véspera do décimo quinto dia do segundo mês, que aqui corresponde ao primeiro dia do ano.

- Ah!

E Kazi prosseguiu:

- Durante sete dias, sob o olhar complacente dos Lamas, o povo canta e dança pelas ruas. Em cada casa, a família se reúne para uma festa solene. Os honoráveis irmãos terão uma bela oportunidade de assistir à entrada do Ano Novo no Tibete...

- Aqui usam o calendário lunar? - indaguei.

- Sim, nosso calendário é regulado pelos movimentos da Lua.

Compreende doze meses de vinte e nove ou trinta dias. Ao final de um

período de trinta meses, um novo mês é acrescentado para coordenar a duração dos dias com o ciclo lunar. O Ano Novo tibetano tem início na primeira Lua Nova, posterior à entrada do Sol no signo do Galo, que corresponde aproximadamente ao signo de Aquário, no Zodíaco ocidental. Geralmente cai entre 21 de janeiro e 19 de fevereiro do calendário gregoriano, usado no ocidente.

- Qual é a origem do calendário lunar? - indagou Pierre.

- Dizem uns que é oriundo da Índia, outros da China, mas o certo é que o calendário lunar foi introduzido no Tibete pela princesa chinesa Won Chang, que no ano 642 antes de Cristo, casou-se com o nosso rei Srong Tsan Gampo. Segundo o calendário lunar, o período dos anos é dividido em ciclos de doze a sessenta anos. Cada ano é representado por um animal sagrado do Zodíaco oriental que são: Rato, Búfalo, Tigre, Lebre, Dragão, Serpente, Cavalo, Carneiro, Macaco, Galo, Cão e Porco. Aqui no Tibete os "Da Wa" ou meses não têm um nome como no Ocidente. São chamados apenas primeiro mês, segundo, etc., e a palavra "Da Wa" precede a todos, tal como em "Da Wa Tang Po" ou primeiro mês. A semana é dividida em sete dias ou "Za", usando os nomes do Sol, Lua e outros planetas.

Dias Planeta Símbolo

Domingo (Nima) Sol Sol

Segunda (Dawa) Lua Lua Crescente

Terça (Migmar) Marte Olho vermelho

Quarta (Lag pa) Mercúrio Mão em gesto místico Quinta (Pur bu) Júpiter Um

raio Sexta (Pa san) Vênus Uma fita Sábado (Pen ba) Saturno Molho de feno

Assim que Kazi acabou de falar, avistamos a cidade de Shigatse.

Nossa atenção se voltou para aquele curioso aglomerado de casas brancas. Ao longe vimos as águas do famoso rio Tsan Po, que é para os tibetanos o que o Nilo é para os egípcios. Este rio nasce em Kashmir no norte da Índia, atravessa o Tibete num curso de cerca de mil quinhentos e cinquenta quilômetros, passa através de uma floresta no nordeste de Assam, e reaparece na Índia como rio Bramaputra. Une-se então com as águas sagradas do rio Ganges.

Além do rio Tsang Po, inúmeros picos cobertos de neve, marcam o início da inexplorada região de Chang Tang.

Estávamos em pleno Tibete. Muito longe da civilização ocidental, chegando cada vez mais perto de Lhasa, a cidade sagrada do Tibete, onde uma civilização diferente e real ainda vive...

Quando entramos na cidade, o povo veio para as portas e janelas verem os estrangeiros. As ruas de Shigatse são pavimentadas de pedras e as casas são muito bonitas. Vimos muitos salgueiros-chorões cercando as casas e os jardins. Prosperidade e alegria transpareciam no rosto do povo. Ficamos numa pequena hospedaria no centro da cidade.

A noite foi calma e repousante. De manhã, bem cedo, acordamos com os cânticos dos mendigos errantes, que vão esmolar de casa em casa. Observamos que nas varandas e janelas das casas estavam pendurados

rolos de seda pintados com imagens de deuses lamaístas. Nota-se forte influência chinesa na pintura tibetana.

O povo em romaria se dirige aos mosteiros da cidade para oferecer seus presentes de "tsampa" ou cevada torrada e manteiga de iaque. Levavam também as brancas echarpes da felicidade, para enfeitar as estátuas dos deuses. Orações são as únicas manifestações do Ano Novo tibetano.

Ficamos em Shigatse apenas dois dias e logo nos pusemos a caminho da cidade de Chusul. Assim que deixamos Shigatse atingimos um lugarejo chamado Partsi. De lá seguimos as margens do rio Tsang Po. Continuamos viagem, passamos por um pequeno deserto de areia que nos levou à praia de Chaksan. Era ali que tínhamos de parar e tomar uma barca que nos conduziria através do rio.

Meia hora depois chegou a barca, cheia de carga e de homens alegres e fortes. Era uma grande barca quadrada. Parecia uma enorme caixa de bombons. Seis pares de remos eram manejados por homens e mulheres que cantavam alegremente. A barca atracou a uns trinta passos da praia. Alguns homens saltaram e foi desembarcando um grande carregamento de sal - um dos produtos mais importantes do comércio tibetano.

Depois, os animais e nossas bagagens foram levadas para bordo. Finalmente também subimos. O dono da barca era um indiano, de pele bronzeada e turbante vermelho. Pediu dez rúpias (cerca de dez cruzeiros) por pessoa.

Após as negociações a barca desatracou e os homens começaram a remar. Ela afastou-se da praia, seguindo pelas tranquilas águas do grande rio Tsang Po até alcançar a margem oposta. Nosso desembarque foi tranquilo sem nenhum contratempo.

E assim continuamos a cavalgar através de muitos lugares, que certamente pouco mudaram no decorrer dos últimos séculos. Quando chegamos a alguns quilômetros ao norte de uma fértil planície, alcançamos o próspero vale de Kyi Chu. Continuamos viajando rumo ao Este, até chegarmos na pequena cidade de Chusul. Consiste apenas de um grupo de seis ou sete casas de camponeses. Pedimos pousada numa das casas e ali passamos a noite.

Notas Sobre o Governo Tibetano

Na manhã seguinte continuamos a viagem. O caminho era quase todo ladeado por rochedos escarpados. Durante a viagem conversamos animadamente e o Lama Kazi falou sobre a original forma de governo adotada no Tibete. É interessante lembrar que a maioria dos ocidentais costuma pensar que o Tibete é um país estranho, onde vivem sábios misteriosos que passam o tempo fazendo incríveis milagres. Um país de monges governado por monges...

Contudo, a realidade é diferente. Embora o Dalai Lama seja o Chefe do

Estado e do Governo é o Panchen Lama ou sábios que possuem poderes metapsíquicos, quem toma as decisões importantes.

Ao Dalai cabem tanto os negócios eclesiásticos como os civis.

Logo abaixo dele existem dois órgãos governamentais: uma parte do "Yiktsang" ou Conselho Eclesiástico, composta de quatro membros do clero, e o "Kasahg" ou Conselho dos Ministros. Um Ministro eclesiástico e um Ministro do Estado assumem a ligação entre os dois Conselhos e o Dalai Lama.

A política estrangeira é sempre dirigida pelo Dalai Lama ou seu Guru, o Lama Regente.

Há também uma Assembleia Nacional que só se reúne em casos graves. É composta por cinquenta homens dos mais importantes da cidade de Lhasa. Nas províncias, o governo é representado por Cinco Ministros. Deles dependem os comandantes dos fortes, chamados "Dzon pon", cuja função é manter a ordem e recolher as taxas dos impostos.

Em seguida, a classe mais importante do Tibete é a dos ricos proprietários de terras, que formam a pequena nobreza.

E terminando sua explicação sobre o governo tibetano, o lama Kazi disse:

- O Tibete é um país pequeno e fraco, materialmente falando.

Creio que a maioria do meu povo deseja ser deixada em paz, livre para praticar sua religião. Seria realmente muito bom se todos recordassem sempre os ensinamentos do sublime Sidarta Gautama, o Buda:

"Olhai ao vosso redor e contemplai a vida. Tudo é passageiro. Só nascimento e morte, crescimento e decadência. A glória do mundo é como uma flor, linda pela manhã e... murcha à tarde.

Só a verdade é o dom imutável do espírito. Estabelecei a verdade em vossa alma porque a verdade é a imagem do Eterno Ser..."

SEIS

Lhasa, a Cidade dos Deuses

Mais uma vez nos encontrávamos viajando por um deserto de dunas de areia, que formava o vale de Kyi Chu, cercado de altas colinas verdejantes. Bandos de cabras e de carneiros andavam pelas montanhas e de vez em quando um iaque se aproximava da estrada. Todo o vale é cercado de colinas. O Kyi Chu indo para o este terminava numa pequena cidade chamada Nethang, à sombra de uma grande Lamaseria. Esta foi nossa última parada, antes de alcançarmos Lhasa - a cidade dos deuses. Esta última etapa da nossa viagem foi, talvez, a mais excitante e alegre. Afinal, íamos penetrar na misteriosa capital do mundo lamaísta, que tão poucos estrangeiros têm o privilégio de conhecer.

À medida que nossos cavalos avançavam, fomos avistando rochas e montanhas azuladas, à luz da clara manhã. Um fundo de picos nevados

aparecia no longínquo horizonte, embelezando ainda mais o panorama. Campos verdes e pequenas grutas estavam espalhadas por ambos os lados do majestoso rio Kyi - O Rio da Alegria. Pelo caminho encontramos caravanas de mercadores e camponeses que nos olhavam curiosamente. Pendurados nas montanhas, encravados nas pedras, vimos inúmeros Mosteiros, cujos tetos dourados rebrilhavam ao sol. Cavadas no coração das rochas, sobre as quais o rio Kyi espalhava sua espuma branca, vimos belas pinturas do Buda da Luz Infinita, o deus de quatro braços Padma Sambhava e muitas outras divindades lamaístas que pareciam advertir aos viajantes, que iam penetrar na mais misteriosa cidade do mundo.

Numa grande rocha situada no meio do rio, uma gigantesca figura de um Buda, sentado na postura do lótus, olhava a cidade proibida com suprema serenidade. A esquerda do caminho tivemos a primeira visão do gigantesco palácio do Dalai Lama, nas montanhas do Potala. Parecia um imenso aglomerado de telhados dourados espalhados em volta do palácio, bem como numerosas mansões e pagodes. Um pouco mais além, também à esquerda, outra colina era encimada pelo Templo de Chakpori, o mais importante Colégio de Medicina do Tibete.

Além desses templos, o vale se alargava consideravelmente e um sereno mar de campos verdejantes ondulava sob a leve brisa. Era um espetáculo magnífico, indescritível! Nossa alegria foi tanta que tivemos vontade de desmontar e ajoelhar-nos, agradecendo a Deus por tanta felicidade.

Continuamos cavalgando devagar, até que o caminho se transformou numa rua ampla e respeitável, pavimentada de grandes pedras. Mais adiante, à sombra de uma torre esguia, um grupo de monges do chapéu vermelho conversava animadamente, retendo nas mãos as rédeas de seus bonitos cavalos. Entre eles havia um homem branco, e o Dr. Vessantára reconheceu seu amigo, o capitão Hugh Richardson, chefe dos ingleses na Missão Britânico-Indiana em Lhasa. Assim que nos viu, veio em nossa direção e cumprimentou a todos amavelmente e convidou-nos a visitar a Missão.

Não pudemos conter um grito de admiração ao avistarmos o Montão de Arroz, ou Mosteiro de Drepung, também chamado Drebung. É um dos maiores mosteiros tibetanos. Abrigando mais de dez mil monges, esta colossal Lamaseria toma a extensão de um vale, verdadeira cidadela de pedra, com inúmeros templos menores de telhado dourado, colégios, santuários e celas, encravadas nos francos azuis da montanha. Ao espectador, esse quadro parece uma gigantesca massa de pontinhos brancos como grãos de arroz.

Um pouco abaixo, vimos o Convento de Nechung, onde soubemos que vive o Oráculo Oficial do Tibete, um dos mais importantes homens cuja tarefa é unir o governo com o mundo dos poderes ocultos...

Consta que ele é a reencarnação de uma divindade budista, e que através de suas predições, orienta o curso da política local. Frequentemente o Governador de Lhasa vem consultar o Oráculo.

À medida que nos aproximávamos da cidade, a enorme construção de pedra

que é o palácio Potala parecia cada vez maior, meio encoberta por uma grande muralha. Mentalmente comparei este palácio com os grandes palácios do mundo ocidental, e cheguei à conclusão de que tanto o Palácio de Windsor, na Inglaterra, como o Escorial, da Espanha, são pequenos castelos comparados com este magnífico Vaticano do mundo oriental.

De ambos os lados das ruas fomos passando por belas mansões de pedra, algumas tendo jardins com lagos onde flutuavam lótus rosados e nadavam patos selvagens. Uma multidão enchia as ruas: eram lamas usando hábitos cor de vinho, ou oficiais fardados de azul marinho, com chapéus redondos ornados de franjas brancas e cor de vinho, mulheres e crianças usando roupas típicas muito parecidas com as roupas dos chineses, mas as mulheres usavam um longo avental listrado de muitas cores e seus cabelos pretos e lisos eram penteados numa longa trança que lhes caía pelas costas. Todos nos olhavam curiosamente e alguns punham a língua para fora, num cumprimento sui generis, muito usado no Tibete. Alcançamos por fim os formosos jardins de Dekyi Lingka, no centro de um denso bosque. No meio vimos uma grande casa branca de três andares. Soubemos que ali era a residência da Missão Anglo-Indiana, alugada pelo abade do Mosteiro de Kundeling ao governo indiano, que naquela época estava sob o protetorado inglês.

Verdadeiro, exército de mendigos, sentados no chão, imploravam a clemência das pessoas que passavam. Usavam roupas sujas e esfarrapadas, tinham a cabeça raspada e repetiam aceleradamente o sagrado mantra: 'Om! Mani Padme Hum!' Chegamos em frente a um grande templo ou Catedral. Este santuário sagrado é um dos mais famosos do Tibete e a ele vêm sempre milhares de peregrinos da Mongólia, China e Sul da Ásia, para quem esta Catedral é tão sagrada como à Kaaba em Meca é para os muçulmanos. Parecendo uma velha Catedral medieval da Europa, ela é cercada por estreitas ruas e pequenas casas. Soubemos que foi construída há trezentos anos atrás pelo rei Srong. Com o correr dos anos foram feitas diversas modificações, construídas novas alas, que em parte são usadas como escritórios governamentais.

À nossa esquerda, o muro alto de um palácio parecia querer Impedir nossa viagem. Afinal alcançamos a Ponte da Turquesa e vimos os sinos dourados de outra casa pertencente à Missão Anglo-Indiana. Como não há nenhum hotel ou hospedaria em Lhasa, resolvemos pedir pousada na Missão. O chefe era um oficial indiano, muito amigo do Dr. Vessantára e assim conseguimos uma hospedagem cordial e simpática.

Meu quarto ficava no andar superior, junto ao de Mahima e Vessantára. Da janela; eu podia ver o formoso jardim Dekyi Lingka, e um pequeno pavilhão de orações parecendo uma torre dourada. Eu mal podia acreditar que nossa incrível jornada tinha alcançado sua meta. O simples pensamento de que estava em Lhasa, sob o sol da cidade dos deuses, me deixava muda de, emoção. Pensei em minha família, tão longe, em terras brasileiras... meus pais já falecidos, meu marido morto tão de repente, minha irmã Eunice

casada e feliz com seus dois filhos Carlos e Flávia, que eu tanto amava...

Recordei o sonho fantástico de conhecer o Oriente, que desde a infância me acompanhava e que agora se transformava em realidade...

Naquele instante o sol morria atrás do Mosteiro do Montão de Arroz, num, esplendor cor de púrpura. Desci para o jardim, a fim de melhor ouvir o som dos sinos e das longas trombetas de prata tibetanas, que anunciavam o último dia do Ano Novo, segundo o calendário lunar, usado no Extremo Oriente.

Soubemos depois que, durante os festejos do Ano Novo, o poder temporal do governo da cidade é retirado das mãos de seus membros usuais e colocado nas mãos do Abade do Mosteiro do Montão de Arroz, que, nessa ocasião, se transforma no Rex Sacorum, tal como nos antigos tempos romanos. É possível que isto seja um golpe político para com o mais poderoso Mosteiro da Igreja tibetana, para reconciliá-lo com o governo comum do país, que agora está restrito aos quatro Mosteiros principais de Lhasa, chamados Lings.

O Abade do Mosteiro Montão de Arroz assume a soberania da cidade, em meio a muitas festas e honrarias. A sua chegada quase todos os prisioneiros são libertados, exceto os que cometeram crimes muito graves. Um dos deveres do novo Rei Sagrado é fazer conferências sobre religião, história e filosofia para a assembleia dos monges.

Consta que durante este período Lhasa abriga cerca de trinta mil monges vindos dos Mosteiros principais da cidade. Culto aos deuses lamaístas é feito diariamente pelo povo, na grande Catedral de Lhasa, desde a manhã até à noite e nuvens de incenso enchem o ar de um doce perfume de flores. No último dia da festa do Ano Novo, os tibetanos celebram a Festa das Flores, em homenagem ao aniversário da concepção de Sidarta Gautama, o Buda. A deusa cultuada neste dia é Maya Devi, a rainha mãe de Sidarta. O povo leva colares de flores vermelhas aos templos, trocam presentes entre si e a festa atinge o seu clímax com cânticos e danças muito formosos. O Dalai Lama é muito reverenciado neste dia e recebe os mais preciosos presentes.

Na noite que chegamos à Lhasa, saímos para ver a grande procissão de gala, que sai do Templo Ra Mo Che, que fica no centro da cidade. Em seguida, a procissão passou por uma linda ponte de mármore rosa chamada Ponte Mende e dirigiu-se ao Templo do Dragão ao norte de Lhasa. Lá, num santuário dourado, os monges depositaram oferendas de ouro, prata e jóias. Depois, trancaram e lacraram o aposento, que só poderá ser aberto no mesmo dia do ano seguinte.

À frente da procissão, vinham os Abades dos Mosteiros do Montão de Arroz e da Cerca da Rosa Silvestre. Saindo do Templo do Dragão, a procissão desceu o rio Tsang Po, em soberbas naves engalanadas de flores e fitas. E todos cantavam hinos aos deuses. Uma multidão seguia pelas margens do rio, num entusiasmo frenético. Em certo trecho do rio, os barcos ancoraram, os monges desembarcaram e seguiram a pé de volta para o Templo do Dragão, tendo antes feito oferendas de vinhos, doces, velas e perfumes, aos

seres elementais da água, ninfas e ondinas. O povo voltou às suas casas para apanharem uma imagem de um boneco de argila. Nesta imagem, que representa o Ano Velho, eles colocam pedaços de roupa velha, uma ou duas moedas e invocam o demônio da doença e da má sorte para entrarem na imagem do boneco. De madrugada, os jovens noviços percorrem as casas, recolhendo estes bonecos e levam-nos para um lugar especial nas montanhas, que só eles conhecem, onde os bonecos são abandonados sob a guarda dos elementais da floresta. Em seguida, os noviços retornam a seus templos e os lamas celebram um rito especial, que completa a expulsão do Ano Velho. Este rito culmina com uma dança pitoresca de monges mascarados de reis demônios. As máscaras usadas nesta cerimônia merecem uma nota especial. No Tibete, as máscaras geralmente são feitas de papelão pintado de cores vivas, misturado com corda desfiada e panos finos, ocasionalmente tem incrustações de um metal leve.

Em Sikkim e Bhutan, onde a madeira é abundante, as máscaras desta cerimônia são feitas em madeira esculpida e cinzelada por artistas especiais. Geralmente são ornadas com barbas e cabelos feitos com pelos de iaque.

Amanhecia quase quando terminaram os festejos do Ano Novo e voltamos à Missão, onde estávamos hospedados, cansados e cheios de sono.

No dia seguinte, depois do almoço, saímos para conhecer a cidade de Lhasa. Nas ruas amplas, pavimentadas de pedras, o povo parecia jovial e transitava apressado. Mulheres carregavam crianças e conduziam burricos com cestas cheias de cereais. Lhasa não difere muito das outras cidades tibetanas que visitamos. Vimos os mesmos tipos de casas, o mesmo batalhão de mendigos e de cães vagabundos, o mesmo odor insuportável de coisas deterioradas. Em Lhasa, como em todo o Tibete, não havia instalações sanitárias nem esgotos. Os Mosteiros possuem enormes fossas, destinadas aos detritos orgânicos. Algumas casas ricas também, mas o povo em geral costuma jogar lixo e detritos nos terrenos baldios. Há uma falta de higiene completa que decepciona os ocidentais.

A cidade de Lhasa é dividida em vários bairros planos. Em Lhasa ficam as lojas mais importantes. Aí, junto com produtos regionais, vimos com surpresa cremes de beleza de origem norte americana, máquinas de costura Singer, canetas Parker, tapetes chineses, sedas e brocados da Índia e do Egito, Coca-Cola e uísque escocês. Estes produtos são trazidos pelas numerosas caravanas que constantemente chegam e partem, via Nepal.

É no bairro de Chó que está situado o grande edifício da Imprensa Nacional do Estado. Ali vivem os monges literatos. Imprimem, com a maior perfeição, livros, folhetos, cartões e panfletos religiosos. Usam máquinas antiquíssimas. O papel é tipo pergaminho. É lá que se imprimem também os almanaques astrológicos tipo Efemérides, de Rafael, editadas em Londres e tão preciosas para os astrólogos, bem como o único jornal do Tibete, que conta com um número muito reduzido de leitores, pois a maioria da população é analfabeta. É curioso notar que nunca foi escrito nenhum romance no Tibete. Em geral, os livros versam sobre religião, arte e filosofia

oriental.

"Todos os caminhos conduzem à Lhassa" - diz um velho provérbio tibetano. A principal rua de Lhassa é uma demonstração viva disso. Nas lojas desta rua encontramos todo o luxo da Ásia Central nas vitrines das lojas e bazares: peles de leopardo, raposa e ursos; peles de carneiro, sedas e brocados multicoloridos, roupas de seda chinesa, tapetes maravilhosos e lindas mesas de laca entalhadas com madrepérola. Lanternas e candelabros de bronze em forma de dragões, jarros, porcelanas delicadíssimas e toda a beleza das mobílias tibetanas cinzeladas a mão. No mercado de comidas encontramos o famoso chá de jasmim chinês, cestas cheias de apetitosas frutas, pêssegos da China e cerejas do Japão. Inúmeros perfumes orientais como almíscar, sândalo, Patchouli, em delicadas embalagens de prata filigranada, especiarias indianas, colares de coral, pérolas e braceletes do Nepal, velas de couro da Mongólia, caramelos, arroz integral de Sikkim, e todas as delícias dos quatro cantos da Ásia estavam ali, à disposição dos ricos tibetanos.

Vimos também uma fabulosa quantidade de objetos de ouro, oriundos do Tibete Central, que é tido como uma das regiões mais ricas do mundo. Este ouro jamais é vendido aos estrangeiros. Ele vem de Thok Jalung e Thok Daurapa, nas margens do rio Chang Tang, e do sul de Mani Serkha, perto do sagrado lago Yamdrok e das nascentes do rio Subansiri. Por motivos religiosos, pepitas de ouro, apesar de serem muitas, nunca são tocadas pelo povo, que só recolhe ouro em pó.

Discussões de preços são violentas, mas assim que realizam o negócio, os tibetanos voltam a falar e a rir animadamente, ajudados por grandes copos de cerveja fermentada chamada chang, vendida num restaurante próximo das lojas.

Acima de todo o burburinho da cidade, da multidão colorida, dos inúmeros bazares, acima de toda a Cidade Proibida, destaca-se a sombra colossal do palácio Potala, a residência oficial do Rei Deus do Tibete, o Dalai Lama, que, segundo dizem os tibetanos, conduz o Teto do Mundo rumo ao Nirvana, ou estado de beatitude suprema...

Encontro com o Lama Rei

- Amanhã, às oito horas, temos uma audiência com o Dalai Lama - falou nosso guia Kazi, com sua voz pausada e grave. Inútil é descrever nossa alegria e como naquela noite mal pulemos dormir, na grande expectativa do encontro.

E às sete e meia da manhã seguinte já estávamos a caminho do Parque das Joias, onde estava o Dalai. Nossos cavalos andaram por uma ampla estrada que separa as duas densas alas dos jardins do Dekyi Kingka. Momentos depois paramos junto ao grande portão dourado do palácio de verão do Dalai Lama.

Um pequeno esquadrão de soldados tibetanos apresentou armas, em atenção à túnica de seda amarela e ao chapéu de gala usados pelo lama Kazi. Desmontamos, entregamos nossos cavalos a um monge-criado e andamos em direção ao palácio Norbhu Lingka, onde o Dalai costuma ficar quando sai do Potala. Seguimos nosso amigo Kazi por uma grande ala pavimentada com mármore colorido e cercada de copadas árvores e entre elas vimos amendoeiras, rododendros e salgueiros-chorões. À nossa direita, através das folhagens, vimos um pequeno lago prateado, coberto de flores de lótus brancos e onde alguns alvos cisnes nadavam majestosamente. Uma pequena ilha cercada de águas calmas e transparentes tinha no centro um delicado pagode chinês ligado à terra por uma ponte recurva feita em mármore amarelo.

À nossa frente, caminhavam grupos de monges, imponentes em suas túnicas de seda amarelo-açafrão, que nos olhavam curiosamente e cochichavam entre si. Havia um certo ar de expectativa no palácio de Norbhu Lingka; era como se a sagrada presença do Deus Rei fizesse com que todos falassem baixinho.

No hall da entrada, um grupo de quatro lamas, todos velhos e gordos, estava sentado num banco, passando entre os dedos as contas de seus rosários de pedras preciosas. O lama Kazi fez uma reverência e nós o imitamos. Soubemos então que eles eram o Primeiro Ministro da Corte e seus secretários. Em silêncio caminhamos até o fim de um longo corredor cheio de vitrais coloridos que conduzia à sala de audiências. A sala era enorme, magnífica, com suas paredes douradas, suas pesadas cortinas de lã escura, seus grossos tapetes verde-esmeralda, com diagramas mágicos e bordado de dragões. Centenas de monges e de peregrinos esperavam diante de uma grande porta fechada. Grupos de lamas transitavam de um lado para outro, lentos e solenes.

Exatamente às nove horas, soou um gongo e levantamo-nos apressadamente dos almofadões onde estávamos sentados. Formou-se uma longa fila, todos levavam nas mãos a echarpe de seda branca e presentes para o Dalai.

Cessou o som do gongo e dos tambores. As pesadas portas douradas se abriram com um ruído surdo. Grupos de gigantes monges com cerca de uns dois metros e meio, que fazem parte da segurança pessoal do Dalai, tomaram sua posição perto da entrada, organizando a fila. Numa das mãos tinham um chicote e na outra um bastão dourado. Estes lamas gigantes são oriundos da província de Kham, onde os homens são maiores que em qualquer região da Ásia. Consta que descendem dos guerreiros de Ghengis Khan.

A longa fila de visitantes começou a andar lentamente, até que nos vimos dentro da Sala das Audiências ou Sanctum Sanctorum dos tibetanos.

A sala estava meio penumbrosa. No fundo, destacava-se uma parede decorada com um enorme tanka ou rolo de seda pintado com motivos religiosos. Vimos um altar dourado, e sob o altar um trono de ouro. Sentado

no trono, na postura do lótus, estava o Dalai Lama, a preciosa reencarnação do deus Chen Re Zi. Conhecido no Tibete como a mais elevada manifestação divina dos Budas Vivos na terra, o Precioso Protetor, Oceano de sabedoria. E ali estava ele, um jovem chinês de uns quatorze anos usando as roupas douradas dos grandes lamas, e o famoso chapéu pontudo de Tsong Kapa, muito semelhante à Mitra usada pelo Papa, tendo porém longas abas forradas de seda amarela que caíam sobre os ombros do Dalai, quieto e sereno como um ídolo...

Por quatro séculos, através de suas prévias encarnações, o Dalai sentava-se naquele mesmo trono, abençoando seus fiéis seguidores e reinando sobre o Tibete.

Trêmulos e reverentes, peregrinos dirigiam seus passos em direção ao Dalai, ofereciam as obrigatórias echarpes de seda branca - símbolo da felicidade - e ajoelhavam-se para receber a bênção dada pelo jovem Dalai, com seu cetro enjoado e ornado de fitas multicores. Consta que um fluido benéfico emana do cetro do Dalai e, desse modo, o fluido penetra na pessoa que é abençoada.

Após a bênção, os visitantes viravam à esquerda, e faziam uma reverência ao local onde estava sentado o Lama Regente, colocado perpendicularmente ao lado do altar.

À medida que nos aproximamos, vimos que o jovem Dalai usava óculos de tartaruga com grossas lentes brancas, acusando uma forte miopia. Ajoelhei-me diante dele e senti o leve toque de suas mãos nos meus cabelos. Ele tinha deixado o cetro sagrado no colo e conferiu-me a grande honra de uma bênção direta, conforme vim a saber depois. Na echarpe de seda branca que eu segurava com ambas as mãos, um lama colocou um pãozinho escuro e uma pequena imagem de um Buda, feita de manteiga. O Dalai pegou as oferendas e entregou-as a um outro lama que estava a seu lado. A mesma cerimônia foi repetida com um chorien ou pequeno relicário de ouro e uma estatueta de Sidarta Gautama, o Buda. Depois, o lama ajudante colocou um livrinho de capa dourada na echarpe. O Dalai pegou o livrinho, amarrou-o com uma longa fita de seda vermelha e pendurou-o no meu pescoço.

Feito isso, saí diante dele e foi a vez do lama Kazi ajoelhar-se, oferecendo ao Dalai ricos presentes que tínhamos levado. Dobrei à esquerda, como todos faziam, e ajoelhei-me diante do Lama Regente. Era um homem alto, magro, imponente, de rosto severo. Ele olhou-me bondosamente com seus pequeninos olhos amendoados. Coloquei a seus pés a echarpe de seda branca e o livrinho dourado que o Dalai colocara no meu pescoço, pois assim manda a etiqueta tibetana.

Tudo se passou no maior silêncio. Quando eu ia saindo tal como os outros visitantes, o lama Kazi fez um sinal para que esperasse. Aproximou-se e disse baixinho:

- Fique, fomos convidados pelo Chefe dos Ministros para tomar chá com o precioso Dalai. Sente-se naquele canto, na postura do lótus e espere um pouco. Logo em seguida, meus companheiros de viagem, Mahima,

Vessantára e Pierre Julien, vieram sentar-se ao meu lado. Pouco depois veio o lama Kazi.

Olhando para o jovem Dalai, vi um monge entregar-lhe uma linda taça de madeira. Numa bandeja de prata foi trazido um grande bule de porcelana cheio de chá amanteigado como é costume no Tibete. O chá foi colocado na taça do Dalai e logo bebido por um lama-provador. Somente depois de alguns segundos é que o Dalai foi servido.

Tive que morder os lábios para acreditar que eu não estava sonhando, que realmente estava sentada na Sala de Audiências do Dalai Lama, no Tibete...

Olhando o contínuo fluxo de lamas e peregrinos entrando e saindo do recinto, pensei que apenas esta curiosa cerimônia valia nossa penosa viagem através do Himalaia. Olhei as nuvens de incenso perfumado de rosas que subia dos turíbulo de prata cercando o trono do jovem Dalai e recordei as palavras de um Profeta oriental que certa vez ouvira contar:

"O verdadeiro Dalai Lama morreu em 1924. Desde então todos os outros Dalais serão apenas uma grande Maya ou ilusão, resultante da política maldosa dos lamas governantes de Lhasa, que não se conformam em saber que a sabedoria arcaica deixará o Tibete e emigrará para o longínquo Ocidente. Em tempos próximos, o verdadeiro Dalai renascerá nas terras de O FU SANG (América do Sul, ou quiçá Brasil). Afirmam nossas remotas profecias que isto acontecerá porque já mudou o ciclo da evolução. Então... o Tibete será dominado pelas Forças da Fênix Vermelha e a espiritualidade desaparecerá do Teto do Mundo!"

Seria realmente verdade o que dissera o Profeta? Seria realmente verdade que aquele jovem chinês que ali estava sentado no trono era apenas uma ilusão? Um falso Dalai? Quem poderia saber ao certo?

Meus pensamentos foram interrompidos por um monge que se aproximou trazendo uma pequena taça de madeira para cada um de nós. Pegamos as tacinhas e outro monge as encheu com chá amanteigado. Bebemos vagarosamente, enquanto aguardávamos ordem para deixarmos a sala. Afinal, um dos guardas gigantes, imponente na sua túnica cor de vinho, tocou um gongo e disse algumas palavras em tibetano.

- Já podemos ir - falou o lama Kazi. Levantamo-nos, fizemos uma reverência ao Dalai e ao Lama Regente e fomos saindo de costas, deixando devagarzinho o aposento.

A audiência tinha terminado.

Visita ao Palácio Potala

O esperado dia de visitar o palácio Potala chegou afinal, pois tivemos que esperar autorização especial do Lama Regente. Construído há trezentos anos atrás, pelo Quinto Dalai Lama, o palácio Potala é um dos mais imponentes do mundo. Ocupa o lugar de uma fortaleza que, outrora, foi construída pelos antigos reis do Tibete e destruída mais tarde pelos mongóis.

Conta-se que durante muitos anos milhares de trabalhadores carregaram pedras para reconstruírem este imenso palácio, cujas bases repousam diretamente na rocha. A morte do Quinto Dalai parecia ameaçar esta construção e, por esta razão, o Lama Regente resolveu ocultar a todos o desaparecimento do pontífice. E espalhou a notícia de que o Dalai estava doente, não podendo aparecer em público. Durante dez anos os lamas conseguiram enganar o povo, até o dia em que o palácio Potala ficou pronto. Vestimos nossas melhores roupas e fomos conhecer o Vaticano lamaísta. Juntamente com inúmeras pessoas, fomos subindo a montanha que conduz ao Potala. Lá de cima, o espetáculo que vimos era indescritível. Vimos os suntuosos parques e jardins de Lhasa, seus mosteiros grandiosos, suas mansões de pedra. Andamos por uma ala ornada com centenas de moinhos de prece, que os visitantes giram ao passar. Atravessamos um alto pórtico e entramos num grande parque. Por todos os lados, vimos vendedores ambulantes, vendendo incenso, flores, velas, comidas típicas como brotos de rododentro caramelados, amuletos abençoados pelo Dalai e horóscopos impressos em papel de arroz. Do outro lado do parque, outros vendedores ofereciam pequenos moinhos de prece, feitos em metal lavrado. Escribas lá estavam também para fazerem, por um preço moderado, um documento que provava que tínhamos visitado o Potala. Compramos um amuleto de prata com incrustações de coral e turquesas, representando um deus benfazejo e prosseguimos subindo as largas escadarias de pedra do Potala. Paramos num dos patamares e o lama Kazi falou:

- Lá em cima, bem no alto das torres, ficam os aposentos particulares do Dalai Lama. Ficam na parte mais alta do palácio porque, segundo a tradição, ninguém pode morar acima do Poderoso Onisciente.

Continuamos subindo. As largas escadarias mais pareciam uma rua de degraus e muitos visitantes sobem a cavalo, para evitar o cansaço. Contudo, só os oficiais, os nobres e os grandes lamas é que tem permissão para isto. O povo tem que subir a pé. À medida que subíamos, fomos pensando nos grandes tesouros que dizem estar ocultos atrás daquelas grossas paredes centenárias. Finalmente, chegamos a um pátio e depois ao grande patamar de entrada do palácio, cheio de estátuas de pedra representando deuses lamaístas. Começamos a visita percorrendo a ala ocidental, onde soubemos que vivem duzentos e cinquenta lamas filósofos. Esta ala tem um curioso nome tibetano, Namgyetrachang. É um verdadeiro labirinto de cores sombrias e passagens misteriosas. Através de uma ampla Janela, observamos o magnífico panorama; ao longe, o grande Templo de Chakpori - a Montanha de Ferro - com seu imponente Colégio de Medicina, que toma todo o vale de Kyitchu; embaixo, as casas do quarteirão de Cho, mais além, os outros célebres templos de Lhasa, o Montão de Arroz, a Cerca da Rosa Silvestre e a Catedral de Lhasa.

Visitamos muitas capelas, salões, santuários misteriosos, passamos para a ala oriental. onde fica o Seminário de Tsedrung e os diversos escritórios e Ministérios do governo tibetano. Não pudemos prosseguir visitando a ala

oriental, porque dois gigantes guardas tibetanos nos impediram. Disseram ao lama Kazi que ali ficavam celas secretas cuja visita era proibida. Voltamos e seguimos para a ala sul do palácio.

A Pintura da Padma Sambhava

Andamos por várias salas povoadas de estátuas de bronze incrustadas de pedras preciosas. Afinal, o lama Kazi conduziu-nos a uma sala magnífica, cujas paredes eram forradas de seda azul claro e cujo chão de mármore era quase encoberto por um enorme tapete chinês cor de mel, estampado com formosos lótus azuis. Pendurado na parede do fundo, perto de uma ampla janela, estava um grande tanka ou estandarte pintado, representando uma linda paisagem ao luar. A Lua se refletia nas águas claras de um lago margeado de velhos pinheiros. Sem dúvida, era uma bela pintura. Todavia, o mais curioso é que, observando atentamente a luz prateada da Lua Cheia, ia aos poucos se transformando em Lua Minguante, depois em Lua Nova, Lua Crescente e novamente Lua Cheia... Como é possível? Esta pintura se move? - indaguei perplexa a mim mesma.

Foi então que o lama Kazi falou:

- Esta é a pintura mágica do Tibete! Afirmam nossas tradições que esse tanka foi pintado há muitos séculos pelo mago Padma Shambhava - o santo das mãos de lótus. Ela tem o dom de adquirir vida e mudar as fases da Lua sucessiva e ininterruptamente...

- Não será um truque dos lamas? - perguntou Pierre Julien, baixinho ao meu ouvido.

Kazi sorriu do nosso espanto e incredulidade. Chamou um dos guardas gigantes que protegia a sala e manteve com ele um breve diálogo em tibetano. O guarda aproximou-se respeitosamente do tanka e delicadamente afastou-a da parede para que víssemos que não havia nada por trás.

- É inacreditável! - murmurei atônita.

- Não mais inacreditável do que as magias que já presenciamos aqui no Tibete - retrucou o Dr. Vessantára, sorrindo benevolmente.

Soubemos então que os tankas tibetanos são "uma recriação ao mundo místico e simbólico através do qual o Lamaísmo encontra sua expressão." Cada pintura dessas é, portanto, uma evocação cujo significado torna-se claro aos que fecham os olhos às coisas da terra e conseguem captar a mensagem esotérica que emana constantemente deste mundo misterioso, povoado de divindades malévolas ou benignas.

A preparação de um tanka é um ato litúrgico. O algodão ou a seda que será utilizada mais tarde para tecer a tela só deverá ser colhido por um iniciado nos segredos do Lamaísmo. A seguir, os fios são purificados pela repetição de certos mantras ou palavras de poder, sendo depois abençoados por um lama, de acordo com um rito especial e na presença de uma sacerdotisa virgem, a quem competirá a tarefa de fiação. Após a fiação, o fio resultante é

entregue a um tecelão experiente, que tem de possuir vários atributos: mocidade, saúde, isenção de defeitos físicos e morais, além da presença dos sinais de bom augúrio. Antes da tarefa, o tecelão terá que se purificar e criar o campo magnético onde o artista pintor irá desempenhar a missão suprema de criar uma obra de arte. Há regras especiais para se pintar um tanka. Geralmente, as personagens são dispostas em círculo mágico ou Mandala, em cujo centro fica o motivo principal. Alguns tankas têm um pedaço de tecido diferente na parte inferior, chamado a porta do tanka, que indica o ponto onde o crente deverá fixar os olhos durante a meditação para que possa entrar no interior da pintura. À medida que a meditação se aprofunda, há uma gradual revelação de significações das figuras representadas, até que se dá a união de quem medita com a divindade representada.

Terminada a pintura do tanka, um grande lama infunde vida à pintura através de um rito mágico chamado Pratistha. O ato da consagração é, portanto um ato de vivificação do objeto com a essência divina. O ritual é altamente secreto e os tibetanos o receberam de seus mestres indianos.

Tendo sido pintada por um santo, não é de admirar que a pintura mágica de Padma Sambhava tenha vida e se mova realmente.

Deixamos a sala da pintura mágica, pensativos e maravilhados. E fomos andando pela ala sul do Potala, até chegarmos a uma espécie de santuário, onde vimos um lindo altar de jade branco, ornado com candelabros de ouro. Sobre o altar vimos a estátua em tamanho natural do Buda Maitreya - o Buda do futuro, uma das emanções do Cristo Cósmico. A estátua era talhada finamente em madeira. Representava um homem formoso, sentado num trono à maneira ocidental, com as pernas pendentes e as mãos sobre o colo. O rosto e o corpo eram pintados de branco, pois, segundo antiga tradição, ele renascerá no Ocidente, será um homem da raça branca e terá cabelos escuros e olhos azuis.

E assim, de sala em sala, vimos muitas preciosidades do palácio Potala. Embora não pudéssemos visitar os aposentos do Dalai, pois o Grande Precioso estava meditando e não permitia nenhuma visita, tivemos permissão dos guardas para visitar os túneis subterrâneos do Potala. Estes túneis ficam bem abaixo das grandes escadarias e tivemos que descê-las para encontrar a entrada vigiada por dois guardas gigantes, vestidos com suas túnicas de lã cor de vinho. O lama Kazi conversou com eles e pudemos entrar. Num dos cantos vimos várias tochas acesas; tomando uma delas, Kazi enveredou por um túnel e nós o seguíamos. Descemos cautelosamente por uma escada de pedra tosca gasta pelos anos. Estes túneis foram feitos pela ação vulcânica durante incontáveis séculos. Nas paredes vimos estranhos desenhos coloridos. Alguns eram horríveis, representando a deusa demônio Lhamo (a Kali negra da Índia), cercada de cruzes suásticas, vestida com pele humana e devorando a cabeça de um homem.

Afinal o túnel foi se alargando até que de repente vimos uma grande luz que não provinha da tocha que Kazi segurava. Era uma espécie de redemoinho de luz que nos envolvia em grandes ondas. Movíamos-nos como num sonho.

Estávamos ali, vestidos de luz dourada, diante de um belo lago de águas fosforescentes. No centro do lago boiava uma grande flor de lótus branca. Suas pétalas molhadas pareciam pequeninas pérolas. Fascinados, ficamos ali, com os olhos muito abertos e os sentidos alerta. Um sentimento de vacuidade e afastamento das coisas terrenas apoderou-se de mim.

A voz serena do lama Kazi quebrou o silêncio:

- Este lago sagrado vai se unir com as águas do rio Xyi Chu, que é afluente do rio Tsang Po. Dizem... que ele brotou de uma lágrima da deusa Dolma...

Soubemos depois que a deusa Dolma corresponde ao Aspecto Feminino Divinal, tal como a deusa Meru e a amorável deusa Kuan Yin na sua misericordiosa atividade irradiada de seu templo etérico sobre a cidade de Pequim.

- Dizem nossas antigas tradições - continuou falando o lama Kazi - que existem muitos túneis subterrâneos como este aqui no palácio Potala, mas só alguns grandes lamas os conhecem. Penetrando nas entranhas da terra, atravessam o Tibete, alcançam os Montes Himalaias na Índia, onde dizem que habita o Raio Cósmico Masculino e cruzando os oceanos, vão terminar no ponto central da Substância Sagrada da Terra. Aí o Raio Cósmico Masculino emanado do Deus Pai-Mãe encontra-se com o Raio Cósmico Feminino, num misterioso santuário na Cordilheira dos Andes, regida pelo deus e a deusa Meru.

Soubemos então que este santuário secreto encontra-se no plano físico, perto do lago Titicaca, nos Andes, a cordilheira sagrada da América do Sul. O encontro destes dois raios divinos forma o eixo da Terra. Bem no centro deste planeta, onde estes dois raios se encontram brota a imorredoura e vitoriosa Chama Trina da Eterna Verdade. Ela se ergue da fenda de uma rocha na montanha e projeta-se para o Templo Secreto dos Grandes Iniciados. Ali, alguns discípulos privilegiados recebem a iluminação espiritual, para realizarem sua missão no Plano Divino. Neste Templo Secreto reside também a formosa deusa Nada - a deusa do Amor Universal - membro do Conselho Cármico da Fraternidade Branca do Oriente.

O Raio Masculino do Himalaia e o Raio Feminino da deusa Meru são uma atividade do Espírito Santo Cósmico. Consta que o Raio Feminino está ancorado no coração de cada vida, seja homem, mulher ou criança, porém o Raio Masculino já teve há muitos séculos a sua predominância. Num futuro não muito remoto, na duradoura Idade de Ouro da Era de Aquário, o Raio Feminino da deusa Meru se manifestará em todas as atividades divinamente qualificadas sobre a face da Terra. E quando circular em torno do planeta Terra, o Raio Cósmico Feminino da deusa Meru se transformará em minúsculos sóis rodeados por uma aura rosada - simbolizando o Amor Universal. Os Anjos do Santuário Secreto das Montanhas Andinas acompanharão o Raio Cósmico Feminino em volta da Terra, Sua irradiação para cada vida será como pétalas de rosas espalhadas por uma doce brisa.

É muito grande a importância de purificar o continente Sul Americano, onde os filhos das grandes sub-raças irão formar a Sétima Raça Dourada, regidos

pelo santo Mestre Sainthru e a bem-amada Mercedes, seu complemento divino, que simbolizará a Divina Mãe Celeste dos filhos desta Sétima Raça-Raiz.

Diz a tradição que os filhos da 4a. Raça-Raiz que outrora surgiu do coração do deus e da deusa Himalaia, até o fim do ano do Cavalo de Fogo (1978), em sua maioria, deverão voltar ao seio do infinito. Irão para os Templos da Luz que para eles estão preparados. Por esta razão têm sucedido, imprevistamente, diversas ocorrências, as quais, para a humanidade, poderão representar grandes catástrofes mundiais. Entretanto, elas são necessárias: têm a finalidade de trazer muitas almas de volta ao lar divino. Estes filhos da 4a. Raça Raiz precisam abrir caminho para os filhos da 7a. Raça Dourada. E no ano do Cavalo de Fogo (1978) irão encarnar-se na Terra milhares de seres da 7a. Raça-Raiz. Em maioria, eles nascerão na América do Sul, onde o grande Mestre Sainthru está criando seu Momentum - isto é, sua Força Motriz, Reservas de Forças, Forças acumuladas para Curar, para Ensinar; Capacidades Musicais ou Artísticas ou todas as virtudes armazenadas no Átomo Permanente que recolhe todas as boas ações de cada encarnação humana: este Átomo Permanente retorna em cada encarnação, trazendo como dom as virtudes das pessoas. Lá, os filhos da Sétima Raça Dourada irão atingir relativa perfeição para desenvolverem o Reino da Evolução sobre a Terra.

Então... a principal energia do Santuário do Lótus Azul nos Himalaias irá extinguir-se ou desaparecer e os bem-amados deus e deusa Meru darão destino à reforçada atividade de seu magnífico Santuário na América do Sul. E assim desabrochará como uma rosa perfumada o Reino da Evolução sobre a Terra.

Não sei quanto tempo ficamos no túnel subterrâneo do palácio Potala, pensando em tudo isto. Ficamos ali quietos e meditativos, sem coragem de deixar aquele lugar abençoado.

Afinal, o lama Kazi quebrou nosso encantamento dizendo:

- Precisamos voltar, está ficando tarde.

E subimos devagar os velhos degraus de pedra até sairmos novamente à luz do dia. O tempo claro de algumas horas antes tinha mudado completamente. Grandes nuvens escuras corriam pelo céu.

A tempestade súbita nos surpreendeu no meio do caminho e chegamos à Missão Anglo-Britânica completamente molhados e sujos de lama.

A chuva forte durou três dias. Tivemos que esperar que os caminhos secassem para poder visitar o Templo de Nechung, onde vive o vidente mais famoso do Tibete. Aproveitamos o tempo para ler trechos dos Pitakas - as escrituras sagradas do Budismo indiano, que o chefe da missão indiana, Capitão Narendra Sen, traduzira magnificamente para o inglês.

O Oráculo de Nechung

Finalmente a chuva passou e um sol tímido saiu entre as nuvens. E assim saímos para visitar o Oráculo de Nechung. Passamos pelo centro da cidade de Lhasa e nossos cavalos foram seguindo pelo mercado, atingimos uma planície, e logo adiante vimos o grande Templo de Norbulinka, onde vive outro vidente famoso conhecido como o Oráculo de Gadong, ao qual só têm acesso o Dalai Lama e seus Ministros. Continuamos cavalcando por caminhos cheios de curvas, até que chegamos ao nosso destino. O Templo de Nechung fica a oito quilômetros da cidade de Lhasa. Naquele dia haveria uma cerimônia especial, com a presença do grande vidente. Vinha do interior do templo uma música bizarra de flautas e tambores.

Entramos num grande pátio, Vimos um espetáculo fascinante. O povo se comprimia pelas alas do pátio. Por todas as partes, pendurados nas velhas árvores, vimos grandes estandartes de seda colorida, com pinturas fantásticas de deuses e demônios. Eram as famosas pinturas tanka, típicas do Tibete. Todo o ambiente estava perfumado de incenso, cuja fumaça saía de grandes incensórios de bronze espalhados pelo pátio.

Assim que chegamos vimos um jovem monge sair pela grande porta principal do templo. Vestia um hábito de seda amarela e sobre o peito tinha um medalhão de ouro, cravejado de brilhantes, formando estranhos símbolos. Estava suspenso ao pescoço do monge por uma grossa corrente de ouro. Dois noviços, com seus típicos hábitos marrons remendados de cores diferentes, seguravam as pontas de um longo manto de brocado violeta, que caía sobre os ombros do monge. Chegaram a um tablado forrado de veludo carmesim, onde vimos um trono com almofadas de seda amarela. O jovem monge sentou-se solenemente no trono. Os dois noviços ajoelharam-se a seus pés.

Ouvimos o som de um gongo e uma procissão de noviços começou a descer a escadaria de mármore do templo. Seguravam grandes estandartes de seda amarela com a mística inscrição OM MANI PADME HUM bordada em seda azul forte. O grupo de noviços parou a um canto do pátio, à sombra de velhas árvores, e ficou em silêncio. Em seguida vieram os Anciãos, os Grandes Lamas com suas túnicas cor de laranja, seus mantos cor de vinho, as cabeças raspadas e os olhos distantes fitando o céu. Soaram as longas trombetas de prata, produzindo um som claro e bonito. Os lamas dividiram-se em dois grupos e ficaram parados junto à escadaria de mármore. Momentos depois, outro bater de gongo. E logo saiu do templo uma linda moça vestida como uma deusa. Com um andar lento e compassado, foi se aproximando de nós. Observamos seu formoso rosto oval, de um tom de marfim, olhos grandes e amendoados, nariz pequeno e bonito, e boca muito bem feita, pintada de rosa claro. Seus longos cabelos pretos estavam reunidos numa grossa trança que lhe caía até os joelhos. Coroava-lhe a cabeça um diadema de brilhantes, turquesa e coral.

- É a grande sacerdotisa Dorge Pomo! - murmurou o lama Kazi ao nosso ouvido.

Recordei uma lenda que ele me contara sobre aquela misteriosa sacerdotisa.

Dizem os tibetanos que certa vez os muçulmanos tártaros invadiram a cidade sagrada de Lhasa. Detiveram-se ante o Templo de Nechung, o qual pretendiam ocupar. O general inimigo mandou dizer à sacerdotisa Dorge Pomo que, se ela lhe aparecesse na forma de uma porca, ele não destruiria o templo. Em resposta, a formosa abadessa pediu clemência, rogando-lhe que fosse embora com seus soldados e deixasse seu país em paz. O general tártaro, soltando gargalhadas, entrou à força no templo. Para espanto geral, não encontraram nem um ser humano, mas um bando de porcos e porcas que corriam, atordoados, de um lado para outro...

Aterrorizados, os tártaros fugiram e deixaram o Tibete para sempre. Atribuem-se a esta sacerdotisa Dorge Pomo muitos poderes mágicos, inclusive este poder transformar-se no pássaro ou animal que desejar, num fenômeno denominado licantropia. Não podemos constatar se isto é verdade, mas sabemos que Dorge Pomo é considerada como uma das maiores magas do Tibete.

O povo se ajoelhou reverente ante a passagem da grande sacerdotisa - considerada Mulher Buda. Os velhos ламas escoltaram-na até o trono do vidente. Formou-se uma fila entre o povo e começaram as oferendas. Eram vidros de perfume, joias de ouro e prata, flores, echarpes de seda branca, e uma pedra sagrada que os tibetanos chamam dordje - símbolo do poder. A um gesto da sacerdotisa, uns noviço-criados trouxeram grandes tachos de cobre cheios de vinho. Todos se serviram à vontade, tirando dos bolsos de suas túnicas longos copos de madeira.

Sabemos que para a escolha da grande sacerdotisa, abadessa de Nechung, os ламas empregam métodos parecidos com a descoberta dos Budas Vivos. Sabe-se que após a morte de uma dessas abadessas, os ламas se reúnem em conselho. E pela boca de um médium, ela se manifesta, dizendo em que lugar e em que família vai renascer. Sobre a atual Dorge Pomo contavam-se histórias muito curiosas.

Tinham-se passado sete anos após a morte da última sacerdotisa de Nechung, sem que ela se manifestasse como habitualmente. Os ламas estavam preocupados e não sabiam o que fazer. Ela é a contraparte feminina do vidente e ajuda-o com sua força magnética e seus poderes supranormais. Num dia propício, indicado pelos astrólogos, um grupo de ламas saiu de Nechung disfarçados de camponeses. Andaram muito até chegarem à região de Ngari. Viram um grupo de crianças que brincavam numa rua. Deste grupo saiu uma menina de uns sete anos, franzina e graciosa. Colocando as mãozinhas sobre o ambag (bolso interno formado pelas dobras das túnicas tibetanas), ela falou:

- Me dá minha tiara!

O lama ficou surpreso. Realmente, trazia no bolso a tiara de brilhantes, turquesas e coral que pertencera à última sacerdotisa de Nechung. E a menina prosseguiu:

- Não me reconheces? Sou aquela que procuram há sete anos! Diante dessa prova, o lama ajoelhou-se e beijou os pés da menina. Dias depois, ela foi

levada para o Templo de Nechung carregada numa rica liteira e vestida como uma princesa de conto de fadas...

A festa no parque continuou. Recomeçaram os toques dos tambores compridos como os tablas indianos. E ao som de músicas exóticas, um bando de dançarinos começou a dançar freneticamente. Usavam máscaras fantásticas e davam gritos de alegria. Terminadas as danças, a jovem sacerdotisa que estava sentada ao lado do vidente levantou-se e falou numa voz macia e grave:

- Salve o Oráculo de Nechung!

Todos os olhares convergiram para o jovem monge sentado no trono. Lentamente ele se levantou. Tirou o manto cor de violeta e foi para o centro do pátio, onde tinha sido desenhado no chão, com pós coloridos, um enorme círculo mágico. Dois noviços se aproximaram e colocaram nos ombros do vidente uma rica estola de brocado dourado. Sobre a cabeça colocaram um capacete pontudo, também dourado, ornado de pedras preciosas formando lindos bordados. As rezas começaram em voz alta.

O vidente fechou os olhos e pareceu ficar numa atitude de grande concentração. Logo, seu corpo esguio teve uns estremecimentos. Parecia que seu espírito deixaria o corpo para que ele servisse de veículo às divindades tutelares. Este vidente de Nechung é famoso por seus poderes psíquicos. Dizem que desde muito menino revelou seus dons mediúnicos. No Tibete os videntes ou médiuns são também chamados de delog ou aquele que voltou do além.

Do lugar onde estávamos podíamos ver os menores movimentos do vidente de Nechung. Seu rosto foi ficando muito pálido. O corpo começou a ser sacudido por grandes estremecimentos cada vez mais fortes. Era o começo do transe. Súbito suas feições se modificaram. Os olhos abertos desmesuradamente pareciam querer saltar fora das órbitas. Soltando um grito estridente, ele começou a pular descontroladamente. Parecia um demônio encarnado num corpo humano. Então, um dos velhos Lamas ergueu a mão direita e o vidente parou de pular e ficou rígido. O velho lama aproximou-se devagar. Colocou uma echarpe de seda branca sobre o pescoço do vidente. E ficou parado ao seu lado.

Nisso os noviços e os lamas iniciaram um canto à meia voz. Parecia um cântico de monges gregorianos. O cântico culminou numa maravilhosa torrente de sons e cessou repentinamente. As feições do jovem vidente se acalmaram, seu rosto tomou a expressão de um velho. Com o corpo recurvo, e a passos trôpegos, ele aproximou-se do lama que estava em pé a seu lado e que parecia comandar sua força espiritual. Fez-lhe um gesto com a cabeça. Ambos conversaram em voz baixa. O velho lama chamou um noviço que lhe trouxe um rolo de papel, pincel e tinta. O vidente continuou a falar com o velho lama enquanto o noviço escrevia suas palavras. Terminada a conversa, o velho lama tirou do bolso interno de sua túnica de seda um punhado de ervas secas e deu-as ao vidente. Com gestos lentos, o vidente jogou as ervas num dos grandes incensórios de bronze e disse alto:

- Olhai, irmãos!

A princípio não vimos nada, a não ser uma nuvem de fumaça perfumada. Pouco a pouco fomos percebendo que por entre o véu cinzento da fumaça, formavam-se figuras. E súbito vimos um palácio cercado de pinheiros. Junto da grande coluna principal, passa um exército de soldados agitando bandeiras coloridas. Depois, surgiram vultos imprecisos e logo só ficou a fumaça.

Teríamos sido vítimas de alguma hipnose coletiva? Não sei... A música recomeçou. O rosto do vidente ficou crispado e de repente ele caiu rijo no chão. Sem dúvida, a divindade tinha se afastado.

Quatro noviços carregaram o vidente para o interior do Templo.

- Afinal, quais foram as predições do oráculo? indagou Pierre, voltando-se para nosso amigo Kazi.

- Não sei - retrucou ele. As predições são guardadas em segredo e estudadas pelo Conselho Superior dos Lamas, durante vários dias. Em seguida são comunicadas ao Dalai. Os videntes não podem cometer erros nem dar respostas erradas. Muitos deles já foram degradados e condenados à prisão perpétua, por terem feito falsas profecias...

Encerrando a cerimônia, a jovem sacerdotisa levantou-se, tendo na mão direita um bastão de prata incrustado de pedras preciosas. Com este bastão ela começou a abençoar o povo que correu para não perder o suave contato abençoador.

Conseguimos sair da confusão reinante e voltamos ao vale, onde um criado tinha ficado tomando conta de nossos cavalos.

Sobre nós brilhava o sol luminoso do outono. Para o sul, há mais de trinta mil pés de profundidade, ficava a cidade sagrada de Lhasa. A leste e oeste erguiam-se picos nevados. Ao norte, destacava-se a maravilhosa cadeia das montanhas de Karakorum. Lá no alto da montanha, comecei a meditar e súbito parei de ser eu mesma e fui o ritmo de tudo. Ofereci o rosto à brisa fria para que ela me despertasse, lá no mundo oculto dos lamas onde ainda hoje vivem magias inacreditáveis!

A Yoga Tibetana

Ao deixarmos o Templo de Nechung, subimos uma suave ladeira que conduziu a um planalto ondulado, por onde serpenteava a estrada que conduzia a Lhasa. Subimos e descemos aqueles declives cortados por mansos regatos. Já no fim do planalto, o caminho começou a contornar o vale. Vimos então uma gruta que mais parecia um pequeno castelo. Soubemos que ali morava um gontchen, ou ermitão, que graças à intervenção do lama Kazi teve a gentileza de nos receber e falar um pouco conosco. O ermitão era um homem idoso, alto, magro, bronzeado, de idade indefinível. Rosto quase sem rugas, olhos escuros e brilhantes, nariz meio adunco, cabelos e barbas

longos e muito brancos. Vestia apenas uma sunga de algodão branco, típica do ermitão tibetano. A gruta estava impregnada pelo perfume do incenso de sândalo, que ardia num braseiro. As duas peças inferiores da gruta eram cercadas por um muro de pedra que isolava a gruta de olhos estranhos. Em cima, ficava o quarto do ermitão, onde vimos apenas uma esteira e alguns livros. Soubemos que ele praticava Yoga e através do lama Kazi perguntamos ao ermitão:

- Os métodos yogues tibetanos têm semelhança com os da Índia?

- Sim, os princípios fundamentais da yoga primitiva foram aproveitados pela yoga tibetana, mas nossos métodos contêm muita magia, concentração, meditação, projeção astral e mentalizações diversas. O aspecto mais misterioso é a Tantra Voga, já que a verdadeira transmissão é secreta e só pode ser dada por um Guru qualificado, ao discípulo que antes é submetido a muitas provas. A Tantra Voga vê por trás de todas as coisas e aparências um enorme poder latente, que se chama Kundalini, ou Fogo Serpentino. Ele dorme na base da coluna espinal, enrolado como uma serpente, à espera do despertar, que talvez nem ocorra nesta vida. O despertar é uma ruptura na consciência de vigília, o despontar de uma consciência plena, de uma superconsciência que está imersa na criatura humana, mas que, devido ao seu adormecimento, ela não consegue perceber.

- Mas em que consiste propriamente o Tantra Voga? - indagamos interessados.

- O Tantra é uma série de exercícios que devem ser feitos sob a direção de um mestre qualificado. E eles precisam ser praticados todos os dias. Não há Tantra sem a prática. Ela é a raiz e a essência de tudo. O Tantra Voga pretende ser a Yoga adequada à Idade Negra que o mundo está atravessando agora. Para cada época há um ensinamento adequado. Na época atual, em que a grande característica é a miscigenação, a mistura das raças, das ideias, a dissolução da família e das estruturas tradicionais, seus ensinamentos e práticas são muito úteis. A fórmula básica do tantrismo é a possibilidade da libertação aliada a uma ação total, ou estado de absoluta auto-realização.

Ficamos então sabendo que, entre os principais textos tântricos budistas, 60% versam sobre mantras ou palavras de poder, 10% sobre Mandalas ou círculos mágicos, 10% sobre meditação, 5% sobre os ingredientes e o preparo para o ritual e 3% sobre amuletos. O restante refere-se a indicações astrológicas e diversas práticas sexuais que despertam nos seres humanos os poderes latentes adormecidos. Há uma seita de yogues tântricos chamados Vamacharis, que usam o sexo de maneira especial e também perfumes que estimulam o chacra raiz ou Muladhara, onde a energia do fogo serpentino de Kundalini jaz enroscada. Este centro sutil está em relação direta com o sentido do olfato, e certos aromas influem sobre ele com facilidade.

- Quais são estes aromas? - indagamos.

- Nos ritos da yoga Tantra usamos óleos essenciais, isto é, essências puras

de almíscar, jasmim, magnólia, nardo, sândalo, patchuli e açafraão. A principal razão para o emprego destes perfumes é estimular o centro vital etérico ou chacra raiz. O fato de que os perfumes assim usados são afrodisíacos indica que a libido sexual e a energia feminina Shakti são uma só coisa.

A tarde já ia avançada quando o ermitão deu por encerrado o nosso encontro. Quando deixamos a ermida, já era quase noite. Durante o caminho de volta, Dr. Vessantára comentou:

- É estranho que o ermitão yogue não tenha falado sobre o tchod - a yoga tibetana na qual se invoca o demônio para destruir a individualidade.
- Certamente é porque não concorda com estas práticas bárbaras - retruquei.
- Na verdade, é um método muito perigoso praticado por muitos poucos yogues chamados os Irmãos das Sombras. Estas práticas demoníacas podem levar à loucura, por isso a maioria dos Mestres yogues preferem não falar sobre o tchod.

Visita aos Templos de Lhasa

A aventura desconhecida está diante de nós, no final do caminho tortuoso que sobe através do bosque e termina nos íngremes confins do Sudoeste de Lhasa. Ali, na luz clara da manhã, destacava-se como uma joia o famoso Templo de Charkpori - o Colégio de Medicina do Tibete. Sob a proteção dos Oito Budas Curandeiros, estudam e meditam aqueles que mais tarde serão os médicos do Tibete. Conduzidos por Kazi, deixamos a Missão bem cedo ainda e saímos em direção ao Chakpori. Algum tempo depois atravessamos o pátio do templo, desmontamos, entregamos nossos cavalos a um monge-criado e tocamos o grande gongo de bronze, pendurado nas traves da porta de cedro toda esculpada.

Um lama alto e imponente veio ao nosso encontro, acompanhado por dois lindos cães, um galgo negro do Turquestão e um pastor enorme de origem europeia. O lama tem uma bela aparência, com sua longa túnica de seda azul de mangas tão amplas que ocultavam totalmente suas mãos. Tinha o rosto e a cabeça raspados, faces de pômulos salientes, olhos brilhantes, nariz fino e boca firme. Os cães começaram a rosnar ameaçadoramente, mas a uma ordem do lama logo se aquietaram. Kazi explicou a razão da nossa visita, e o lama que resultou ser o Mestre dos Acólitos mandou-nos entrar. Andamos por amplos corredores abertos dos lados, passamos por um pátio interno sombreado de velhas árvores, onde um grupo de meninos de várias idades brincavam animadamente. Vestiam-se como pequenos monges, com uma túnica de lã marrom com remendos coloridos, o traje típico dos noviços.

Eles nos olharam curiosos e continuaram a brincar.

- São os futuros médicos do Tibete - falou o lama que nos recebera. Continuamos andando em silêncio, até alcançarmos os santuários e capelas, cobertos de pinturas místicas. Em algumas das capelas vimos grupos de

lamas rezando silenciosamente seus rosários de cento e oito contas.

Nas capelas, onde a claridade do dia é sempre escassa, mal podíamos ver as estátuas dos deuses nos altares, sobrecarregados de castiçais de ouro e prata, jarras com flores e oferendas de comidas para os deuses.

No Templo de Chakpori, além das celas, capelas e santuários, visitamos também as grandes salas de aula com seus longos bancos de madeira onde as crianças estudam, e as salas onde os monges estudam Medicina que lembram muito um necrotério ocidental, com suas paredes brancas, suas mesas de mármore, onde se vê um ou outro cadáver dissecado, cheiro ativo de ervas medicinais e exóticos instrumentos operatórios.

Há também salas dedicadas ao estudo da Acupuntura, as massagens curativas Tui-Na aplicadas na cabeça, testa, pescoço, coluna e costelas, com pressões fortes ou leves dos polegares em movimentos para cima, para baixo e para os lados. Essa técnica segue o curso dos meridianos ou canais que transmitem a energia eletromagnética chamada Ki através do corpo. A existência destes meridianos ou canais e sua relação com os pontos de pressão na massagem são conhecidas pela medicina oriental há milhares de anos. No Japão esta cura através de massagens é conhecida como Do In e foi adaptada do Tui-Na.

Soubemos que outrora os médicos orientais estudavam o sistema visceral de um modo muito curioso, que somente hoje, muitos milênios passados, é que foi descoberto o segredo. Em uma sala do Museu de Pequim há uma estatueta de madeira de sândalo de uns 60 centímetros de altura. Representa um pequeno Buda, magro, sereno e erecto, apoiado num pedestal em forma de lótus. Um empregado do Museu, ao tirar o pó dos objetos sob seus cuidados, deixou cair o Buda no chão. Na queda, abriu-se uma pequenina porta ignorada até então, oculta nas costas da estatueta pelas pregas da túnica. E assim foi descoberto no interior do Buda um completo sistema visceral, feito de tecidos preciosos e coloridos, cujos órgãos em miniatura eram perfeitamente imitados, na forma, nas cores e nas adequadas proporções. A curiosa estatueta de Buda ficou aos cuidados de uma junta médica chinesa que estudou atentamente as noções de anatomia que ele ensinava séculos atrás. Noções exatíssimas, que, se comparadas com as atuais (que tanto trabalho deram aos cientistas ocidentais durante a Idade Média e no Renascimento), são perfeitas. O mais interessante é que cada órgão encontrado dentro da antiga estatueta de madeira tem cuidadosas indicações que lhe definem o nome, as dimensões normais no ser humano, o peso e a localização. Este Buda do Museu de Pequim mereceu recentemente muitas referências na imprensa mundial, inclusive uma reportagem na revista francesa Paris-Match.

Consta que estatuetas como esta do Buda de Pequim, e também desenhos minuciosos de anatomia, eram usados pelos antigos médicos chineses, japoneses e tibetanos, para fazerem seus diagnósticos, pois os antigos costumes não permitiam que o paciente se despiasse na frente do médico. Também a autópsia não era permitida pelas leis orientais.

Os médicos tibetanos ainda hoje usam muito a astro-diagnose, baseados nos estudos da Astrologia. Daí haver mestres astrólogos dando aulas no Colégio de Medicina do Tibete.

Soubemos que na anatomia zodiacal cada signo tem um ponto fraco por onde começam as doenças. E assim, num estudo comparativo aproximado dos signos orientais e ocidentais, os doze signos zodiacais regem os seguintes órgãos:

Rato ou Áries - rege a cabeça.

Búfalo ou Touro - rege a garganta e a glândula tireóide.

Tigre ou Gêmeos - rege braços, mãos, aparelho respiratório.

Lebre ou Câncer - rege o aparelho digestivo e o plexo solar.

Dragão ou Leão - rege o coração e a coluna vertebral.

Serpente ou Virgem - rege intestinos, baço e fígado.

Cavalo ou Libra - rege os rins, supra-renais e região lombar.

Ovelha ou Escorpião - rege os órgãos genitais e o aparelho excretor.

Macaco ou Sagitário - coxalgia, articulações dos quadris.

Galo ou Capricórnio - os joelhos e articulações do corpo.

Cão ou Aquário - tornozelos e circulação sanguínea.

Porco ou Peixes - pés, ossos e músculos, glândula pineal, fibras nervosas, circulação da extremidade do corpo, as glândulas lacrimais, o canal raquidiano e até certo ponto os órgãos da reprodução.

Saindo das salas de aula, nos detivemos longamente no grande terraço que circunda o Templo de Chakpori. Ali repousamos os olhos e mente contemplando a linda cidade de Lhasa, que ao longe se estende em direção ao Norte. O sol já ia se escondendo atrás das nuvens e era tempo de partir. Deixamos o terraço, percorremos de novo muitas salas, capelas e santuários, passamos pelo Altar dos Sacrifícios, onde se alinham as estátuas douradas em tamanho natural dos Oito Budas Curandeiros, agradecemos a hospitalidade dos lamas e voltamos à Lhasa.

Mais bonito que o Templo de Chakpori - a Montanha de Ferro - e quiçá mesmo que o palácio Potala é o famoso Drepung também chamado Drebung ou Templo do Montão de Arroz. Parece uma pirâmide branca cheia de templos com telhados dourados. A brancura do Montão de Arroz se destaca entre as montanhas azuladas que o circundam. É um dos mais poderosos e populares mosteiros de Lhasa. Está situado cerca de três milhares a Oeste da cidade e nele, segundo uns, vivem sete mil lamas e, segundo outros, dez mil, divididos em sete colégios autônomos, cada um regido por um Abade e um Tesoureiro. Estes quatorze homens regulam toda a comunidade, grande demais para ser dirigida por um só homem. Como todo templo tibetano, o Montão de Arroz vive das taxas pagas pelos camponeses que cultivam seus campos. Milhares de camponeses tibetanos contribuem para estas dependências feudais e para o sustento do trabalho espiritual dos lamas, de quem não se exige nenhum trabalho manual, a não ser preparar o típico chá amanteigado necessário para eles.

Nossa chegada não pareceu provocar nenhuma curiosidade em ninguém. Os grandes portões de ferro estavam abertos; entramos tranquilamente pelas vastas alas ajardinadas.

Nenhum dos Abades estava no Templo, apesar de terem sido avisados de nossa visita dias antes. Eventualmente encontramos um jovem noviço que pouco conhecia o templo. Meio amedrontado, ele foi nos acompanhando através das inúmeras salas e capelas. No meio de um parque, vimos um pequeno palácio de telhado recurvo que serve para hospedar o Dalai Lama e o Regente em sua visita anual. Nas paredes deste palácio, entre pinturas religiosas, vimos um poema escrito pelo VI Dalai Lama, que era um renomado poeta e chamava-se Tsan Yang Gyatso. O Lama Kazi nos traduziu o poema que anotamos, devido a sua delicada beleza:

Pássaro branco, empresta-me tuas asas!

Não irei muito longe, amigo...

Após contornar o lago Li Tang,
aqui mesmo, pertinho, logo hei
de voltar, pássaro branco!

Calai-vos, ruidosos papagaios!

No bosque dos salgueiros, o
pássaro Djolmo quer cantar e
saibam - o seu cântico é mágico!

Ah! sejam ou não terríveis os
deuses e demônios que me seguem,
quero que sejas minha, ó
doce maçã que tenho ante
os olhos!

Sem dúvida, não escapará ao leitor o velado tom pagão que parece conter os versos daquele antigo homem-deus do País das Neves. A poesia atua como drenagem para o inconsciente... Em frente ao pequeno palácio, há um relicário em estilo indiano chamado stupa, que contém o corpo do Grande Lama Yon Tenu, que era mongol e possuía grandes poderes psíquicos. Os gênios tutelares deste monumento são as tseru-ma ou Cinco Ninfas da Longa Vida, cujas estátuas de bronze guardam a entrada, ao lado de uma outra estátua representando o deus Hayagriva.

O interior do Templo do Montão de Arroz é majestoso, porém nada tem que o diferencie muito dos outros templos tibetanos que tínhamos visitado.

Soubemos que este Templo do Montão de Arroz é, porém, uma exceção na política tibetana. Ele é considerado a favor dos chineses e antiocidental. Daí o fato da maioria de seus lamas virem do Tibete Oriental, que está sob a ocupação chinesa. O desejo de conciliar a China e o Tibete é a razão desta atitude antiocidental.

Saindo do Templo do Montão de Arroz, montamos em nossos cavalos e fomos em direção ao Mosteiro de Sera ou Cerca da Rosa Silvestre, que fica a dois quilômetros ao norte de Lhassa. Ele fica no alto de uma colina chamada Ta Ti Jun, famosa por conter minas de prata e que rodeia todo o

mosteiro.

Sera ou Cerca da Rosa Silvestre é quase tão colossal como o Templo do Montão de Arroz. É também um conjunto de templos e edifícios de pedra branca todo rodeado de muros bem altos, como se fosse uma fortaleza militar. Nesta silenciosa ermida, os lamas se retiram para se dedicarem inteiramente a seus estudos espirituais. Dizem uns que ele tem cinco mil lamas e outros que eles são sete mil, divididos em quatro colégios. Exceto por isto, a Cerca da Rosa Silvestre possui fontes de renda que duplicam os rendimentos de Templo do Montão de Arroz.

Poucas semanas antes de nossa chegada, o Mosteiro de Sera tinha sido envolvido numa conspiração política. Consta que opuseram resistência armada contra o exército tibetano. De acordo com as informações que tivemos, Sera se põe contra o governo do Dalai. Frequentemente, metem-se em lutas sanguinárias com os lamas do Mosteiro do Montão de Arroz, que é considerado seu rival.

- Isto é o começo do fim... - comentou tristemente nosso amigo, o lama Kazi. Chegou a época do crepúsculo dos lamas, afirmam nossas velhas tradições. Ao passarmos por um dos portões principais de Sera, vimos milhares de lamas olhando-nos curiosamente e vigiados pelos gigantes doddobs, a polícia monástica que vive em todas as grandes lamasserias. Estes atléticos guardiães da lei andavam de um lado para outro contendo a fila dos lamas. Usavam togas vermelhas e mantos amarelos, que lhes caíam sobre os ombros atléticos.

No salão de recepção, fomos apresentados aos quatro Abades que regem o Mosteiro de Sera. Sentados numa espécie de plataforma forrada de almofadões de seda, os quatro velhos nos cumprimentaram amavelmente e disseram que podíamos visitar todo o templo. E assim, conduzidos por um noviço, fomos até a vasta biblioteca, onde alguns lamas liam atentamente. Depois, passamos por diversas celas e santuários. Num deles, vimos uma enorme estátua do deus Avalokita Eshvara, tendo onze cabeças e onze braços, cada um fazendo um gesto místico ou mudrá.

Dizem as escrituras santas do Oriente que estes gestos simbólicos ou mudrás servem de instrumento a determinados estados de consciência. São uma espécie de linguagem hermética ligada ao inconsciente coletivo e que produzem certos estados psíquicos especiais.

Quando deixamos o Templo da Cerca da Rosa Silvestre, um véu de névoa pareceu cobrir a imensa lamasseria. Logo os templos e colégios pertencentes a Sera foram desaparecendo aos poucos atrás das escuras montanhas.

No dia seguinte, fomos conhecer Nang-Yul - o Mosteiro Real de Lhasa, onde estudam todos os Dalais. Ele fica no alto da colina vermelha do Potala. Dizem que foi fundado no século VII, no início da conversão do rei Srong-Tsan Gampo ao budismo. Foi construído por ele a fim de abrigar a nova fé trazida da China por uma de suas esposas e as imagens budistas. Durante muitos séculos este templo colossal recebeu muitas reformas e, no século

XVII, foi inteiramente restaurado.

A entrada principal do Mosteiro Real de Lhasa fica do lado este da colina vermelha. Diante dela há uma enorme bandeira de preces, que, segundo afirmou o lama Kazi, tem 130 metros de altura. É ornada na base com chifres de iaque - o boi peludo do Tibete. O telhado é alto e pontudo como de um minarete e todo recoberto de folhas de ouro, presenteadas ao Dalai pelo príncipe Ananmal, da Índia, em fins do século XII antes de Cristo.

No centro do vestíbulo, todo pavimentado de mármore, vimos uma pesada porta de madeira de sândalo, aberta. Através dela entramos numa ante-sala que dá para o primeiro andar. Na parede oposta à entrada, há uma outra porta, toda de bronze bem polido, que nos leva a um salão. Nos quatro cantos do salão vimos enormes estátuas de bronze representando os quatro guardiães do mundo. Mais além, vimos um salão sustentado por colunas esculpturadas de dragões. Uma escada em caracol conduz ao santuário secreto ou Sanctum Sanctorum. Neste santuário, vimos pinturas místicas, muitas estátuas de deuses e um grande altar de jade branco. O santuário parecia irradiar uma luz dourada. No teto vimos a pintura de um maravilhoso anjo ou deva cor de violeta, segurando em suas mãos um grande escudo de Luz Dourada sobre o qual vimos uma cruz de Malta cravejada de pequeninas ametistas.

- Este Templo representa a sabedoria que no plano cósmico - falou o lama Kazi - é representada por uma Luz Dourada. O anjo ou deva pairando alto no teto do santuário é uma forma-pensamento, para que os discípulos atraiam mais rapidamente a sabedoria.

- Aqui - continuou ele - os lamas aprendem a estimular seus dons internos, a desenvolvê-los dominando o mundo inferior dos sentidos e permanecendo, para sempre, em sua Consciência Superior. No plano etérico, o raio cósmico da sabedoria da Luz Dourada é regido por Mestre Lanto, um Mestre Ascensionado ou Ser Cósmico que pertence à Grande Fraternidade Branca. Por algum tempo, ficamos parados ali no santuário, rogando silenciosamente ao Anjo violeta e ao Mestre Lanto, que sua luz nos libertasse de nossa ignorância e limitações. Depois, silenciosamente, fomos saindo de costas, devagarzinho e deixamos o santuário.

Voltamos a descer a escada em caracol, atravessamos muitas capelas e salas que lembravam muito as que vimos no Templo do Buda Vivo, em Sikkim e finalmente saímos atravessando a ala das estátuas budistas e franqueamos a entrada principal, onde a enorme bandeira de preces tremulava ao vento da tarde.

O Crepúsculo dos Lamas

Nossos cavalos contornaram a colina vermelha onde fica o Mosteiro Real de Lhasa, e fomos descendo lentamente em direção ao portão Ocidental ou Pargo Kaling, que leva à cidade. Pelas ruas de Lhasa, grupos de mendigos,

imundos e esfarrapados, correram em nossa direção implorando esmolas. Quando eles se afastaram com as esmolas recebidas, nosso amigo, o lama Kazi, olhou-os tristemente.

E virando-se para nós, falou:

- Muitos destes mendigos são ricos e não precisam esmolar. Quando se cumprir a profecia do ano do Tigre de Ferro (1950), os comunistas chineses invadirão o Tibete e não haverá mais mendigos, todos terão que trabalhar...

- O Tibete vai ser realmente invadido? - indagou o Dr. Vessantára.

- Sim - respondeu o lama Kazi - tal como o foi em épocas muito remotas e depois em 1904, pelas tropas inglesas sob o comando do Coronel Younghusband. Os tibetanos opuseram a mesma resistência que breve oporão aos comunistas chineses. Isto acontecerá no próximo ano do Tigre de Ferro (1950). O invasor vencerá, pois assim dizem nossos oráculos mais antigos. Tudo será inútil da parte do nosso país, pois é chegado o tempo do crepúsculo dos lamas...

Soubemos então que na época da invasão inglesa no Tibete, o tenente coronel médico, Dr. Wadell, escreveu em seus apontamentos:

"É realmente surpreendente como os astrólogos tibetanos puderam prever, com grande antecedência, a tempestade que ora invade seu país. Entretanto, eu mesmo copiei estas palavras proféticas de um velho manuscrito tibetano datado do ano de 1850. Com extrema exatidão ele revela a hora, dia e ano em que isto sucederia."

Desde que o Lamaísmo invadiu o terreno político, alcançando o poder temporal do Tibete, os reis-lamas tornaram-se meros bonecos nas mãos do clero. Esta supremacia religiosa sobre milhões de fiéis da Ásia trouxe-lhe muito mais do que prestígio. Tornou-se uma fonte valiosa de rendimentos. Muitas contribuições de valor são enviadas da Índia, Mongólia, China e Birmânia para os cofres do palácio Potala. Após a morte do 13º Dalai, foi instalada no Potala uma seção especial do Ministério de Finanças do Tibete. Sua missão é recolher as oferendas religiosas de todo o vasto mundo lamaísta. Incalculáveis quantidades de ouro e prata, peles raras, pedras preciosas, sedas finíssimas, brocados de ouro e objetos de arte são guardadas nos cofres secretos do Potala. Consta que estes tesouros são usados como reserva, num caso de guerra inesperada. Mas, segundo nosso amigo, o lama Kazi, mesmo todo este tesouro será inútil para salvar o Tibete do seu Carma de destruição. O Tibete, com suas tradições medievais e a religião lamaica, desaparecerá da face da terra.

Todavia, suas ideias filosóficas fundamentais jamais morrerão.

Sua sutil influência irá um dia misturar-se com a força política dominante que virá com a Fênix Vermelha - ou comunistas chineses. O atual 14º Dalai ensinará seu povo a matar os invasores chineses, que em 1950 invadirão o Tibete. Entretanto, Gautama, o Buda, ensinava a não-violência. A verdade é eterna e nenhuma pressão material poderá destruí-la, pois ela está acima de tudo. A magia do misterioso encanto tibetano será desfeita. E é bem possível que diante do pânico e do terror que vai imperar no Teto do Mundo, que o

povo tibetano volte a meditar nas palavras do testamento político do 13º Dalai, falecido em 1924. Este documento, conservado ainda hoje no palácio Potala e cuja cópia foi levada pelo Coronel Younghusband para o Museu Britânico, diz o seguinte:

"No ano do Tigre de Ferro (1950), a religião e a administração secular do Tibete serão atacadas pelas forças da Fênix Vermelha. O 14º Dalai e o Panchen Lama serão vencidos pelos invasores. As terras e as propriedades dos mosteiros lamaístas serão divididas e distribuídas entre os invasores. Os nobres e as altas personalidades do Estado terão suas terras e seus bens confiscados e serão obrigados a servir às forças invasoras para não morrer... Contudo, a grande luz espiritual que, há séculos, brilha sobre o Tibete, não se apagará. Ela aumentará, se difundirá e resplandecerá na América do Sul e, principalmente nas terras de O Fu Sang (1), onde será iniciado um novo ciclo de progresso com a nova sétima raça dourada".

Segundo nos informou o lama Kazi, o atual 14º Dalai - que não é a reencarnação do verdadeiro Dalai - para não ser aprisionado, fugirá para a Índia. O incrível caos que há séculos reinou na Ásia, voltará a reinar no País das Neves. Os lamas largarão os rosários e pegarão nas armas. Isto fez-nos lembrar que o destino do atual Dalai lembra o de Devadata - um dos discípulos de Sidarta Gautama, o Buda, e que era primo de sua esposa, a princesa Yasodhara.

Conta-se que, através das práticas da yoga, Devadata conseguiu desenvolver grandemente seus poderes psíquicos ou "siddhis". Certa vez um Marajá ofereceu uma rica taça de ouro ao homem que pudesse alcançá-la, sem subir no topo do bambu, onde estava pendurada.

Vieram muitos magos e faquires para tentar a prova. Em vão invocaram seus poderes ocultos. Sabendo do que se passava, Devadata - orgulhoso dos seus poderes - resolveu competir. Sentou-se no chão, perto do trono do Marajá e concentrou toda a sua força mental. E o povo assombrado viu Devadata ir se elevando aos poucos no ar. E assim, levitando, conseguiu obter a taça sem subir no bambu. Contento com sua façanha, Devadata foi procurar o Buda e narrou-lhe o ocorrido. O Sublime sorriu e respondeu mansamente:

- De que valem estes poderes, meu filho? Nada significam para teu progresso espiritual. São apenas demonstrações vãs...

Indignado, Devadata irritou-se com a resposta do Iluminado, e abandonou-o. Foi para a cidade e começou a pregar contra ele. Buda continuou sereno e deixou Devadata entregue ao seu próprio destino. Uma tarde, Devadata caminhava pela floresta junto com seus discípulos quando, de repente caiu dentro de areias movediças. Apesar de toda sua clarividência não tinha visto o perigo. Desesperado viu que ia afundando cada vez mais. Os discípulos correram para salvá-lo. Mas nada conseguiram. E Devadata morreu colhido pelas areias movediças...

Possivelmente, apesar de todo seu poder, o mesmo acontecerá com o 14º Dalai Lama. Breve terá que dizer adeus aos seus famosos títulos de

Encarnação Viva do Deus Chen Re Zi, Regente Máximo do Teto ao Mundo, Precioso Protetor do Povo, Grande Buda Vivo, O Bem Amado Senhor, O Mais Recôndito Sábio e tantos outros nomes poéticos e imaginosos que não terão mais razão de ser...

Nota:

(1) - Os tibetanos, chamam "O Fu Sang" ao Brasil, onde dizem que teve início a sua civilização, antes do Grande Dilúvio.

A Iniciação Final

- Diga-me Kazi, é verdade que aqui no Tibete existe uma espécie de conhecimento psíquico, que permanece secreto, desconhecido para o resto da humanidade? Os olhos serenos do Lama fitaram-me atentamente. Estávamos sentados na grande biblioteca do Templo de Chakpori onde ele ingressara dias antes, para prosseguir seus estudos de medicina.

Faltavam poucos dias para deixarmos Lhasa, e naquela tarde, deixando meus companheiros entregues aos preparativos da longa viagem de volta, fui sozinha até o Templo de Chakpori despedir-me do velho Kazi.

No horizonte longínquo o sol morria atrás das montanhas nevadas. Era a quinta hora da tarde e em volta de nós tudo era silêncio. Um leve sorriso esboçou-se no rosto moreno do velho Kazi quando ele falou:

- Sim, é verdade. São conhecimentos secretos que ainda não podem ser revelados à humanidade. Esta sabedoria secreta não pode ser dada a todos, pois somente poucos a compreenderão...

Houve uma longa pausa. Em seguida, na sua voz clara e metálica o lama Kazi prosseguiu:

- Embora não possa revelar esta sabedoria secreta, vou transmitir-lhe alguns ensinamentos que me foram dados pelos Mestres Ascensionados que trabalham para a evolução da humanidade.

Cheia de emoção aguardei as palavras do lama. E ele continuou:

- A Idade de Ouro da Fraternidade Divina, que está por chegar, é predestinada a ser a Expressão Natural da Unidade, Harmonia e Cooperação amorosa, entre todos os seres em evolução que vivem na terra. Vou lhe repetir as sábias palavras do bem-amado Mestre El Morya.

"Estes ensinamentos referem-se a como devemos Invocar e mentalizar as Chamas Coloridas emanadas dos raios cósmicos. Estas chamas cósmicas têm uma poderosa força de vibração positiva quando ditas em voz alta. Todas as palavras destas invocações ou apelos são calculadas para produzir uma vibração exata alcançando os planos superiores onde vivem os Mestres da Fraternidade Branca do Oriente. Eles estão sempre dispostos a enviar sua proteção a todos os seres bem intencionados que queiram difundir seus ensinamentos no mundo físico. Os tempos são chegados para que

possamos divulgar em linguagem clara algumas das principais realidades divinas.

O lama fez uma pausa. Inclinou a cabeça para a frente e, uma vez mais, senti-lhe o olhar, perscrutando-me o íntimo.

- Ouve - disse por fim, muito lenta e demoradamente - segundo nossas antigas tradições místicas, existem no plano etérico sete raios cósmicos que emitem sete chamas coloridas, cada uma de acordo com um Mestre, um Anjo ou Deva e uma cor especial. A mais importante de todas para a humanidade atual é a bem-amada Chama Violeta. Esta Chama Violeta é uma corrente de energia capacitada e adequada para captar e dissolver energias imperfeitas, de modo que elas possam, novamente, ser carregadas com a perfeição. Esta Chama Violeta é ainda uma contínua força operante de amor, misericórdia e compaixão que afasta causas criadas pelos seres humanos e cuja expansão traria as piores desgraças. Quando a humanidade chegar a esta compreensão e, conscientemente fizer uso desta Chama Violeta, ela não mais terá que sofrer, sempre e sempre, pelas causas passadas de antigos Carmas que geram infortúnios.

Até há pouco tempo esta Chama Violeta só era conhecida nos Santuários, nos Templos Etéricos de Luz dos Mestres Ascensionados. Como o tempo é curto e determinadas coisas deverão ser concluídas, estes conhecimentos foram trazidos ao mundo externo onde todos poderão adquirir, usar e viver a liberdade.

No ano do Cavalo de Madeira (1954) começará a Era da liberdade para Terra! Estamos atravessando agora, uma época bastante especial na história do nosso planeta onde deve e vai reinar eternamente, a Liberdade. Quer dizer: a energia que envolve a humanidade e a atmosfera - que está carregada de impurezas, discórdias e maldades - será transformada pela divina Chama Violeta; quando isto for conseguido, o homem será, novamente, LIVRE. Poderá receber instruções diretamente de sua Presença Divina EU SOU e das Ascensionadas Legiões de Luz. Portanto, todos receberão a liberdade, não somente os humanos, mas também o reino dos elementais, as criaturas quadrúpedes e tudo o que vive, passarão a existir como era no princípio dos tempos, a Vontade de Deus se manifestará em amor, paz, harmonia e liberdade.

O Grande Mestre Ascensionado SAINT GERMAIN é o Ser que dirige os dois mil anos já iniciados desta Era de Liberdade. Ele já viveu outrora no Oriente com outros nomes, e agora sua gigantesca missão é libertar todos os viventes, como também a Terra, e isto será realizado por meio da Chama Violeta. Separadamente e em grupos, as pessoas apelam desejando dissolver toda criação inferior que obscurecer a luz dos homens.

Se apelamos para nossa Presença Divina "EU SOU" e ao Mestre Ascensionado Saint Germain para chamejar a Chama Violeta através de nós, ele começará a afastar todas as criações negativas, em nossos corpos do sentimento, do pensamento, etérico e físico; iremos constatar uma acentuada leveza e expansão em nossos sentimentos, uma notável clareza

em nossos sentidos e mudanças sutis em nosso corpo físico. Alguns discípulos veem esta Chama Violeta quando apelam por auxílio; outros, a sentem. Mas mesmo quando não a vemos ela está agindo sobre nós. Parece ser invisível, mas chegamos a ver as coisas mais importantes da vida? Não são visíveis aos nossos olhos a vida a eletricidade, o amor, o ódio e a paz. No entanto são bem reais os seus efeitos...

O uso diário da divina Chama Violeta pode afastar muita coisa que está acontecendo em nosso mundo. Mas, talvez deva ser esclarecido que, quando empregamos sinceramente a Chama Violeta e "acontecem" pequenos efeitos - isto não quer dizer que a Chama Violeta não faça a obra completa; significa que as nossas criações humanas vêm à luz antes que as tenhamos dissolvido!

O Emprego da palavra EU SOU em todos os apelos das Chamas Cósmicas é muito importante. Ela é a chave da vida, das vibrações divinas e da energia que produz a perfeição, individual, nacional ou internacional. Pelo emprego desta frase "BEM-AMADA PRESENÇA DIVINA EU SOU EM MIM", todos nossos problemas podem ser consumidos pela Chama Violeta. Estas palavras seguidas dos apelos devem ser pronunciadas em voz alta, firme, para que o poder vibratório do som criador se manifeste no plano físico. Os Mestres, os Anjos, Elohim ou Filhos de Deus, Devas e Arcanjos nada podem fazer por nós se não os chamarmos em voz alta, pois eles não têm a palavra, o verbo que vibra e que faz vibrar a matéria em torno dos seres e das coisas que eles querem purificar, com as Chamas Cósmicas.

Estes apelos às Chamas Cósmicas não são como uma prece comum, pela qual pedimos uma graça a um determinado santo, sem estabelecer maior vibração com os planos superiores.

A oração comum é um conjunto de palavras, criando uma forma mental que atrai o santo invocado.

Os apelos às Chamas Cósmicas e aos Mestres Ascensionados que as dirigem, ajudam a desdobrar a consciência, erguendo-a, a planos etéricos mais sutis, onde as vibrações são diferentes e que podem nos dar rosas ou espinhos, poderes ou perigos...

É preciso que você compreenda que há muita diferença entre retirarmos nossa consciência do plano físico e atuarmos num nível mental superior, ou ficarmos passivamente orando, com a mente ligada ao plano físico, esperando ajuda dos santos. A ciência oculta exige de seus adeptos muito mais do que a prece comum. O caminho do ocultismo é estreito "como o fio de uma navalha", mas o verdadeiro iniciado conhece o caminho do fio da navalha, e pode percorrê-lo sem nenhum perigo...

Existem sete raios cósmicos que emanam da Divindade Suprema. Para cada dia da semana, existem um Ehohim ou Filho de Deus, um Arcanjo e um Chohan ou Mestre que se dedicam ao serviço de irradiação da luz de um dos Sete Raios Cósmicos, aquela Luz que, também, forma o corpo causal de cada pessoa.

Domingo - Primeiro Raio

Chama Azul-rei com raios brancos cristalinos. Suas Virtudes são a Fé, Força, Poder, Proteção, Vontade Divina. Este primeiro raio azul é regido pelo bem-amado Mestre El Morya, pelo Arcanjo Miguel, Elohim Hércules e seu complemento divino Amazon.

Todos os juízes, governantes e reis estão em harmonia com este raio azul do poder e da vontade de Deus.

Segunda-feira: Segundo Raio, Amarelo-Dourado.

Suas virtudes são a Sabedoria e Iluminação. Este segundo raio cósmico é regido pelo Mestre Ascensionado Kuthumi e pelo Mestre Lanto, pelo Arcanjo Jofiel e pelo bem-amado Elohim Cassiopeia. Todos aqueles que se dedicam ao estudo da ciência, os professores, instrutores têm em seus corpos astrais uma larga faixa dourada correspondente a este raio.

Terça-feira - Terceiro Raio. Chama Rosa.

Suas virtudes são o Puro Amor Divino, Reverência e Adoração, Beleza e Tolerância.

Este raio ou chama rosa é regido pelo bem-amado Mestre Paulo, o Veneziano, pela Mestra Rowena, Arcanjos Samuel e Cáritas, Elohim Órion e Angélica. Este raio ou chama cósmica rege todos aqueles que amam a delicadeza e a beleza. Quando invocamos esta chama e a mentalizamos ou imaginamos que a estamos vendo em volta de alguém, esta pessoa sempre se beneficiará e ficará mais harmoniosa e feliz.

Quarta-feira - Quarto Raio. Chama Branco-cristal.

Suas virtudes são a Pureza, Artes, Ressurreição e Ascensão.

Este quarto raio branco é regido pelo Mestre Ascensionado Serapis Bey, que em épocas remotíssimas, antes das primeiras dinastias faraônicas, foi rei do Egito e chamou-se Saofis. Junto com ele trabalham os grandes Elohim Claire e Astreia, e o Arcanjo Gabriel. Esta Chama Branco-cristal tem o poder de ascensionar qualquer situação em que nos encontramos, ascensionando toda limitação e levando-a à perfeição.

Quando em seu mundo apresentarem-se situações difíceis, quando sua alma estiver deprimida, quando surgir um abatimento ou desânimo profundo, quando apresentarem-se situações financeiras em declínio, faça um apelo à Fraternidade de Luxor regida pelo Mestre Serapis Bey. Peça que ele lhe envie a Chama Branca da Ascensão, fazendo ascensionar toda força de expansão e alegria, retornando tudo à bem-aventurança e harmonia. A Chama Branca da Ascensão é um antídoto maravilhoso contra a depressão, seja individual ou coletiva.

Quinta-feira - Quinto Raio.

Chama Verde com raios dourados. Suas virtudes são as da Cura, verdade, dedicação e concentração. Ela é regida pelo bem-amado Mestre Hilarion, ajudado pelo Arcanjo Rafael e seu complemento divino Mãe Maria, e pelo Grande Elohim Vista ou Ciclope o Olho Divino que tudo vê.

A este raio verde como a folha da erva, pertencem todos os médicos, enfermeiras e irmãs de caridade que se dedicam à cura.

Sexta-feira - Sexto Raio. Chama Rubi com Dourado.

Suas virtudes são a Paz, Devoção, Misericórdia e também Curas.

Este sexto raio cósmico é regido pelo bem-amado Mestre Ascensionado Jesus Cristo - que segundo provam nossos livros santos - também foi iniciado nos templos tibetanos.

Juntamente com o meigo Jesus trabalham neste raio a mestra Nada, o Arcanjo Uriel e o Elohim Tranquilas. Todos os monges e monjas católicos ou não, pertencem a este sexto raio da devoção crística.

Sábado - Sétimo Raio

Chama Violeta. Suas virtudes são o Amor, Misericórdia, Compaixão, Transmutação e Liberdade. Esta divina Chama Violeta tem o dom de queimar o nosso Carma desta e de outras vidas, purificando nosso corpo físico e nossos corpos inferiores. Ademais, tem também o dom da cura. O Sétimo Raio Cósmico é regido pelo bem-amado Mestre Saint Germain, que numa de suas numerosas encarnações anteriores foi S. José, o doce carpinteiro pai de Jesus. Juntamente com ele trabalham no sétimo raio cósmico o Arcanjo Ezequiel e o Elohim Arcturos.

Quanto mais utilizarmos os apelos e as mentalizações das Chamas Cósmicas, mais elas nos protegerão e elevarão espiritualmente.

Agora, vou ensiná-la a fazer o apelo do Manto de luz Branca, ou tubo de luz eletrônica. Repita comigo em voz alta:

Ó Tu, Presença Infinita do Cosmos em meu coração!

Projeta em volta de mim um longo tubo branco de luz eletrônica. Torna-o tão possante que nenhum malefício possa tocá-lo.

Faz com que eu seja invulnerável a tudo o que não é teu poder, a tudo o que não é teu amor, tua sabedoria.

Graças vos dou, Presença Infinita do Cosmos, pois atendestes à minha invocação!

Imagine um longo tubo de luz branca em volta do seu corpo, a um metro e meio de distância.

- Obedeci. Como estava acostumada a constantes mentalizações, consegui ver diante de mim o tubo de luz eletrônica. Mais tarde soube que mesmo que eu não pudesse ver o tubo de luz, bastaria que eu o imaginasse, facilitando assim a mentalização para quem não está habituado.

Prossigamos - falou o Lama Kazi, percebendo que a minha visão espiritual estava aberta. Nós, lamas tibetanos, conhecemos muitas palavras especiais para invocarmos a Presença Divina. Entre estas encontra-se a palavra sagrada "EU SOU", que significa a atividade plena do Pai Celestial. EU SOU tem um grande poder vibratório e por isso foi usada pelo Mestre Jesus quando disse: EU SOU o caminho, a verdade e a vida...

Agora, repete e aprende esta segunda invocação:

Ó Tu, Presença do Pai Celestial
em meu coração!

Ó Sanat Kumara, ergue um poderoso
tubo de Chamas Azuis em volta do
meu tubo de luz branca.

Que ele seja uma proteção
contra todos os malefícios.
Conserva-o eternamente em volta
de todas as criaturas até que a
humanidade inteira encontre
a libertação pela ascensão espiritual!
Eu te agradeço Pai Celestial.
EU SOU EU SOU EU SOU
EU SOU EU SOU EU SOU
Eu sou o EU SOU.

Após uma breve pausa o lama Kazi continuou falando: Em volta do tubo de luz eletrônica branca, imagine agora que vem pousar um espesso tubo de chamas azuis, que aumentam o poder do tubo branco.

Com os olhos fechados mentalizei o tubo de chamas azuis e logo senti sua doce vibração passar pelo meu corpo físico e meus corpos inferiores.

- Continuemos - disse Kazi - E com cáldo timbre fez outro apelo:

Ó Tu Presença Infinita do Pai

Celestial que estás no meu coração!

Ó Marte, nosso planeta irmão, ó Mestres

Excelsos do espaço, conjugai vossos poderes

para nos proteger, para dispor em volta de nós, um tubo invencível de luz azul. Faz com que subam estas luzes cintilantes até a oitava dos Mestres Ascensionados e dos Grandes Seres da Hierarquia Divina.

Que estas luzes santas brilhem deslumbrantemente e que destruam as influências maléficas que tentarem nos atacar!

EU SOU EU SOU EU SOU.

Eu vos agradeço, Marte, meu irmão e

todos os bem-amados Mestres invisíveis!

Agora, imagine que em volta do seu tubo de luz azul, há um tubo de chamas rosadas. Estas chamas sobem bem alto e vão ter à presença dos Mestres da Fraternidade Branca do Oriente. Em silêncio, obedeci a todas as sugestões do lama Kazi. Quando sua voz voltou a soar era como se tivesse um timbre celestial.

Invocaremos agora a divina Chama Violeta, que conforme já lhe disse, tem o poder de consumir nosso Carma. Esta Chama Violeta deve ser mentalizada sobre nossos amigos e parentes, e bem como sobre nossos inimigos, pois ela os envolve, protege e purifica. Podemos ainda enviar ondas de Chamas Violetas para beneficiar os rios, os lagos, os mares, vales e montanhas, bosques e matas, casas e jardins. Podemos ainda envolver com a Chama Violeta todos os animais e em especial nossos animais de estimação, que assim sobem na escala da evolução. A Chama Violeta purifica tudo em que toca, liberta também os pequenos seres elementais da quarta dimensão: gnomos, fadas, duendes, sílfides, salamandras e ondinas...

Novamente o lama Kazi reatou o fio dos seus apelos:

Chama Violeta do Grande Sol Central!

Chama Violeta do Grande Sol Central!
Chama Violeta do Grande Sol Central!
Desce em meu coração
desce em minha alma
desce sobre o meu corpo físico e espiritual,
desce sobre toda a natureza.
Desce sobre toda a humanidade,
Desce, desce, desce.

Defende-me, defende-me, defende-me!

Toma posse de todo o meu ser!

EU SOU EU SOU EU SOU

EU SOU EU SOU EU SOU

Pai Celestial, eu sou EU SOU!

Agora, imagine que está envolta por um pilar de Chama Violeta, que brota do chão e vai até sua cabeça. Sinta que ela consome todos os seus erros desta e de outras vidas, todos os maus pensamentos, tudo o que é impuro... Mantive minha atenção calma e concentrada na divina Chama Violeta. Imaginei que ela subia pelos meus pés, e envolvia todo o meu corpo, dando a impressão de um leve calor, muito suave e agradável.

Com grande fervor repeti com Kazi um outro apelo:

Bem-amada Presença Divina EU SOU em mim,

Bem-amado Arcanjo Ezequiel, Bem-Amado

Elohim Arcturos e Vós, Bem-Amadas Divindades que manejaís o Fogo Violeta para a Terra!

Eu vos amo, eu vos abençoo!

Agradeço por vossa assistência a mim e
a toda humanidade. Em nome da Bem-Amada

Presença Divina EU SOU em mim e de toda

a humanidade e através da força magnética
do Fogo Sagrado, com o qual estou investido,

apelo por Vós como sacerdote da Ordem de Ezequiel: Bem-Amados Anjos da Chama Violeta, Bem-Amados Anjos da Chama Violeta, Bem-Amados Anjos da Chama Violeta, vinde, vinde, vinde e flamejai o fogo violeta do amor pela liberdade, através da minha aura, de meu mundo dos sentimentos e pensamentos, através do meu corpo físico, através do meu lar, meus negócios, minhas finanças e interesses.

Fazei isto para toda vida deste planeta, até
que sejam dissolvidos e transmutados as causas e os germens da criação humana, na Pureza e Perfeição. A Terra em verdade é uma Estrela Sagrada e Livre!

Eu vos agradeço por terdes atendido às
súplicas de meu coração. O Fogo Violeta
do Amor pela Liberdade nunca falha em
trazer a Pureza e a Perfeição.

Eu Sou a Chama Violeta!

Por algum tempo ficamos ali parados, com os olhos fechados, sentindo a vibração das chamas cósmicas. Afinal, ouvi o lama Kazi dizer calmamente:

- Vou lhe falar agora sobre a lei da Precipitação ou Criação, treinando suas ondas cerebrais para pensar na terceira dimensão e atuar na quarta. Estes ensinamentos foram revelados pelo bem-amado Maha Chohan, o Mestre Ascensionado Paulo, o Veneziano, um dos mais importantes membros da Fraternidade Branca do Oriente.

"A luz eletrônica que preenche o Universo, contém o núcleo central da chama azul branca cristalina, pertencente ao primeiro raio cósmico. Ela está no coração dos seres humanos formando a divina Chama Trina: azul, dourada e rosa. Esta Chama trina pode multiplicar-se a si mesma, sem limite, e produzir novos pontos de consciência em qualquer parte do mundo.

Eis aqui os quatro passos necessários para criar o átomo permanente do seu desejo no plano físico, desde que seja um desejo altruísta e bom. Caso contrário a luz eletrônica da chama trina não se manifestará e o desejo não é realizado.

O primeiro passo é o seguinte: Encontre uma posição confortável e relaxe seu corpo completamente.

Agora, faça um quadro mental daquilo que deseja realizar. Sinta que do seu coração brota um lindo raio rosa, que representa o poder coesivo do amor.

Imagine que o seu quadro mental está emoldurado por uma linda luz dourada cintilante. Do alto da sua cabeça brota este raio dourado, que é o quadro mental da Luz Divina, criador do plano divino em uma matriz, um molde.

Sinta que da sua garganta brota um raio azul que dá força ao seu desejo, durabilidade e habilidade para manter-se inalterável à desintegração do mundo exterior.

Agora estes raios, rosa, dourado e azul convergem para dentro de você mesma, realizando assim o seu desejo no nível mental exterior.

Os elétrons, quando fluem da Presença Divina EU SOU para o coração físico, contêm dentro de si o Fogo Criador. Cada Elétron pode tornar-se o núcleo de qualquer forma que a pessoa queira trazer à realidade. Assim este elétron pode tornar-se o núcleo de qualquer forma, a semente de uma ideia espiritual.

Através desta mentalização o elétron que entra no coração e se torna parte da emanção de vida de uma inteligência autoconsciente pode projetar-se na Substância Eletrônica e, em torno de uma minúscula partícula do Fogo da Criação, congrega parte desta substância Universal.

Toda criação é Trina daí termos que usar as três chamas ou três raios coloridos que descem para o coração, e sobe através da garganta e cabeça.

A Luz Eletrônica desce para o nosso coração que é a taça que recebe a luz, e então de acordo com o plano divino, os elétrons sobem novamente, atravessando a garganta até a cabeça. Isto faz funcionar mais ativamente os chakras ou centros vitais da garganta e do alto da cabeça.

Fazendo esta mentalização diariamente várias vezes por dia, você

conseguirá realizar seus objetivos no plano físico.

E agora, com profundo amor e reverência, ao nosso Bem-Amado Mestre Maha Choham vou repetir-lhe ainda outro ensinamento de Mestre El Morya, sobre a Transmissão das Chamas, para expandir, aqui na Terra, as potentes energias irradiadas dos Santuários dos Mestres Ascensionados. Graças ao seu conselho e sua orientação, este ensinamento pode ser divulgado na Terra.

Imagine que no centro do seu coração existem três chamas coloridas em forma de três grandes pétalas. Uma é azul, outra é dourada e outra é rosa. Estas três Chamas coloridas formam a Chama Trina que vive no coração de cada ser humano. Ela é a força purificadora do amor divino e da libertadora Chama Violeta. Pois a Chama Trina desdobra-se em sete. Esta Chama Trina de nossos corações tem o poder de sublimar as energias inferiores.

Agora, fique em pé, com a coluna reta e os braços caídos naturalmente ao longo do corpo.

Respire fundo e silenciosamente pelas duas narinas.

Imagine que está absorvendo todas as impurezas do seu corpo físico e de seus quatro corpos inferiores.

Retenha a respiração o mais que puder.

Durante a retenção imagine que está purificando estas impurezas nas Chamas azul, dourada e rosa que vivem dentro do seu coração.

Exale a energia já purificada e convide-a a voltar ao seu corpo já transformada.

Retenha a respiração fora do seu corpo e envie esta energia purificada a toda a humanidade.

Assim cada exalação purificada da sua respiração vai beneficiar toda a humanidade. Este último tempo da respiração pertence ao Serviço Cósmico dos Mestres Ascensionados. Chama-se respiração projetada para abençoar o mundo.

Este exercício respiratório da Transmissão das Chamas deverá ser feito todos os dias, pela manhã ao acordar.

É uma respiração dividida em quatro tempos. A inalação lhe parecerá relativamente fácil. A retenção também é simples enquanto envia seu pensamento com as energias impuras, à Chama Trina do seu coração. Na exalação, você deve prestar toda atenção quando exala a energia purificada e a convida a voltar ao seu corpo. No momento da respiração projetada você deve sustentá-la e enviá-la pura e perfeita ao mundo em geral. Portanto, pense nestas quatro fases: inalar, reter, exalar, reter. É imprescindível que tenha sobrado bastante para poder abençoar o mundo.

O último ritmo, ou respiração projetada, pertence ao uso, ou Serviço Cósmico dos Mestres Ascensionados.

Com a continuação do exercício sua respiração ficará cada vez mais forte, e poderá, sem esforço, projetá-la tranquilamente para trazer a bênção a você e ao seu próximo. Isto é um maravilhoso processo que a fará progredir espiritualmente e lhe trará equilíbrio e paz. Se várias vezes ao dia e também

à noite, antes de dormir, você quiser dedicar alguns momentos a esses exercícios, você sentirá uma considerável mudança em sua vida.

Após uma breve pausa o lama Kazi continuou:

Segundo uma mensagem do bem-amado Mestre El Morya, "nossa vida ainda contém muitos apontamentos negativos de outras encarnações que poderão ser totalmente sublimados, esquecidos e apagados se usarmos intensamente e concentradamente a purificadora Chama Violeta. Nesta mensagem o Mestre apresenta um valioso exercício de mentalização que com a devida vênua passo a revelar:

Em sua visualização imagine que está segurando com a mão direita, um archote em cuja ponta flameja uma grande Chama Violeta. Em pensamento plante este archote fundo e firme no chão. Avive com sua respiração o poder de atividade da Chama até tornar-se uma gigantesca fogueira, maior do que você mesma. Agora, penetre dentro d'este fogo violeta. Sinta em você o vivente efeito como se estivesse dentro de uma fonte de calor, porém suave e brando; penetrando em você com suas irradiações benéficas e libertadoras. Elas purificam seu corpo físico e seus corpos inferiores, dissolvem todas as trevas e máculas desagradáveis; todo desejo negativo; são, também, dissolvidos todos os pensamentos perturbadores e obstinados, mágoas e ressentimentos.

Você pode erigir e manter permanentemente em seu lar um Foco de Irradiação semelhante. E sempre que desejar, poderá penetrar diretamente no Fogo Violeta e até mesmo, apenas imaginando que assim é.

Se esta experiência for aceita positivamente pelos discípulos, então, serão dados em sequência, outros exercícios para que a força e o poder da visualização sejam incentivados.

Repita comigo o Apelo à Tocha da Chama Violeta:

Em nome da Bem-Amada Presença Divina EU SOU, apelo por vós, Bem-Amado Mestre Saint Germain: neste momento eu visualizo uma Tocha de Chama Violeta (levante a mão direita como se tivesse segurando uma tocha) esta é a Tocha que purifica a todos e a tudo...

Agora eu deposito esta Tocha de Chama Violeta aqui no solo (fazer o gesto). Avivo com minha respiração o poder da atividade da Chama expandindo-se, expandindo-se, abrangendo, purificando e curando a tudo e a todos...

Entro agora no centro desta Chama Violeta (dê um passo como se entrasse realmente) e sinto esta Chama penetrando-me completamente e purificando todos os meus corpos inferiores (físico, etérico, emocional e mental) célula por célula, átomo por átomo...

Sinto também esta Chama Violeta transmutando todos os meus Carmas de vidas passadas e presente, curando-me de toda doença ou deficiência, renovando-me completamente, tornando-me assim, uma nova criatura em Cristo...

Agora eu retomo esta Tocha de Chama Violeta (faça o gesto) e em nome de Saint Germain eu a lanço ao Universo (faça o gesto) para que sejam purificados todos os Carmas de vidas passadas e presente da humanidade

em geral e sejam curadas todas as suas doenças e deficiências, de modo que em todo lugar e em toda a parte, haja perfeição, paz, sabedoria, santidade, amor, sanidade e pureza.

E assim será!

Eu vos agradeço".

Terminado o apelo, o lama Kazi sorriu, mandou que eu sentasse num almofadão perto dele e falou:

- Esta foi a fase final da tua iniciação. Agora, teu corpo é um canal da Divindade. Lembra-te sempre disto e procura conservá-lo livre, para não impedires a manifestação do Pai dentro do santuário do teu próprio ser.

Já fiz descer sobre ti os fluxos cósmicos abençoadores. Assim como me iniciaram eu te iniciei. Mas não penses que atingistes o Mestrado nem que aqui termina tua iniciação. Diante de ti está o mundo e ele será teu grande mestre. Sei que mais tarde, depois que voltares ao Ocidente, sucumbirás a muitas atrações mundanas... talvez esqueças alguns dos ensinamentos que te foram dados aqui. .. para além do tempo vejo que sofrerás muitas calúnias ... traições ... sentirás muita solidão... envelhecerás sozinha... e então, depois de muito sofrer cumprirás tua missão espiritual. Não te aflijas, porque tuas quedas são necessárias para que possas sentir a dor do erro e a doçura do triunfo... Ficarás tão só que te sentirás perdida no meio da multidão. Poucos amigos ficarão contigo... mas tua grande salvação será a Chama Violeta... somente ela te libertará quando chegar a hora das grandes mágoas...

Baixei os olhos comovida, enquanto o lama prosseguia:

- Agora vou ensinar-te uma invocação de proteção pessoal que também serve para toda pessoa que o fizer sinceramente. Trata-se do autopasse magnético de purificação com a Chama Violeta. Levante-se e estenda as mãos abertas para o alto como se estivesse recebendo bênçãos.

Agora repita em voz alta:

Bem-Amada Presença Divina Eu Sou em mim, Bem-Amado Mestre Ascensionado Saint Germain, purificai, purificai, purificai estas mãos com a transformadora Chama Violeta!

(Passe as mãos da cabeça aos pés e sacuda-as enquanto diz:) Retirai do meu corpo toda substância impura e escura e pegajosa e transformai-a com a Chama Violeta!

(Passe as mãos pelo lado esquerdo, depois pelo lado direito, sempre sacudindo os dedos e as mãos para expelir a energia negativa.) Repita as palavras e os movimentos sete vezes e termine dizendo em voz alta:

Bem-amada Presença Divina Eu Sou em mim, bem-amado Mestre Saint Germain, purificai, purificai, purificai esta energia e transformai-a em paz, saúde, alegria, prosperidade e sabedoria para mim e para toda humanidade!

Terminado o passe magnético da Chama Violeta, senti um grande bem-estar. Voltamos a nos sentar sobre os almofadões e o lama Kazi explicou:

- Com este passe magnético podemos limpar completamente nosso corpo das más vibrações. Um vidente poderá ver sair de nosso corpo uma substância escura e pegajosa que estava aderida em nossa aura. Praticando

este passe diariamente, ficaremos com nossos corpos espiritualmente limpos.

Houve um breve silêncio. Um vento suave entrou pela janela e agitou as longas mangas da túnica amarela do lama.

- Pequenininha irmã, divulga estes ensinamentos nos teus escritos. Mentalizei tua vinda aqui hoje, para que a sós, eu pudesse transmitir esta iniciação final.

- Honrável lama - disse eu - por favor fale um pouco mais sobre meu futuro no Ocidente!

- Pouco é o que posso revelar... para além do tempo meus pobres olhos veem algumas alegrias e muitos sofrimentos... reencontrarás aquele a quem amaste em outras vidas... viajarão juntos por terras estrangeiras... mas após vinte anos o perderás... serás mãe de cinco filhos homens, mas todos com Carma muito curto... Terás uma linda mansão oriental, junto a um lago dos lótus brancos além das Montanhas do Poente... e a perderás... viverás algum tempo em terras altas e frias no teu país, numa outra mansão feita com lágrimas... serás caluniada e traída por quase todos os amigos... só te restará a Chama Violeta... depois... um dia... irás viver sozinha, longe do lugar onde nasceste... numa pequena cidade perto do mar, numa casinha branca e simples rodeada de flores... trabalharás, escreverás muitos livros, sofrerás e aprenderás a ser humilde... então... quando tiveres cerca de sessenta e cinco anos, é possível que voltes ao Grande Além e reencontres a paz ...

E erguendo a mão direita, o lama Kazi abençoou-me dando por encerrado nosso encontro.

Última Visão da Cidade Proibida

Deixamos Lhasa no quinto dia da primeira Lua das Faias Amarelas. Foi nas primeiras horas da manhã que saímos da rua Dekyi Lingka, cruzamos o mercado, as lojas do quarteirão de Sho e afinal chegamos às margens do rio Xyi. Deixávamos a cidade sagrada de Lhasa talvez para sempre, iniciando nossa longa viagem de volta ao mundo ocidental. Levamos pouco tempo para alcançar o lugar do embarque. Dali em diante íamos atravessar cerca de sessenta milhas através do rio, até chegar à junção de suas águas com o famoso rio Tsang Po.

Senti uma certa nostalgia quando a grande barca quadrada começou a mover-se, ao ritmo da canção bizarra dos remadores. A cidade dos deuses foi ficando distante. O enorme palácio Potala e a bela colina de Chakpori, com seu imponente Colégio de Medicina os templos da Cerca da Rosa Silvestre e do Montão de Arroz, logo diminuíram de tamanho. Talvez do alto de alguma janela do Templo de Chakpori, meu amigo e mestre, o lama Kazi, me acenasse um adeus...

Muita coisa ocorreu no Oriente e no mundo desde o dia em que deixamos pela última vez o País das Neves. Cumpre dizer que escrevi este livro há quase trinta anos atrás (esta edição é de 1978 - NR), logo após minha chegada ao Brasil. Os originais ficaram guardados, adormecidos na gaveta de minha mesa de trabalho, confundidos com a minha papelada. Creio que me faltava estímulo para publicá-lo, pois sabia que naquela época o livro causaria um impacto na mente dos leitores, que faziam do Tibete uma visão de maravilha, quando a realidade é bem outra...

Hoje, resolvi trazer a público esta nova edição, acrescida de muitos ensinamentos que antes não podiam ser divulgados. Daquela época distante em que estive no Tibete, que evoco a cada momento, não posso deixar de assinalar o fatal cumprimento de profecia do 13º Dalai Lama que morreu em 1924, cujas palavras transcrevo nesta obra. Como é do conhecimento geral, em maio de 1950, o Tibete foi invadido pelas tropas chinesas. O atual rei lama, o 14º Dalai, fugiu para Tzepur - última estação antes dos Himalaias - fronteira da Índia com o Tibete. Voltou de novo à sua pátria, para anos depois fugir outra vez para a Índia, em 1959, onde permanece até hoje. Esta fuga ocasionou uma forte alteração entre o Governo indiano e o Governo chinês, fato que culminou com um ataque das tropas chinesas à Índia em 1962, chegando depois os dois países a um acordo de paz.

De Paris, nosso amigo Pierre Julien Lafoil envia uma reportagem sobre o último Dalai Lama, que refugiado há dezoito anos no nordeste da Índia, ainda é o chefe espiritual de oitenta e cinco mil tibetanos que o acompanharam no exílio. E nesta reportagem ele diz:

- Eu sou o último Dalai Lama!

Protegido pela polícia, por guarda-costas e pelo exército indiano, o Dalai Lama, sabe que suas esperanças de ganhar a batalha pela volta ao Tibete, são remotas. O rei-deus, atualmente com quarenta e um anos, diz que será o último da sua espécie, e que a era dos reis-deuses terminará com ele...

O cenário onde ele vive parece saído de um conto de fadas: acolchoados de nuvens flutuam no céu de um azul pálido maravilhoso. No ponto de encontro entre o céu azul e a terra, enormes montanhas nevadas brilham na luz branca e dourada do entardecer. Da colina poeirenta que atravessamos, sobem ocasionalmente algumas vozes e latidos de cães, são os Lhasa-apso - os cães sagrados do Dalai...

Fora isto, tudo é silêncio. Perante nossos olhos erguem-se colinas verdejantes, por trás das quais se elevam gigantescas montanhas de gelo cristalino. Numa destas colinas fica a casa do Dalai Lama, tão inacessível, aparentemente, como um ninho de águia. Mas o castelo deste conto de fadas é uma verdadeira armadilha. A estrada na montanha é íngreme e tortuosa, e conduz à casa de telhado verde, e termina num beco sem saída. A estrada é tão estreita que um único soldado armado pode bloqueá-la completamente.

Há nos arredores muita gente armada. Por toda parte, soldados, soldados e mais soldados. A estrada atravessa dezoito quilômetros de território militar.

Depois, vem um vilarejo, onde a polícia secreta se sente perfeitamente em casa.

O nome do vilarejo é Dharamsala, o que, na linguagem budista, significa uma casa que pode ser utilizada por qualquer peregrino - uma casa-asilo - para os mais pobres dos fiéis. Em Dharamsala vive um homem que os budistas consideram o ser mais crente de todos os crentes, o Dalai Lama, o rei-deus dos tibetanos. Ele e dez mil de seus adeptos fugiram em 1959 do exército de ocupação da China comunista, indo para a Índia. Há duas versões. Segundo uma dessas versões, os anfitriões indianos teriam trazido o Dalai Lama para aquele vilarejo isolado no Nordeste do país para protegê-lo da eventual vingança dos agentes chineses. Mas, de acordo com a outra, os indianos teriam enviado seu hóspede eminente àquele lugar afastado para que sua presença não atrapalhasse as negociações de paz entre a Índia e a China comunista.

O Dalai Lama não governa mais o Teto do Mundo, mas vive praticamente enclausurado naquela floresta de ares puríssimos. E não pode sair de lá, a não ser quando o protocolo o permite. O protocolo é o governo da Índia, que cuida do Dalai. A Índia não reconhece o governo no exílio do Dalai Lama, como aliás não o reconhece nenhum país do mundo ...

Mas o governo indiano se sente responsável por ele, paga-lhe uma diária de cerca de 20 rúpias (uns 40 cruzeiros) e põe à sua disposição os soldados e a polícia secreta que guardam sua residência chamada "Barco da Fé", vinte e quatro horas por dia.

É a única casa que não tem número. Os tibetanos compraram-na de um rico comerciante indiano, com toda a preciosa mobília antiga. Ela comporta dependências para empregados e um templo anexo às celas de um mosteiro. A casa sozinha é um verdadeiro povoado, e em tibetano é chamada "Thekchen Choeling" - o Barco da Fé. A julgar pela quantidade de soldados deve ser um verdadeiro barco de guerra também...

Um soldado indiano, magro e moreno, usando um turbante amarelo, é o primeiro a nos barrar o caminho. Três guarda-costas do Dalai se aproximam. Na casa de guarda estão sentados três agentes da polícia secreta indiana. Somos obrigados a preencher questionários, explicando o sentido e o objetivo de nossa visita ao Dalai. O questionário deve ser preenchido em três vias. Depois disso, os guarda-costas nos acompanham até a sala de audiências. De longe, e muito discretamente, somos seguidos por agentes indianos à paisana, os quais, por sua vez, são seguidos por tibetanos disfarçados à sombra de árvores, que exalam um perfume intenso.

E então, de repente, há paz e silêncio. Ao fundo, homens de cabeça descoberta e túnicas amarelas passam silenciosamente. Uma lareira de ferro está acesa no centro da sala de audiências. Dharamsala está situada a 1.800 metros de altitude.

São exatamente 10 horas da manhã. Na sala de conferências à nossa direita, outra lareira de ferro acesa. Há quatro homens esperando, com seus uniformes surrados de algodão azul-cinza. Estão sentados num sofá

acolchoado cheio de almofadões.

O ministério do governo do Tibete no exílio está em sessão. Entre os Ministros da segurança, religião, finanças, economia e educação está sentada Sua Santidade o Dalai, chefe espiritual e ao mesmo tempo primeiro Ministro.

Com sua túnica cor de vinho sem mangas, sua estola de seda amarela sobre o ombro direito, seu relógio de pulso suíço, o décimo quarto Dalai Lama é o único ponto colorido nesta conferência de personalidades grisalhas.

O pulso apoiado na testa, o braço direito mostrando as marcas de varíola, ele é a própria imagem do "O Pensador", de Rodin. Nenhum gesto, nenhum sussurro. Os ministros fazem exposições sobre o déficit do orçamento, os trabalhos de reparação necessários, as perspectivas de penúria na Colônia de Mysor, no sul da Índia. Eles falam em tibetano, e Tenzin Geyche, o secretário particular do Dalai, dá algumas breves explicações sobre o que está acontecendo na reunião. A julgar pelos semblantes fechados dos ministros eles parecem estar tratando do bem-estar universal. Nada indica que eles não representam os seis milhões de tibetanos, quando na realidade eles só governam seus oitenta e cinco mil súditos que fugiram para a Índia. São homens do antigo regime. Ocasionalmente, o Dalai surpreende quando toma a palavra. Ele levanta a cabeça e fala num tom suave, mas intenso, como se estivesse cantando uma canção, e vai sublinhando as palavras com seu indicador direito e algumas vezes explode em gostosa gargalhada.

Os ministros tomam a liberdade de sorrir. Antigamente, em Lhasa, capital do estado feudal do Tibete, eles não ousariam nem mesmo levantar os olhos para o Dalai. Somente os membros das três mais altas, das sete classes nobres, tinham permissão de se dirigir ao rei-deus no trono do Leão, e, naturalmente, somente quando eram especialmente convidados. Dezoito anos no exílio não podem extirpar uma tradição que, durante quatrocentos anos, foi fortalecida pela fé e pela lei. Este homem, que parece ser humano, é na realidade, segundo a crença tibetana, a encarnação do deus Avalokiteshvara - o deus da Bondade e da Misericórdia. Mesmo os ministros às vezes se prostram aos seus pés.

É possível que tudo isto represente para o Dalai um grande peso.

Quando ele tinha uns 14 ou 15 anos, e já era considerado como rei-deus, tomou plena consciência da realidade do mundo moderno ao inaugurar a luz elétrica e a força na cidade medieval de Lhasa. Por esta ocasião, ele pôde assistir a alguns filmes ocidentais, coisa absolutamente inédita no Tibete, e notou então o quanto seu regime era ultrapassado. Atualmente, ele retira delicadamente os pés do alcance de todos os crentes que fazem menção de querer beijá-los, e ajuda rapidamente o fiel a se levantar.

Os políticos tibetanos da velha guarda veem com maus olhos esta mudança no protocolo. Eles continuam apegados aos velhos costumes e estão dispostos a fazer por eles os maiores sacrifícios. Os salários dos que servem ao governo tibetano no exílio são tão baixos que os próprios ministros são às vezes obrigados a vender algum tesouro de família que conseguiram levar

consigo, para poder fechar o balanço do fim do mês.

O Dalai parece cansado da tripla função que tem de exercer, como deus, sumo-sacerdote e primeiro ministro. Durante sua última aparição pública, no festival de "Kalachakra" (Roda do Temppo) na província de Ladakh, no Himalaia indiano, ele provocou um choque nos vinte e cinco mil peregrinos ao insinuar que talvez não pudesse mais permanecer muito tempo entre eles. Os assessores logo espalharam que, com aquela frase, Sua Santidade não quisera se referir à morte, mas apenas a um regime de enclausuramento ainda mais severo. Mas a declaração chocou. Uma coisa é certa: o Dalai ainda continua cumprindo sua tripla função, mas com muitas restrições. E, assim mesmo, somente porque seu povo quer que ele continue a exercê-la e porque o destino do Tibete e o da minoria sem lar que ele governa o exigem. Quando ele diz que será o último Dalai Lama, tem perfeitamente consciência do que está afirmando. Ele sabe que aquela situação não pode continuar e que seu povo deve ir se acostumando, aos poucos, à transição.

O Dalai nasceu no Tibete, numa atmosfera inteiramente medieval, e conseguiu, por seu próprio esforço, adaptar-se à realidade do mundo atual. Os observadores acreditam piamente que mais cedo ou mais tarde ele voltará ao Tibete. Ele representa, na realidade, para o país, a imagem do pai responsável, em quem todos podem ter confiança, e só ele pode reunificar esse povo profundamente dividido.

Quando o décimo terceiro Dalai morreu, dizem que sua cabeça se inclinou subitamente em direção ao Leste. Isto foi considerado como um primeiro sinal das mudanças radicais. Mais tarde nasceu um cogumelo numa das pilastras do palácio Potala e começou a crescer inclinado para o Leste. Um monge teve a visão de uma casa refletida num lago, de onde, em princípio, deveria sair a reencarnação do novo Dalai. Esta casa foi encontrada e também o menino de cinco anos que subiu ao Trono do Leão do Tibete em fevereiro de 1940 - o Ano do Dragão de Ferro -, como o décimo quarto Dalai. Mas... segundo a profecia do próprio 13º Dalai, ele seria o último rei do Tibete e o 14º Dalai seria um falso rei...

Contudo, o Ocidente recebeu o 14º Dalai como um filho perdido, por ocasião de sua fuga para a Índia. O mundo moderno vive de publicidade. O atual Dalai - falso ou não - também tem de fazer a própria publicidade em favor do seu povo. Com este objetivo, ele procura se mostrar e revelar o lado desconhecido da intimidade do rei-deus. É unicamente assim que se pode explicar o fato de ter consentido que uma equipe de jornalistas europeus e americanos o tenha acompanhado durante vários dias na intimidade de seu palácio-templo, mesmo nos aposentos privados que ninguém antes pudera visitar. O Dalai, sentado com as pernas cruzadas, em seu escritório, alimentando seus pássaros de estimação, repousando em seu leito simples e austero, protegido por uma rede de algodão e plástico. Ou com sua mãe e seu irmão, que é tenente pára-quedista do exército indiano. O Dalai lançando repelentes contra insetos e tomando ovomaltine para restaurar as forças, rezando de chinelos, brincando com relógios antigos ou tomando suas

refeições.

Ele trata com carinho as criaturas e as flores. Quando um fotógrafo queria caminhar indiscriminadamente pelo jardim, ele exclamou delicadamente: Por favor, não pise aí. É um canteiro de flores e eu acabei de semear tulipas.

Numa jaula há um coelho branco.

- Foi minha irmã quem me deu. Prefiro outros animais como gatos, porque são limpos e meio selvagens - diz o rei-deus.

Quando um fotógrafo pede para fotografar a palma de suas mãos, o Dalai fica nervoso: "Para que? Você quer mostrar as linhas de minhas mãos a alguém, para saber quanto tempo tenho ainda de vida?"

E fechou as mãos num gesto decidido.

Com o passar do tempo, sua desconfiança foi aumentando.

Quando era mais novo dizem que ele confiou um dia cerca de um milhão de cruzeiros a um homem de negócios indiano para "um investimento seguro". O homem desapareceu para sempre. O Dalai tem de financiar seu governo no exílio, e está à beira da falência. Sua decepção é muito grande. "Apesar de tudo - diz ele -, temos que aguentar firmes. Estamos investindo na Índia o que conseguimos trazer. Esperamos poder recuperar tudo isto para voltarmos à pátria. O tempo não tem importância."

O Dalai Lama mantém um relacionamento especial com o fator tempo. Quando dispõe de uma pequena folga, seu divertimento preferido é consertar relógios. Para isso possui um jogo completo de ferramentas especializadas. Quando tenta colocar uma lente de aumento no mostrador de um relógio, fica rindo de prazer, como uma criança.

A isto ficou reduzido o rei-deus do Tibete. Onde estão os seus tão propalados poderes supranormais? Onde sua grande sabedoria?"

Sem dúvida, tudo acabou. Hoje, obedecendo ao ciclo da evolução espiritual podemos dizer sem medo de errar, "é do Ocidente que virá a luz!".

FIM